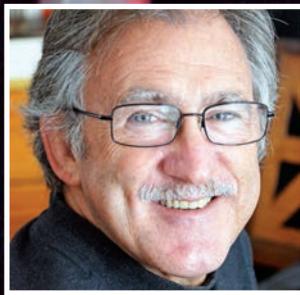




**SPAUTORES**

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES



**CARLOS VIDAL**

Tudo fica mais bonito a multiplicar por dois



**MANUEL RUI MONTEIRO**

A lusofonia é um exercício de afectos



**III GALA SPA/RTP 2012**  
A força dos autores em directo para o mundo

REVISTA DA SPA - SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES | Nº33 - JANEIRO/MARÇO 2012

TUDO O QUE QUER SABER SOBRE A **CÓPIA PRIVADA**



## A POESIA NO SÉCULO XXI: SENTIMENTO, LIBERDADE E MEMÓRIA

Neste dia de celebração mundial da poesia podemos hesitar entre duas reflexões: há mais vida para além da poesia, porque a vida é a realidade do que nos rodeia, a vida é tudo o que abarca o outro e a sua existência, enquanto lhe amplia ou diminui o sentido; mas também podemos (devemos?) afirmar que há mais poesia para além da vida, ainda que a vida se tenha tornado morte cada vez mais chocante e visível num mundo globalizado. Evocando Sophia de Mello Breyner, não podemos ter visto, ter lido ou ter ouvido e ficar sem dizer nada.

Falar de poesia, do acto de criar, é falar de algo que nos transcende, e coloca numa outra esfera o próprio sentido do real e da vida, nossa ou alheia. O poema é solitário – sem dúvida – no acto da sua escrita; mas tem de ser solidário; conosco e com o outro, pois no acto dessa escrita é ao outro que nos dirigimos, ao outro-em-nós, que nos põe a caminho, como diria Paul Celan, para “o mistério do encontro”. Encontro agora sim, com o real, na sua luz ou na sua face mais obscura: a raiz da existência.

Toda a poesia é poesia do mundo. Faz-se na memória, faz-se ou desfaz-se na pura liberdade do sentimento e do desejo de um outro:

“O poema quer ir ao encontro de um Outro, precisa desse Outro, de um interlocutor”, diz Celan, no *Meridiano*, discurso de quando recebeu o Prémio Georg Buchner em 1960. Esta afirmação mantém, no nosso tempo, a sua actualidade. O Outro é a razão do poeta e da sua poesia.

Falemos pois de poesia – para além da vida e da morte, falemos de poesia como raiz e fundamento do Ser no Tempo.

Rilke, nas suas *Cartas a um Jovem Poeta*, sublinha que, ao começar a escrever, um poeta deve evitar falar de amor, pois a expressão de sentimentos tão íntimos retira distância e universalidade a essa matéria delicada. Parece recusar a expressão do amor na poesia. Mas não é assim, a história da poesia não confirma, antes desmente, uma tal afirmação: vejam-se os exemplos da lírica cortês, com as nossas belas Canções de Amigo, os sonetos de Camões, e chegados ao século XX, mesmo sem sair de Portugal, descobrir a expressão do amor mais doloroso numa Florbela Espanca...

Não tenhamos medo de dizer que poesia é sentimento: a poesia é a nobre expressão de um sentimento, frequentemente amoroso, mas não só.

Porque há mais poesia para além do amor, como há mais poesia para além da vida...

É com os Modernistas que se adquirem novos e por vezes mais do que irreverentes e desafiantes conceitos; para alguns deles, como Pessoa/Álvaro de Campos, o sentimento de amor, como as cartas de amor, só podem ser ridículos. A observação distanciada, mesmo das puras sensações, a descrição objectiva, a expressão decantada, impõem-se ao verdadeiro poeta.

Percorrem-se os vários “ismos” para exorcizar o peso enevoado dos simbolistas, ou a máscara do célebre grito expressionista.

Os Futuristas portugueses, com Almada Negreiros, ou os modernistas do Orpheu querem sensações, mas alteradas: nada que possa fazer lembrar as emoções do passado. Será esta, por um tempo, a doutrina.

Pretendem, mas não conseguem, abolir de um golpe a Memória. Caso a caso, em cada um destes revoltosos poderemos ir descobrindo raízes e memórias... abolir a memória seria abolir o próprio exercício do dizer.

Se é certo que os Surrealistas deram estatuto à voz e ao dizer do inconsciente, se com a sua prática poética se revoltaram e se divertiram (o humor era permitido, “desconstruíam”) - depressa em Portugal o movimento, tal como em França, veio propor uma nova doutrina, de intervenção e resistência. A França tivera o seu momento, com a ocupação nazi; Portugal tinha ainda o seu, com a ditadura de Salazar.

E como diríamos que se definiu esta poesia nova, de intervenção na vida, na cidade? Pois pelo *sentimento*: de revolta perante a injustiça, de asfixia pela falta de liberdade.

Agora, no século XXI, a poesia tornou-se tão global quanto a comunicação, e há que fazer um novo uso desta globalidade.

A poesia é *sentimento e expressão*: é o impulso de uma voz interior que não se cala.

O poeta sabe que morre, se não falar, se não disser o seu dizer!

Para Novalis só um criador podia interpretar o sentido da vida; e só um poeta podia curar as feridas causadas pela razão.

Paul Celan dirá que a realidade não está simplesmente exposta à nossa frente, não existe: é preciso procurá-la e merecê-la.

E quanto ao que é a Poesia, diz Celan:

“A poesia já não se impõe, expõe-se”

E ainda:

“Só mãos verdadeiras podem escrever poemas verdadeiros. Não vejo diferença entre um aperto de mão e um poema”.

Celan tinha assistido e escapado por milagre ao Holocausto cuja evocação também decorreu este ano.

Impôs a si mesmo o dever da Memória, que guardou até ao fim, e o da Liberdade, de que não abdicou, até ao ponto de escolher a “língua do inimigo” para a sua prática poética de permanente busca e interrogação.

Celan em tão poucas palavras disse o essencial ao afirmar que um poema verdadeiro é como um aperto de mão honesto. Trouxe para a esfera da poesia a questão essencial da Ética, lançando-nos para a reflexão do Bom, do Belo, do Verdadeiro, como entidades inseparáveis nesta esfera platónica do reino das Ideias.

O meu voto é que à Poesia e aos poetas de agora se exija a honestidade de um verdadeiro aperto de mão: acima de tudo livre e sempre solidário.

Y.K.Centeno  
Lisboa, 2012

# MENSAGEM DA SPA PARA O DIA MUNDIAL DA POESIA 21 DE MARÇO DE 2012





N.º: 33  
Janeiro/Março 2012  
SPA Sociedade Portuguesa de Autores

Director: José Jorge Letria

Direcção Executiva e Coordenação:  
José Jorge Letria

Editora: Edite Esteves

Textos: Administração e Direcção da SPA, Edite Esteves (EE), Emanuel, Yvette Centeno, Jorge Leitão Ramos, José Jorge Letria, M. Vinhas, Rui Vieira Nery, Urbano Tavares Rodrigues e Vitorino Salomé

Direcção de Arte e Design:  
José Maria Ribeirinho

Fotografia: Alfredo António, Amílcar Teixeira, Arquivo da SPA, DR e Inácio Ludgero

Design e tratamento de imagem:  
JM Design&edições  
www.jm-designedicoes.com

Propriedade:  
Sociedade Portuguesa de Autores  
Av. Duque de Loulé, 31  
1069-153 Lisboa  
Tel: 21 359 44 00  
Fax: 21 353 02 57  
email: geral@spautores.pt  
site: www.spautores.pt

NIF.: 500257841  
ICS: 100206  
Tiragem: 3000  
Periodicidade: Trimestral  
Distribuição: Gratuita

Impressão e Expedição:  
António Coelho Dias, S.A.

Depósito Legal: 224 872/200

**SPA 86 anos**  
A nossa casa  
A nossa causa

## Sumário

A força dos autores teve a sua manifestação mais expressiva na **III Gala SPA/RTP-2012**, que decorreu no Centro Cultural de Belém a 27 de Fevereiro e foi transmitida em directo para todo o mundo, durante quatro horas. Mais abrangente, equilibrada e diversificada do que nos anos anteriores, quer no seu alinhamento, quer nos artistas convidados – dois da geração mais tradicional (**Sérgio Godinho** e **Carlos do Carmo**) e duas jovens da nova onda musical (**Mariza Liz dos Amor Electro** e **Adriana**) – e ainda uma cena de cariz teatral com tema altamente actual, interpretada por **João Reis** e **Lúcia Moniz**, os **Prémios Autores distinguiram os melhores 22 autores de 2011** provenientes de oito categorias artísticas, entre os **66 nomeados**, e outorgaram ainda **Prémios Especiais *ex-aequo* à Programação Cultural Autárquica de Coimbra e Évora**. A nível **Internacional**, o Prémio da SPA foi para o cineasta espanhol **Imanol Uribe**, que faz um cinema de arte e de causas. Mas o grande momento do espectáculo cénico e televisivo foi alcançado com a entrega do **Prémio Vida e Obra Autor Nacional** ao ex-Presidente da República **Mário Soares**, que, segundo José Jorge Letria, “deu sempre uma dimensão cultural à política e política à cultura”, Com a atribuição deste importante prémio a Mário Soares, depois de **Júlio Pomar** e **Eduardo Lourenço**, nos anos anteriores, a fasquia ficou muito alta para as próximas edições. De recordar, que a SPA é, na cena internacional, a única sociedade de autores que realiza, anualmente, num canal de televisão, uma gala para a entrega de prémios aos melhores criadores de cada ano. Dada a importância vital deste evento para a maior visibilidade e dignificação da SPA, a Autores concedeu 22 páginas desta edição à gala. As **mensagens da SPA** para os dias mundiais da **Poesia**, a 21 de Março, e do **Teatro**, a 27, foram assinadas, respectivamente, por **Yvette Centeno** e **Urbano Tavares Rodrigues**. Para o total esclarecimento dos leitores, a **Lei da Cópia Privada** e outras questões ligadas aos objectivos mais prementes da cooperativa, como a **legislação anti-pirataria na internet**, são aqui escarpelizadas, desde um pormenorizado relato feito pelo Presidente da SPA sobre a **reunião tida com o secretário de Estado da Cultura** a um comunicado com as **10 perguntas e respostas mais frequentes** sobre aquele primeiro tema. A **matriz cooperativa**, que a SPA pretende reforçar como uma das maiores cooperativas que é e atendendo à situação de crise que se vive, está também muito bem vincada nesta edição através de várias intervenções fora e dentro do **Seminário “As Cooperativas e a Economia Social”**, que decorreu sob o seu apoio nas instalações da SPA, e que abriu o calendário nacional das actividades para celebrar o **Ano Internacional das Cooperativas, proclamado pela ONU para 2012**. Esta Autores publica entrevistas a **Carlos Vidal**, o Avô Cantigas, e ao poeta, ensaísta e ficcionista angolano **Manuel Rui Monteiro**. Assinam **artigos de opinião José Jorge Letria** sob o tema “O cooperativismo pode revitalizar a economia social em tempo de crise” e **Rui Vieira Nery**, acerca da Cópia Privada, para cuja questão contribuem também depoimentos de **Vitorino Salomé** e **Emanuel**. As **exposições** realizadas na SPA têm aqui lugar, nomeadamente, sobre “A Guerra Colonial-50 Anos depois”, organizada por **António Valdemar** e uma reportagem fotográfica de **Inácio Ludgero** sobre os últimos trabalhos de **Pedro Osório** na produção do álbum “Cantos da Babilónia. Pedro Osório que foi alvo de **homenagem** destacada na segunda parte da Gala no CCB, conforme se pode ler e ver nas páginas daquele dossiê e cujo vencedor do **prémio** com o seu nome acaba de ser conhecido – **Jorge Palma**. Um caderno sobre a **divulgação em DVD do cinema português** vem assinado por **Jorge Leitão Ramos**. No ciclo de **Dramaturgia** destaque para o encontro com **João Canijo**, o superpremiado autor do filme “Sangue do meu Sangue”, que contou na SPA como foi feito o seu processo criativo. Por seu turno, no ciclo **Autores falam de Autores**, de salientar a magistral prelecção e demonstração do maestro **Victorino d’Almeida** acerca de Debussy, de **Álvaro Cassuto** sobre Joly Braga Santos e de **Jorge Leitão Ramos** sobre Fernando Lopes. **Pedro Osório**, **Igrejas Caeiro** e **José La Féria** estão entre **Os que Partiram**.



social em tempo de crise” e **Rui Vieira Nery**, acerca da Cópia Privada, para cuja questão contribuem também depoimentos de **Vitorino Salomé** e **Emanuel**. As **exposições** realizadas na SPA têm aqui lugar, nomeadamente, sobre “A Guerra Colonial-50 Anos depois”, organizada por **António Valdemar** e uma reportagem fotográfica de **Inácio Ludgero** sobre os últimos trabalhos de **Pedro Osório** na produção do álbum “Cantos da Babilónia. Pedro Osório que foi alvo de **homenagem** destacada na segunda parte da Gala no CCB, conforme se pode ler e ver nas páginas daquele dossiê e cujo vencedor do **prémio** com o seu nome acaba de ser conhecido – **Jorge Palma**. Um caderno sobre a **divulgação em DVD do cinema português** vem assinado por **Jorge Leitão Ramos**. No ciclo de **Dramaturgia** destaque para o encontro com **João Canijo**, o superpremiado autor do filme “Sangue do meu Sangue”, que contou na SPA como foi feito o seu processo criativo. Por seu turno, no ciclo **Autores falam de Autores**, de salientar a magistral prelecção e demonstração do maestro **Victorino d’Almeida** acerca de Debussy, de **Álvaro Cassuto** sobre Joly Braga Santos e de **Jorge Leitão Ramos** sobre Fernando Lopes. **Pedro Osório**, **Igrejas Caeiro** e **José La Féria** estão entre **Os que Partiram**.

A SPA CONCLUI O PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2012 com a convicção de que a grave crise que o país atravessa também irá afectar, como não podia deixar de ser, a nossa cooperativa, mas de que tudo está a ser feito para minimizar os efeitos deste grave ciclo recessivo.

Nunca como hoje a SPA enfrentou tantas dificuldades, obstáculos, ameaças e incompreensões. Isso ficou patente, por exemplo, no debate em curso sobre a nova lei da Cópia Privada em que, principalmente no espaço digital, a nossa cooperativa foi transformada em alvo de ataques, muitos deles anónimos, e de calúnias que revelam bem o espírito e o nível ético de quem recorre a esse tipo de atitude e de discurso.

Por outro lado, sabe-se que estas dificuldades e obstáculos estão a ser enfrentados por muitas outras sociedades de autores na Europa e no mundo. Assiste-se à convergência perversa de vontades e interesses que apontam para a limitação e para a contestação permanente do direito de autor como



A SPA NUNCA ESQUECEU  
NEM ESQUECERÁ  
QUE NASCEU  
COMO COOPERATIVA  
E QUE, SOBRETUDO  
NESTE ANO INTERNACIONAL  
DAS COOPERATIVAS,  
TEM DE REFORÇAR  
AINDA MAIS A SUA INTEGRAÇÃO  
NA ECONOMIA SOCIAL

Em tempo de severas restrições orçamentais, muitas são as entidades que deixam de pagar direitos de autor ou que anunciam o propósito de o fazer. Ignorar esta realidade é ignorar a dimensão da crise que estamos a viver. Mas não cruzaremos os braços. Vamos regressar com um programa semanal na TVI 24 e com uma presença diária na antena da TSF, o que nos permitirá, uma vez

mais, manter um contacto regular e esclarecedor com o público em geral e com os autores em particular. O êxito da Gala do Prémio Autores, na sua edição de 2012, foi mais uma demonstração da vitalidade, do prestígio e da merecida visibilidade de uma instituição que honra

a cultura portuguesa e defende os autores, com firmeza e competência.

A SPA é uma sociedade de gestão colectiva do direito de autor, sempre atenta às novas realidades tecnológicas, mas é também um pólo activo de oferta cultural e de apoio à criação em diversas áreas, designadamente, através do seu fundo cultural. Por todas essas razões, a nossa cooperativa está consciente das nuvens de tempestade que se avolumam no horizonte, mas que a participação e o apoio de uma comunidade de autores consciente, solidária e activa, irão garantir o futuro desta instituição, que passa pela modernidade, pela juventude e por uma capacidade de intervenção cada vez mais visível e eficaz a vários níveis.

# SPA MODERNIZA-SE PARA ENFRENTAR A CRISE E REFORÇA UNIDADE E SOLIDARIEDADE

se dele não dependesse a justa remuneração dos criadores e a sua capacidade de continuarem a criar com dignidade e qualidade.

A SPA, apelando como sempre e mais do que nunca à unidade dos autores que defende e representa, tem vindo a aperfeiçoar o processo de modernização da cooperativa, que passa, nomeadamente, pela instalação plena de um novo sistema informático, pela operacionalização e reforço da competência das delegações espalhadas desde o norte do país até à Regiões Autónomas, por uma política e partilha de informação com a opinião pública como nunca antes existiu e pelo reforço dos mecanismos de apoio e solidariedade com os cooperadores mais carenciados. A SPA nunca esqueceu nem esquecerá que nasceu como cooperativa e que, sobretudo neste Ano Internacional das Cooperativas, tem de reforçar ainda mais a sua integração na economia social.

Março de 2012

A Direcção e a Administração  
da Sociedade Portuguesa de Autores

## SERÁ UM ACONTECIMENTO DE RELEVO NA VIDA NACIONAL

A Sociedade Portuguesa de Autores saúda "Guimarães-Capital Europeia da Cultura 2012", formulando votos no sentido de que esta importante realização nacional contribua de forma inequívoca para acentuar o contributo da actividade cultural para a recuperação económica do país, para a afirmação internacional de Portugal e para que existam mais oportunidades de trabalho para os criadores e artistas portugueses.

Apesar das graves dificuldades que o país enfrenta, a SPA acredita que "Guimarães-Capital Europeia da Cultura" poderá constituir um momento único para se reforçar o interesse e a confiança do público em torno da nossa memória cultural, das propostas que se situam nos terrenos da modernidade criativa e ainda para a permanência em Portugal de criadores e artistas cuja saída para o estrangeiro representaria uma séria perda para Portugal. Está ainda a SPA convicta de que, não obstante as dificuldades estruturais que Portugal enfrenta, "Guimarães-Capital Europeia da Cultura" irá contribuir para a atracção e fidelização de novos públicos, para o desenvolvimento local e para a afirmação de formas de expressão que combinem a tradição e a modernidade, sempre no respeito integral dos direitos dos autores envolvidos.

*Lisboa, 10 de Janeiro de 2012  
O Conselho de Administração*

### PLANO E ORÇAMENTO DA SPA PARA 2012

## APROVADOS COM A MAIOR VOTAÇÃO DE SEMPRE

O Plano e o Orçamento da SPA para 2012 foram aprovados, na assembleia geral ordinária realizada no dia 22 de Dezembro, respectivamente com 193 votos a favor e seis abstenções e 189 votos a favor e cinco abstenções. Esta foi a maior votação de sempre num Plano e Orçamento na história da SPA, o que representa, segundo a Direcção, uma expressiva prova de confiança na equipa que dirige a cooperativa e no seu modelo de gestão.

Apesar dos sinais evidentes da crise que afecta a economia e a sociedade portuguesa em geral, a SPA está a estruturar-se para conseguir atenuar o seu impacto negativo em vários sectores.

A Direcção considera, entretanto, digno de registo o facto de terem participado pela primeira vez nesta assembleia geral novos autores representativos da música que se faz actualmente em Portugal.

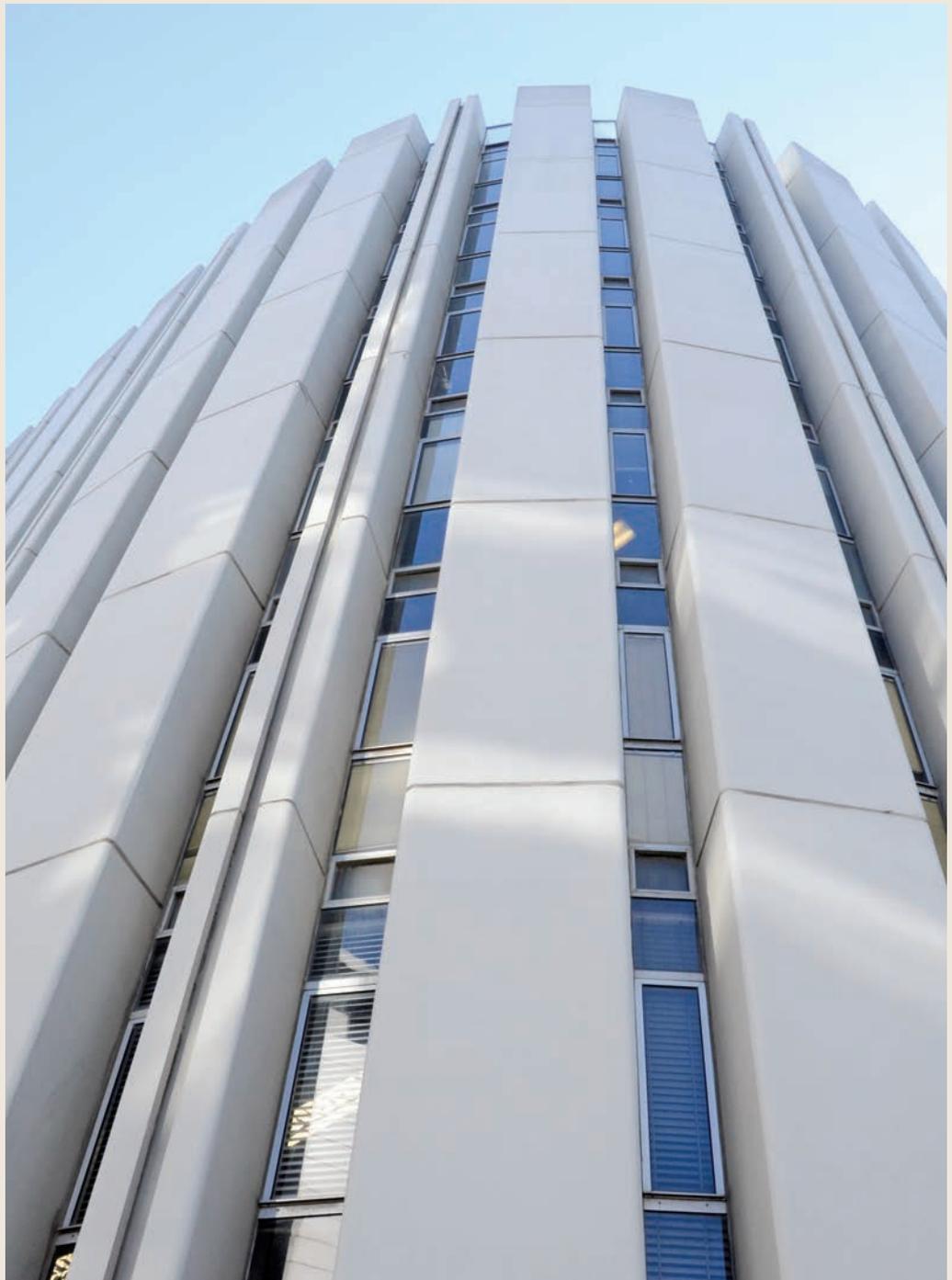
*Lisboa, 23 de Dezembro de 2011  
O Conselho de Administração*

### DIA 30 DE MARÇO DE 2012

## ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DA SPA VOTA RELATÓRIO E CONTAS 2011

A apreciação e votação do Relatório e Contas da Direcção, bem como do Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício de 2011, é o tema da agenda da assembleia-geral ordinária da Sociedade Portuguesa de Autores, que decorre a 30 de Março, pelas 20h30, na sala-galeria Carlos Paredes, na Rua Gonçalves Crespo, em Lisboa.

O Relatório e Contas 2011 da SPA pode ser consultado no Portal da SPautores.





# LEI DA CÓPIA PRIVADA

RESPONSÁVEIS DA SPA ADMITEM BALANÇO “MUITO POSITIVO” DA REUNIÃO COM SECRETÁRIO DE ESTADO

## “Houve visível convergência em relação às leis da cópia privada e da anti-pirataria na net”

“Consideramos que, globalmente, a reunião com o secretário de Estado da Cultura foi positiva porque, como é dito no comunicado final, houve convergência em relação a assuntos fundamentais para os autores, como as leis da cópia privada e da anti-pirataria na internet”. Este o sentir da delegação da SPA, constituída pelo seu Presidente, José Jorge Letria, pelo Vice-Presidente, João Lourenço, e pelo administrador Pedro Campos, após a primeira reunião com o secretário de Estado da Cultura que os responsáveis da cooperativa tiveram a 12 de Janeiro passado, para exposição e debate das principais questões que têm vindo a ser tema de fundo para os autores e seus representantes. Já anteriormente tinha havido uma reunião com dois membros da Administração da SPA, mas esta apenas a propósito do Gabinete de Exportação da Música Portuguesa, a qual foi noticiada na última revista.

“A Secretaria de Estado parece estar empenhada na Lei da Cópia Privada e nós consideramos que esta é uma questão vital para a SPA, em primeiro lugar, porque é justa, em segundo, porque os autores merecem e têm direito à distribuição desses valores e, depois, porque

que ”houve também a garantia dada pelo secretário de Estado que vai avançar a legislação anti-pirataria na internet”. Esta, uma outra questão vital para a cooperativa, segundo salientou, porque, “se em condições normais a pirataria se está a expandir e a agravar, num contexto de crise aguda e de economia paralela pior ainda, a tendência é para piratear ainda mais”.

Ao referir que o secretário de Estado mostrou interesse e empenhamento neste combate e nesta legislação – “não esquecemos também que ele é autor” – , José Jorge Letria fez questão de afirmar que a posição da SPA em relação à Secretaria de Estado da Cultura é muito clara: “Tudo aquilo que for feito de positivo em relação aos autores e aos seus interesses e direitos, terá o nosso apoio. O contrário não.” E sublinhou: “A nossa posição é e sempre foi esta: a SPA não tem posicionamento político-ideológico-partidário, é uma estrutura suprapartidária e supra-ideológica e, naturalmente, não é apolítica, porque nada é apolítico, mas a nossa posição foi sempre de serviço aos autores, o que significa que apoiamos quem apoia os autores e quem toma medidas correctas em relação aos autores.”

### GABINETE DE EXPORTAÇÃO DE MÚSICA PORTUGUESA VAI INCLUIR AUDIOVISUAL”

Nesse sentido, o secretário de Estado anunciou também, nesta reunião de trabalho, que “o Gabinete de Exportação da Música Portuguesa irá avançar, mas em moldes diferentes. Não vai ser só para a música, mas vai ser um Gabinete de Exportação da Música e do Audiovisual”. “Isto para nós é importante saber, desde logo, porque continuamos muito empenhados no funcionamento do Gabinete de Exportação – disse José Jorge Letria - não vemos inconveniente em que abranja o audiovisual, pelo contrário, e consideramos também que o governo deve considerar mecanismos de apoio a outras obras culturais”.

O secretário de Estado explicou que, no que diz

respeito à literatura, já existem canais próprios de internacionalização, através dos agentes, através das editoras, mas, de qualquer maneira, está previsto um plano de apoio à tradução de obras portuguesas no estrangeiro, que é também uma forma de apoio à internacionalização da nossa literatura. Em relação às outras áreas, serão comunicadas, oportunamente, à SPA outras formas de apoio.

Depois, as duas partes analisaram um outro aspecto importante para a cooperativa, que são as relações com a IGAC – Inspeção-Geral das Actividades Culturais.

“Nós fizemos um apelo ao secretário de Estado, que já tinha sido feito a outros titulares da pasta anteriormente, no sentido de haver ainda maior cooperação do que há com a IGAC, para que a IGAC tenha uma política de licenciamento dos espectáculos tão articulada connosco quanto possível”, explicou. Com essa articulação “a SPA pretende evitar situações em que não passamos licenças, ou porque têm dívidas acumuladas em relação à SPA ou porque consideramos que os espectáculos não reúnem condições de credibilidade para serem feitos, que depois a IGAC não vá licenciar, o que tem acontecido, infelizmente, várias vezes ao longo dos anos, sobretudo com um produtor que deve muito dinheiro à SPA”.

### “PROPUSEMOS UM REGISTO ÚNICO DE OBRA FEITO NA SPA”

“Propusemos também que o secretário de Estado considere uma proposta que nós fizemos várias vezes ao poder político, até com titulares anteriores da pasta, que é a unificação do registo de obra, registo único feito aqui na SPA”, anunciou o Presidente da cooperativa. Muitos autores desconhecem isto, mas as obras têm que ser registadas em dois sítios: no Palácio Foz, na IGAC, que é o requisito para efeitos legais, situações de plágio, usurpação, etc., e o registo que se faz na SPA é o registo complementar, que é feito numa instituição de direito privado e que serve para depois apoiar

**APOIAMOS QUEM APOIA OS AUTORES E QUEM TOMA MEDIDAS CORRECTAS EM RELAÇÃO AOS AUTORES**

é bom para a economia e também porque temos a presidência da AGE COP - Associação para a Gestão da Cópia Privada - e isso reforça a nossa responsabilidade e a nossa posição neste domínio”, considerou José Jorge Letria. Fazendo um balanço detalhado da importante reunião com Francisco José Viegas para a Autores, o Presidente da SPA informou



a documentação para efeitos de cobrança. Ou seja, tem validade, mas em tribunal o que é verdadeiramente vinculativo é o registo na IGAC. E os responsáveis da SPA consideram que, neste momento, há uma perda de energias e um cansaço grande que faz com que as pessoas venham à SPA, isto é-lhes explicado, elas vão para os Restauradores para o Palácio Foz e depois voltam aqui. “O que nós propusemos agora e que já tínhamos proposto à ministra Gabriela Canavilhas é que se faça o registo unificado das obras. As obras serão registadas unicamente aqui na SPA e depois a SPA criará uma base de dados que porá à disposição também da IGAC e pagará à IGAC uma percentagem do valor cobrado pelo registo”.

Como o registo também é pago na IGAC, evita-se assim que tenham de pagar em duas vezes. Aquilo que a SPA está disposta a pagar à IGAC é, no fundo, aquilo que a IGAC cobra para ter esse trabalho. “Portanto, a IGAC pode simplificar esse processo burocrático, ter menos gente a tratar deste expediente e ter uma acção mais ligeira e concentrada noutras actividades”, explicou José Jorge Letria.

Até agora, isto não foi aceite por uma razão: é que é muito difícil historicamente uma estrutura da administração pública abrir mão de uma função, porque já se sabe que é prescindir de um poder, do poder do carimbo, da legitimação. Conforme assegura o Presidente da SPA, esta não quer usurpar nenhum poder ou

apropriar-se do que quer que seja, quer apenas simplificar e facilitar a vida às pessoas. “No fundo – refere -, é um processo de facilitação: vêm aqui, inscrevem-se aqui, nós pagamos à IGAC na mesma e ficamos com uma base de dados alargada que nos permite também atrair autores que, eventualmente, fazem o registo de obra na IGAC e que depois não se inscrevem aqui. Porque isso pode acontecer. Entendemos que isto tem claramente vantagens para o Estado também e para a administração pública. É uma espécie de guiché único. O que não significa que as pessoas sejam obrigadas a inscrever-se na SPA, mas o registo está feito, nós fornecemos esse serviço, o que liberta várias pessoas e vários serviços”.

## **“REVISÃO DO DIREITO DE COMODATO DAS BIBLIOTECAS E DO DIREITO DE SEQUÊNCIA”**

Outra questão que os três responsáveis da SPA viram com o secretário de Estado foi o pedido de que ele considerasse a possibilidade de iniciar o processo de revisão de duas directivas fundamentais: a do Direito de Comodato das Bibliotecas e a do Direito de Sequência.

“Entendemos, há muito tempo, que a directiva do Direito de Comodato das Bibliotecas tem de ser revista, porque foi transposta para

o ordenamento português de uma forma errada, porque prevê um regime tão amplo de excepções, que não podemos cobrar o comodato de bibliotecas a praticamente nenhuma entidade, o que é também inaceitável”, explicou à Autores José Jorge Letria.

Na verdade, tudo o que são bibliotecas públicas e escolares, desde o ensino básico até à universidade, não se pode cobrar. Restam as bibliotecas dos institutos estrangeiros, das fundações e das ordens profissionais. É, pois, um universo pequeníssimo que não faz grande sentido. “De qualquer maneira - acrescentou - vamos este ano fazer uma grande reunião no Porto e outra em Lisboa com bibliotecários da rede de leitura pública, provavelmente já em Março, exactamente para explicar o que é o princípio do comodato, que não é uma coisa que penalize as autarquias e as bibliotecas, é um encargo de baixa dimensão que seria suportado pelo Ministério da Cultura e atribuído a uma entidade que pode cobrar o PLR, que não será a SPA”. Os responsáveis da SPA pediram para isto ser revisto e o secretário de Estado, como escritor e editor, manifestou essa sensibilidade, “até porque o direito de comodato das bibliotecas não abrange só os escritores, mas também os editores, tradutores, ilustradores, fotógrafos. Tudo aquilo que é utilizado na edição literária e que depois é emprestado às pessoas para levarem para casa é coberto pelo pagamento ▶



# LEI DA CÓPIA PRIVADA



de todos os ordenamentos nacionais para transposição”.

O que, para o administrador e director da SPA, “é absolutamente inaceitável, porque hoje são pouquíssimos os artistas que vendem obras abaixo dos três mil euros e, portanto, são pouquíssimos aqueles que podem beneficiar do direito de sequência”. “Se países como a Alemanha ou a Espanha têm valores de referência muito mais baixos, é inaceitável que o português se encontre a este nível”.

## “A FUNDAMENTAL REVISÃO DO CÓDIGO DO DIREITO DE AUTOR”

Última questão debatida, que para a SPA é também fundamental, foi a revisão do Código do Direito de Autor. O Código do Direito de Autor está claramente desajustado e desfasado da realidade. Não interessa que haja novas edições do código, isso são coisas diferentes. Uma coisa é a edição do código e a revisão é outra, tem de ser feita pelo legislador. José Jorge Letria especifica:

“Nós entendemos que o código tem de ser revisto, sobretudo numa perspectiva que é a que consta do programa do governo, que é a inclusão do audiovisual na gestão colectiva. A gestão colectiva hoje em Portugal só cobre a música e nós consideramos que é justo, porque é reivindicação dos criadores do audiovisual e nossa também que o audiovisual comece a ser abrangido também pelo princípio da gestão colectiva.”

Os membros da Administração da SPA estão convictos que isso vai acontecer e que haverá um grupo de trabalho para a revisão que irá incluir, naturalmente, os especialistas da cooperativa em direito de autor, para que o código seja ajustado à nova realidade.

“Estamos convencidos que, seja qual for a maioria política – seja de coligação ou simples – deve haver um diálogo permanente com estruturas que

representem os autores e os artistas, sobretudo, porque a situação que se está a viver é de quase calamidade para os criadores e para os intérpretes”, defendeu José Jorge Letria, justificando que há cada vez menos espectáculos e os cortes orçamentais das câmaras fazem com que haja muito menos encomendas, menos cachets para pagar e grandes atrasos nos pagamentos. “Nesse sentido – sustentou - nós entendemos que uma das formas para colmatar o vazio criado por esta situação é exactamente haver um diálogo que permita dar aos autores e artistas outras formas de compensação, nomeadamente através da Cópia Privada”.

Conforme garantiu o Presidente do Conselho de Administração e da Direcção da Sociedade Portuguesa de Autores, “até prova em contrário, a posição da SPA será sempre de diálogo, como foi com os governos anteriores”.

“Para nós, o poder político, em termos muito concretos, não tem cor. Tem a cor dos actos que pratica em relação aos autores e aos artistas, autores basicamente, que é disso que falamos. Naturalmente, acrescentou, condenam o facto de haver cortes tão brutais no apoio às actividades performativas e outras. E deixa o necessário reparo, no que à própria cooperativa diz respeito: “Esses cortes brutais, juntamente com o IVA nos bilhetes que ficou no escalão intermédio, vai reflectir-se numa descida considerável nas nossas cobranças, em termos de execução pública por todo o país.”

“De qualquer maneira – assegura -, entendemos que o que se possa fazer de positivo com a cópia privada e com o combate à pirataria é uma forma, apesar de tudo, de reduzir o impacto desta situação”. *Edite Esteves*

do direito de comodato”.

A outra directiva que pediram para ser revista é a directiva do Direito de Sequência. O direito de sequência foi transposto para o ordenamento português, durante o governo de José Sócrates, de uma forma que a SPA considera “perfeitamente inaceitável”. “O direito de sequência – explicou o Presidente da cooperativa - representa a possibilidade de, no caso de revenda de uma obra, ser aplicada uma percentagem sobre o valor da revenda”. E exemplificou:

“Suponhamos que um quadro é vendido pela primeira vez por mil euros e, passados dez anos, é revendido, por sete mil euros, o artista ou os seus herdeiros têm direito a uma percentagem sobre o valor de revenda e não sobre o valor inicial. Só que, quando a directiva foi transposta para o ordenamento português, porque não houve debate, ou seja, não foi consultada a SPA, não foram consultadas a Escola Superior de Belas Artes e as Escolas de Ensino Artístico, a transposição foi feita e o valor de referência foi fixado em três mil euros, que é o valor mais alto

### VITORINO SALOMÉ

## “Compensação justa da função criativa”



“A Lei da Cópia Privada já vigora em muitos países europeus que reconhecem o trabalho dos autores e que sabem que é difícil e triste viver sem a luz e a cor que eles irradiam directamente para o quotidiano, dando-lhe leveza e esperança. Ao entrar em vigor, ela funcionará como compensação justa e equilibrada da função criativa dos autores portugueses. “Gostava que explicassem que utilidade teriam os suportes utilizados para usufruir dos prazeres da escuta e do olhar, se subitamente decretássemos o silêncio dos sons organizados pelo compositor ou a negrura das cores encadeadas nas formas e no traço. E isto não falando nos poetas. Para os que tanto nos atacam e nos invejam, decreto o silêncio dos poetas. Já!”

### EMANUEL

## “Legislar e cumprir é uma obrigação”



“O acesso gratuito à cultura e ao conhecimento parece, à primeira vista, um avanço na repartição equitativa. Só que, na realidade, vai deixar a médio prazo sem sustento a maioria dos autores e criadores, obrigando inevitavelmente alguns deles a diminuir ou a abandonar a sua actividade criadora. As consequências serão gravíssimas. Legislar e cumprir é uma obrigação”.



## UM ERRO TRÁGICO



**Por Rui Vieira Nery**

A discussão e a aprovação do projecto de Lei da Cópia Privada deveriam, em princípio, ter sido um processo simples. Tratava-se apenas, afinal, de transpor para as novas tecnologias digitais o princípio legislativo que já vinha sendo aplicado desde há largos anos aos equipamentos analógicos, a exemplo do que sucede em toda a Europa: na impossibilidade de identificar e taxar individualmente cada cópia ilegal de uma obra sujeita a direitos de propriedade intelectual, e face à possibilidade acrescida de multiplicação exponencial desta prática aberta pelos suportes digitais, aplicar-se-ia uma taxa simbólica sobre os mesmos, destinada a ressarcir parcialmente os autores pelo uso abusivo das suas criações. O custo acrescido dos equipamentos seria residual e conseguir-se-ia desse modo debelar minimamente a situação de saque generalizado a que os autores vêm sendo sujeitos de forma crescente nos últimos anos pela generalização destas tecnologias de reprodução e partilha.

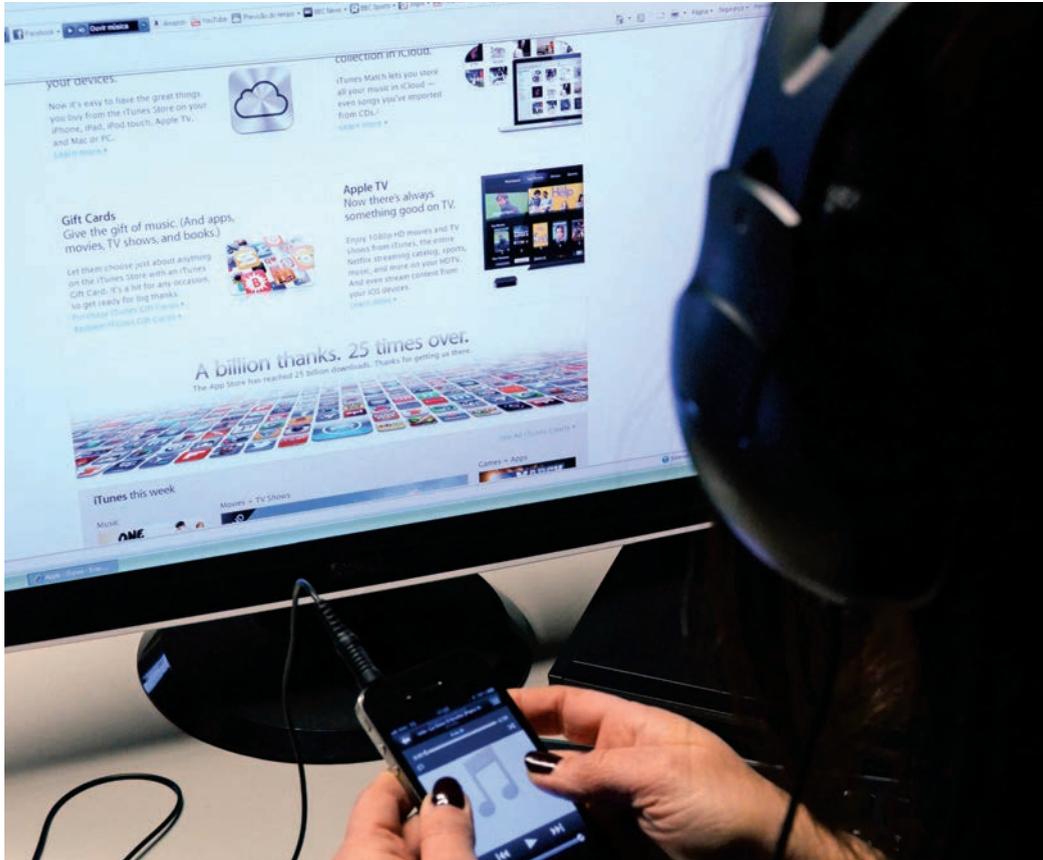
O debate sobre o projecto foi, contudo, desde muito cedo inquinado, por parte dos seus detractores, por uma argumentação frequentemente mal informada e demagógica, quando não mesmo abertamente caluniosa e desonesta em termos intelectuais. Basta uma passagem rápida pelos blogues e comentários online para se perceber até que ponto se instalou a este respeito um clima de verdadeira histeria em que ora se pretende negar o fenómeno avassalador da pirataria privada, reduzindo-o à simples armazenagem inocente de registos do foro doméstico, ora se invocam fantasmas de aumentos percentuais disparatados como consequência potencial da nova Lei, à margem das taxas reais previstas no projecto, ora se insinuam mesmo as piores estratégias conspiratórias por parte dos autores e das suas estruturas representativas.

Mais preocupante do que os argumentos de teor manifestamente desonesto é contudo a convicção que se parece ter enraizado em largos sectores da opinião pública de que a obra de arte, pela sua própria natureza intrínseca de partilha generosa entre o criador e a sociedade, não deve ser remunerada. Ninguém se lembraria de aplicar o mesmo raciocínio a qualquer outro bem ou serviço de primeira necessidade, invocando, por exemplo, o direito de assaltar um supermercado porque os bens alimentares são essenciais à vida. Compreende-se, nesse caso, sem polémica, que os bens à venda resultam de um processo produtivo que implicou da parte de um grande número de intervenientes na sua cadeia um investimento de trabalho e de meios que não pode deixar de ser ressarcido pelos consumidores. Mas esquece-se que também por detrás do livro, do quadro, do CD ou do vídeo que se duplica gratuitamente há igualmente um gesto criador feito de talento, de esforço, de tempo, de dedicação feito por homens e mulheres que deram o melhor de si mesmos a essa criação e cuja subsistência depende directamente da justa remuneração do fruto do seu trabalho.

Num mundo ideal, em teoria, bastaria que cada produto de criação artística ou literária trouxesse um aviso apelando ao sentido de responsabilidade cívica de cada utilizador, pedindo-lhe que por sua própria iniciativa contribuísse, junto das entidades do sector, com um pagamento equivalente ao que, por exemplo, lhe seria solicitado num download legal através da Internet. No mundo real não é possível ignorar, a pretexto de que os equipamentos digitais abrangidos são também utilizados para fins do foro privado, a sua utilização maciça quotidiana em actividades de duplicação que violam drasticamente a propriedade intelectual dos criadores e lhes roubam aquele que é, afinal, o seu salário – o direito de autor. Não lutar pela salvaguarda desse direito face às novas tecnologias que o comprometem a uma escala nunca vista é, em última análise, sabotar de forma dramática e irresponsável a capacidade de permanente renovação criativa da sociedade em que vivemos. E esse seria um erro trágico.



# A LEI DA CÓPIA PRIVADA



## COMUNICADO AOS COOPERADORES SOBRE A LEI DA CÓPIA PRIVADA

Caro cooperador,  
Como é do seu conhecimento, encontra-se em sede de debate parlamentar a proposta de Lei da Cópia Privada, diploma que, além de fazer justiça aos autores, artistas, editores e outras entidades, assume uma importância fundamental para os associados da SPA, dado que representa uma receita fundamental e legítima para os compensar da forma como, nos mais diversos suportes materiais, as suas obras são reproduzidas e fruídas pela generalidade dos consumidores. O debate em curso na Internet tem-se traduzido, em geral, num ataque sistemático, grosseiro e cheio de inverdades à SPA e ao que ela representa, como se fosse a nossa cooperativa a única entidade envolvida neste processo e estivesse a manipular os parlamentares portugueses no sentido de aprovarem um diploma inadequado e injusto. Nada mais errado e falso. Na verdade, a SPA integra a Associação para Gestão da Cópia Privada (AGECOP), de que fazem parte outras associações representativas

de artistas, editores e produtores e a quem cabe efectuar a cobrança das receitas da cópia privada, distribuí-las pelos seus associados e viabilizar instrumentos tão importantes como o Fundo Cultural que, só no caso da SPA, já permitiu apoiar quase uma centena de projectos autorais provenientes de todas as disciplinas da criação.

A campanha em curso contra a SPA nada tem de accidental ou inocente. É orquestrada e dirigida por quem, a diversos níveis, representa interesses que nada têm a ver com os autores, que instrumentaliza a ingenuidade e a falta de informação de um significativo número de consumidores e que visa enfraquecer a capacidade negocial e a legitimidade da estrutura que, há quase 87 anos, representa os autores portugueses.

A SPA não pode deixar de registar o amplo consenso alcançado no debate parlamentar em torno desta proposta de lei, bem como o empenhamento manifestado pelo Secretário de Estado da Cultura relativamente à aplicação da lei que o parlamento validar.

Por outro lado, não pode a SPA deixar de salientar o facto de o debate sobre a Cópia

Privada se encontrar em curso em toda a Europa da União, coordenado pelo ex-Comissário Europeu António Vitorino, tendo como objectivo salvaguardar, actualizar e operacionalizar este relevante instrumento de defesa dos direitos de todos aqueles que a Cópia Privada pode e deve beneficiar, protegendo-os dos danos causados pela demagogia que suporta o conceito de gratuidade e que tanto prejudica a cultura e os seus agentes.

## O QUE É A CÓPIA PRIVADA E COMO ESTÁ REGULAMENTADA

A remuneração pela cópia privada está prevista no artº 82º do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, que determina que “ No preço de venda ao público de todos e quaisquer aparelhos mecânicos, químicos, eléctricos, electrónicos ou outros que permitam a fixação e reprodução de obras e, bem assim, de todos e quaisquer suportes materiais das fixações e reproduções que por qualquer desses meios possam obter-se, incluir-se-à uma quantia destinada a beneficiar os autores, os artistas intérpretes ou executantes, os editores e os produtores fonográficos e videográficos. Segundo o mesmo artigo, estão isentos desse pagamento os organismos de comunicação audiovisual ou produtores de fonogramas e videogramas, quando esses aparelhos e suportes sejam por eles adquiridos exclusivamente para as suas próprias produções, ou por organismos que os utilizem para fins exclusivos de auxílio a diminuídos visuais ou auditivos.

As importâncias devidas pela cópia privada são cobradas por uma Associação denominada AGE COP- Associação para a Gestão da Cópia Privada -, da qual a SPA é membro, criada de acordo com a Lei nº 62/98 e que é constituída por todos os titulares de direitos de autor, de direitos dos artistas intérpretes ou executantes, de editores e de produtores fonográficos e videográficos. No entanto, não obstante a Lei que determinou a constituição desta associação ser de 1998, só foi regulamentada através da Lei nº 50/04, em Agosto de 2004, o que determinou que só a partir desta data fosse possível uma cobrança efectiva. A Lei, no entanto, tem algumas particularidades curiosas: por um lado, aplica-se a todos os aparelhos mecânicos, químicos, electrónicos ou outros que permitam a fixação e reprodução de obras como finalidade única ou principal, mas exclusivamente analógicos, porquanto excepta os digitais. Prevê uma remuneração

# LEI DA CÓPIA PRIVADA

de 3% do preço de venda, antes da aplicação do IVA, estabelecido pelos respectivos fabricantes e importadores. Por outro lado, e em relação aos suportes, ela aplica-se a todos os suportes materiais virgens, digitais ou analógicos, com excepção do papel. A remuneração prevista é a seguinte: Analógicos – Cassetes áudio: 0.14 €; Cassetes vídeo (VHS): 0.26 €. Digitais: - CD R áudio: 0.13 €; CD R data: 0.05 €; CD 8 cm: 0.27 €; Minidisc: 0.19 €; CD RW áudio: 0.19 €; CD RW data: 0.14 €; DVD R: 0.14 €; DVD RW: 0.30 €; DVD RAM: 1 €. A Lei também prevê uma remuneração pelas fotocópias, correspondente a 3% do valor do preço de venda, antes da aplicação do IVA.

Quer este último aspecto, por se entender ser manifestamente insuficiente, quer o facto de a remuneração pelos aparelhos ser unicamente aplicável aos analógicos, têm sido fortemente objecto de contestação pela SPA junto dos órgãos do poder. A SPA também se tem batido para que a remuneração em relação aos suportes se aplique a todos os que permitem a gravação de obras, nomeadamente iphones, ipods, etc., mas, e essencialmente, que a remuneração tenha em conta não o tipo de suporte mas a capacidade de gravação, coisa que com a Lei actual não existe, uma vez que faz incidir a remuneração em determinados suportes independentemente da sua capacidade.

## UMA LUTA QUE É DE TODOS

Apelamos a todos os cooperadores da SPA no sentido de que estejam conscientes da importância deste debate, informados acerca do que verdadeiramente se encontra em causa e, desse modo, preparados para em todos os espaços em que intervêm ficarem aptos a defender o que é justo e inadiável para os autores, os artistas e outras entidades individuais e colectivas. Esta é uma luta de todos os autores, sendo, também por isso, um irrenunciável acto de responsabilidade em relação ao presente e ao futuro.

*Lisboa, 18 de Janeiro de 2012  
O Conselho de Administração*





**PS RETIRA DA AR PROJECTO  
DE LEI DA CÓPIA PRIVADA**

## **SOCIALISTAS VÃO ALTERAR O TEXTO PARA VOLTAREM A PÔ-LO À VOTAÇÃO**

O PS vai voltar atrás no projecto de lei da Cópia Privada (conhecido por PL118), retirando o mesmo de votação para poder proceder à alteração do texto que nele constava. Quem o garantiu foi Carlos Zorrinho, líder da bancada socialista, que explicou, via Twitter, no passado dia 22 de Março, que a ideia do PS é "retirar" o PL118, "alterar" o seu conteúdo e "voltar a apresentar" o texto, já com as alterações. A notícia sobre o discutido PL118 foi publicada no JN online.

Em declarações à Agência Lusa, Gabriela Canavilhas, deputada socialista e ex-ministra da Cultura, responsável pelo projecto de lei, garante que a alteração serve para permitir uma "mais célere adaptação dos valores e dos produtos, acompanhando a evolução tecnológica". Como tal, e segundo a alteração, o governo deve publicar de dois em dois anos uma nova portaria, onde constem a actualização dos equipamentos e taxas.

### **DEFINIÇÃO DE LIMITES DE TAXAS A APLICAR EM QUESTÃO**

Uma das alterações apresentadas passa pela definição de um limite máximo na taxa a aplicar, que é "progressiva consoante a capacidade de armazenamento" do equipamento, mas não pode, agora, "exceder os seis por cento sobre o produto antes do IVA". Igualmente previstas estão isenções de pagamento a "profissionais em nome individual do sector audiovisual, fonográfico e fotográfico" e a "centro de documentação não comercial", como bibliotecas ou museus.

Recorde-se que o projecto de lei 118 tem por objectivo taxar, para além de CD's e DVD's ou cassetes, outro suportes digitais, resultantes do "progresso tecnológico significativo e crescente". A proposta foi apresentada no Parlamento e acumulou mediatismo com um abaixo-assinado da Sociedade Portuguesa de Autores, que gerou polémica no início do ano. Os internautas portugueses não tardaram a manifestar-se nas redes sociais, onde diversos utilizadores se uniram contra a medida (ver hashtag PL118), assinando uma petição para travar a sua aprovação.

# 10 COISAS QUE DEVERIA SABER SOBRE A LEI DA CÓPIA PRIVADA

A Administração da SPA levou no passado dia 23 de Janeiro de 2012 ao conhecimento de todos os seus cooperadores o documento que aqui reproduzimos na íntegra sobre a Cópia Privada, certa de que a sua leitura poderá contribuir para uma ainda maior informação e esclarecimento acerca desta importante fonte de receita para os autores portugueses. As perguntas para as quais a AGE COP (Associação para a Gestão da Cópia Privada), a que a SPA preside, elaborou respostas são as que mais frequentemente têm vindo a lume acerca deste assunto.

**1**

**Qual é o motivo pelo qual a tarifa tem que ser aplicada aos equipamentos e suportes se os mesmos também podem ser usados apenas para fins pessoais?**

Os casos particulares de equipamentos exclusivamente utilizados para a reprodução e armazenagem de "conteúdos" próprios não são um "comportamento-padrão". Os novos suportes e equipamentos são hoje utilizados, maioritariamente e em larga escala, para armazenar e reproduzir obras e prestações protegidas. Fará, pois, todo o sentido estender o âmbito da cópia privada a aparelhos que são utilizados preferencialmente para a reprodução de "conteúdos protegidos" pelo direito de autor e direitos conexos.

**3**

**A aplicação das taxas aos equipamentos está associada a um aumento de preço?**

Não. A tarifa será cobrada ao fabricante, ou importador, do aparelho para o território nacional e não ao consumidor final. Tendo em conta a realidade do mercado de equipamentos e suportes, é altamente improvável que a introdução das tarifas tenha um reflexo directamente proporcional no preço de venda ao público.

**4**

**As tarifas propostas são equivalentes às praticadas na União Europeia?**

Não. As tarifas propostas são inferiores à média praticada nos outros países da UE.

**2**

**Portugal é o primeiro país a aplicar tarifas sobre os novos equipamentos e suportes?**

Pelo menos 16 países membros da União Europeia efectuaram mudanças na sua legislação quanto a esta matéria. Entre 22 países europeus que previam a excepção da cópia privada, só Portugal e a Holanda não tinham previsto na sua legislação tarifas que incidissem sobre os "novos" suportes de media e/ou equipamentos de reprodução/gravação e dispositivos de armazenamento que são regularmente utilizados para a realização da cópia privada.

**5**

**Quais são os equipamentos e suportes actualmente abrangidos pela lei em vigor?**

Cassetes Áudio, Cassetes Vídeo, CRDs, CDRWs, DVDRs e DVDRWs .

**6**

**Quais são os equipamentos e suportes propostos também abrangidos?**

Cartões de Memória e Memória USB, Discos Rígidos, Leitores, Gravadores de MP3 e MP4.

# LEI DA CÓPIA PRIVADA

7

**Os equipamentos vão ser tarifados de forma proporcional à sua capacidade de armazenamento?**

As tarifas propostas, nos casos em que são aplicados escalões sobre o mesmo suporte, são regressivas e não progressivas. Por exemplo, no caso dos discos rígidos internos e externos, as capacidades superiores a 1Tb, serão remuneradas a um valor que é na prática equivalente a 25% da tarifa aplicada até àquela capacidade.

8

**Um disco rígido de 500 Gb pode vir a custar cerca de 150 Euros em dois anos, mas hoje 1Tb custa 90 Euros e estima-se que, em 2020, 14Tb possam custar cerca de 30 Euros. As tabelas que forem aplicadas agora terão em linha de conta a evolução tecnológica?**

É provável que novos suportes e equipamentos venham a ser inventados, introduzidos no mercado e a generalizarem-se como instrumentos utilizados para efectuar cópias privadas. Tudo isto recomenda – até para que os equilíbrios sejam mantidos, independentemente do processo tecnológico – uma actualização periódica de tarifas. Estranho é que Portugal mantenha, em 2012, tarifários que, quando da sua entrada em vigor, em 2004, estavam já obsoletos.

9

**Este PL tem o consenso dos vários intervenientes do sector?**

O Projecto Lei agora em análise é já o resultado de uma ampla concertação de interesses entre os criadores e produtores de bens culturais e os consumidores. Esta concertação está, também, patente além da estrutura e montantes das tarifas, nas isenções previstas que visam, por exemplo, isentar da aplicação das tarifas equipamentos e suportes que sejam manifestamente colocados ao serviço da própria produção cultural.

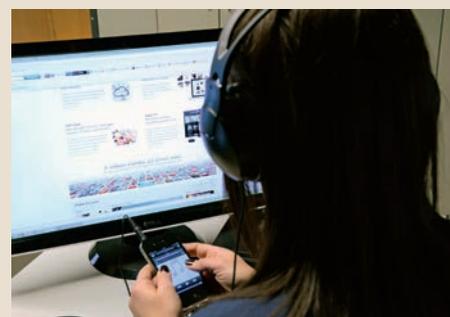
10

**Porque é fundamental a Lei da Cópia Privada?**

A necessidade de ressarcir e compensar os titulares de direitos pelos prejuízos resultantes da cópia privada pode, e deve, ser efectuada através da extensão das tarifas aos equipamentos e suportes efectivamente utilizados para a reprodução de obras. A única alternativa viável, face ao direito europeu, seria a de proibir toda e qualquer reprodução, mesmo para uso privado.

A Lei da Cópia Privada é a única forma de defender e dar liberdade aos consumidores, de integrar os retalhistas, importadores e distribuidores e de compensar minimamente os autores, criadores, editores e produtores pela utilização das obras que colocam à disposição de todos.

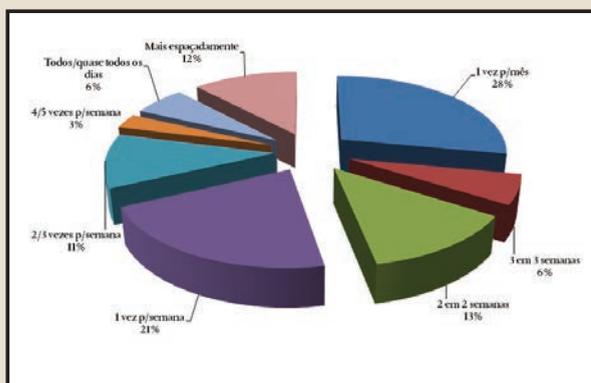
*Lisboa, 23 de Janeiro de 2012  
O Conselho de Administração*



Um estudo recentemente realizado pela Intercampus revela que 85% dos inquiridos realizam habitualmente gravações de conteúdos musicais sendo que, destes:

- 99% utilizam o computador (com leitor/gravador de CD ou DVD) para a reprodução de conteúdos musicais.
- 88% do total de inquiridos gravam música para o formato MP3 e apenas 8% em WAV (o formato tipicamente utilizado em CDR).
- 45% utilizam leitores de MP3 e MP4.
- 22% utilizam memórias USBs.

É também interessante notar a frequência da gravação:



A Média de Gravação de Músicas por mês, por indivíduo, é de cerca de 64 músicas. Equivalentes a pouco mais de cinco álbuns completos que têm um preço de mercado aproximado de venda ao público de 75,00 Euros.



# ANO INTERNACIONAL DAS

## PRESIDENTE DA DIRECÇÃO E DA ADMINISTRAÇÃO DA SPA ASSEGURA

### “VAMOS APOSTAR NO REFORÇO DA NOSSA MATRIZ COOPERATIVISTA”

“A SPA nasceu como cooperativa em 22 de Maio de 1925 e nunca renegou essa matriz cooperativista. Portanto, foi cooperativa, é cooperativa e continuará a ser cooperativa”, garante o seu presidente, José Jorge Letria.

Durante muitos anos, foi tutelada pelo Instituto António Sérgio para o Sector Cooperativo (INSCOOP). Esse instituto foi extinto e, neste momento, a entidade que tutela o sector cooperativo chama-se CASES, que é Cooperativa António Sérgio para a Economia Social. A adesão da SPA à CASES foi decidida em assembleia-geral já há mais de um ano e meio e, portanto, a SPA está hoje integrada nesta estrutura.

Este ano de 2012 foi proclamado pela ONU como Ano Internacional das Cooperativas. Decidido em 2008-09, foi aprovado sobretudo pelos países africanos, mas, entretanto, foi subscrito por outros países, porque a crise global fez com que nações que não prestavam muita atenção à economia social, caso dos Estados Unidos da América ou Canadá, tenham valorizado o sector cooperativo. Neste momento, áreas importantes da vida económica americana, desde a panificação a outros serviços e áreas de produção, estão ligadas ao sector cooperativo, sobretudo em cidades como Detroit, que se afundaram com a crise de 2008.

“O que há neste momento é uma tendência para a recuperação da matriz cooperativista como forma de valorização da economia social, porque é preciso encontrar soluções e alter-

nativas à economia da ganância e do lucro e a SPA também está a apostar no relançamento da sua matriz cooperativista que nunca deixou de ter, mas que quer reforçar ainda mais”, assegurou à Autores o presidente da Direcção e do Conselho de Administração da Sociedade Portuguesa de Autores.

#### AS RAZÕES E ACÇÕES DO REFORÇO

E quer reforçar por várias razões, segundo explica. “Em primeiro lugar, porque o tempo é da economia social e não da economia especulativa e competitiva sem regras e, porque é possível, através da intercooperação, nós trabalharmos com outras estruturas do movimento cooperativo que nos possam fornecer produtos e bens a um preço mais aceitável e mais acessível, sendo que, depois, nós também estamos disponíveis para encontrar as contrapartidas através da nossa actividade cooperativista”.

Portanto, este ano, a SPA, de acordo com conversações ocorridas com a CASES e com o seu presidente, Eduardo Graça, vai participar em várias iniciativas no âmbito das comemorações do Ano Internacional das Cooperativas. Para além deste seminário que decorreu ao longo do dia 29 de Fevereiro, vai, nomeadamente, organizar num dos seus espaços, em colaboração com a CASES, um debate sobre as cooperativas do sector cultural ou o cooperativismo na área cultural, porque, segundo lembra José Jorge Letria, “a SPA é, sem dúvida, uma das maiores cooperativas culturais portuguesas, senão mesmo a maior, e somos na área do direito de autor, uma das maiores cooperativas de direito de autor do mundo”. Só tem conhecimento de outra cooperativa de direito de autor, que é a SABAM - Sociedade Belga de Autores, Compositores e Editores de Música -, que também tem matriz cooperativa. As outras são, normalmente, sociedades comerciais. Têm assembleias gerais, têm conselhos fiscais, mas não têm a matriz cooperativista, mutualista, assistencialista.

“Isto quer dizer que, este ano, nós vamos reforçar muito a nossa matriz cooperativista. Além destes debates que vão ocorrer aqui, congratulamo-nos bastante com o facto de a CASES ter feito

um protocolo com a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, com a qual nós também temos um protocolo de edição, e esta vai editar alguns dos textos de referência de António Sérgio”, anunciou. O António Sérgio é, como se sabe, o grande doutrinador português e um dos grandes doutrinadores mundiais do cooperativismo. Morreu em 1969 e a SPA já promoveu uma evocação sua em Abril de 2009. Portanto, a ideia da SPA é também a de valorizar a memória de António Sérgio, enquanto ensaísta, historiador, escritor, doutrinador.

E isto significa que nos próximos anos, mais do que aconteceu até agora, salienta o presidente da SPA, “nós queremos valorizar muito esta matriz, esta origem cooperativista, porque achamos importante que os cooperadores desta casa tenham consciência que são membros de uma cooperativa”.

E salienta, a propósito: “Sentimos que esta consciência está muito diluída, porque as pessoas geralmente vêem a relação com a SPA numa perspectiva economicista ou assistencialista, quando precisam. Normalmente, não vêem numa perspectiva cooperativista. E os cooperativistas que se assumem como tal têm sempre a receber e a dar, porque o grande objectivo do cooperativismo é criar riqueza e fazer com que a riqueza seja reinvestida para criar mais riqueza não especulativa, que seja favorável a quem está nas cooperativas.”

#### UMA EMPRESA, SIM, MAS DE CARIZ COOPERATIVISTA

É importante lembrar que o cooperativismo teve um papel muito importante na República, durante a ditadura, embora muito perseguido, havia umas cooperativas livres, cooperativas de habitação e de consumo, e que o período áureo das cooperativas é a seguir ao 25 de Abril, quando, realmente, sectores importantes da sociedade portuguesa se organizam em termos cooperativistas. Desde o sector agrícola, com a reforma agrária, até às cooperativas de ensino, passando pelas cooperativas de habitação e de consumo. E a SPA, que é das mais antigas cooperativas portuguesas, manteve sempre a sua matriz e a sua condição de cooperativa.



A SPA É, SEM DÚVIDA, UMA DAS MAIORES COOPERATIVAS CULTURAIS PORTUGUESAS, SENÃO MESMO A MAIOR, E SOMOS NA ÁREA DO DIREITO DE AUTOR, UMA DAS MAIORES COOPERATIVAS DE DIREITO DE AUTOR DO MUNDO

ACHAMOS IMPORTANTE QUE OS COOPERADORES DESTA CASA TENHAM CONSCIÊNCIA QUE SÃO MEMBROS DE UMA COOPERATIVA, PORQUE GERALMENTE VÊM A RELAÇÃO COM A SPA NUMA PERSPECTIVA ECONOMICISTA OU ASSISTENCIALISTA

Com a entrada para a CE, nos anos 80, as cooperativas caíram um bocado em desuso, embora as que se mantiveram activas sejam dos sectores da economia que lograram resultados mais saudáveis e mais positivos, no meio do grande caos em que a economia se tornou. E, portanto, desde as Caixas de Crédito Agrícola até às cooperativas de produção são, de facto, naquelas que as coisas funcionam. As cooperativas de consumo desapareceram com as redes dos hipermercados. “As cooperativas têm uma grande vantagem, é que não fogem para a Holanda, à procura de vantagens fiscais”, ironiza o presidente da SPA.

Isto é, no fundo, para sublinhar que a SPA quer fazer renascer o espírito cooperativista dentro da sua estrutura, que nunca deixou de existir, mas que estava um bocado diluído. “Quer dizer, nós somos uma empresa, não queremos deixar de ser uma empresa, mas de matriz cooperativista”, acentua, especificando que este ano de 2012 vai ser o relançamento ou a reafirmação da condição de cooperativa da SPA e que os próximos anos irão marcar isto também, “porque o mercado e o sector das cooperativas é um sector com grande potencial de crescimento e onde nós podemos também valorizar o nosso contributo”. “Aliás, o Fundo Cultural e o Fundo Social da SPA, que está presente no subsídio estatutário e no subsídio de emergência, são mecanismos de apoio ou de complemento de reforma que não existem nas empresas. Existem aqui, porque somos uma cooperativa. Nós não só queremos manter o nosso estatuto de cooperativa, como queremos aprofundá-lo”, garante. *Edite Esteves*



Foto: Alfredo António

É POSSÍVEL, ATRAVÉS DA INTERCOOPERAÇÃO, TRABALHARMOS COM OUTRAS ESTRUTURAS DO MOVIMENTO COOPERATIVO QUE NOS POSSAM FORNECER PRODUTOS E BENS A UM PREÇO MAIS ACEITÁVEL E MAIS ACESSÍVEL

## RESUMINDO OS OBJECTIVOS DA SPA NA RELAÇÃO COM O COOPERATIVISMO:

- Valorizar a componente intercooperativa: “para nós é fundamental, o que nos pode permitir ter bens e serviços fundamentais para o nosso dia-a-dia com custos menores, definindo depois nós a contrapartida, que pode ter uma dimensão cultural ou outra”
- Queremos também contribuir para a consciência cooperativista nos autores
- Para uma maior cooperação nossa com a estrutura que coordena o sector – o Ministério da Solidariedade Social
- Valorizar, ao longo deste ano e nos próximos, a nossa condição de cooperativa.



# ANO INTERNACIONAL DAS

SPA APOIA E PARTICIPA EM SEMINÁRIOS DA CASES EM LISBOA E EM COIMBRA

## “AS COOPERATIVAS E A ECONOMIA SOCIAL”



A sala galeria Carlos Paredes da SPA recebeu, no passado dia 29 de Fevereiro, numa iniciativa da Cooperativa António Sérgio para a Economia Social (CASES), em parceria com a SPA, o seminário “As Cooperativas e a Economia Social”, que contou com a participação dos maiores especialistas nacionais nesta matéria. Este seminário integrou-se na programação do Ano Internacional das Cooperativas, proclamado pela ONU para 2012, e encheu por completo, ao longo de todo o dia, as instalações da Sociedade Portuguesa de Autores.

Após uma intervenção inicial do Presidente da SPA, José Jorge Letria, que fez o historial da instituição enquanto cooperativa, desde a sua fundação em Maio de 1925, intervieram o Dr. Eduardo Graça, Presidente da CASES, tendo estado depois no uso da palavra especialistas como Jorge Nascimento Rodrigues, Jorge de Sá, Lurdes Barata, Manuel Canaveira de Campos, Conceição Couvareiro, João Rebelo, Rogério Roque Amaro, Arnaldo de Oliveira Machado, Artur Martins, Rui Namorado, Francisco Silva, Jerónimo Teixeira, Lino Maia, Manuel de Lemos e Luís Alberto Sá e Silva, entre outros. Os diversos intervenientes representaram a universidade, o sector cooperativo e outras instituições ligadas a esta área da economia social.

Os trabalhos foram encerrados com a intervenção do secretário de Estado do Emprego e da Solidariedade Social, Marco António Costa, que sublinhou a importância do cooperativismo no quadro da economia social, tendo anunciado algumas medidas e apelado ao empenhamento das estruturas cooperativas no processo de dinamização deste sector, congratulando-se com os esforços efectivados e anunciados pela SPA nesse sentido.

Foto: Alfredo António

### SPA E CASES ANALISAM ACÇÕES NO ÂMBITO DO MOVIMENTO COOPERATIVO

A SPA e a Cooperativa António Sérgio para a Economia Social (CASES) estiveram reunidas para analisar formas de integração da cooperativa dos autores portugueses nesta estrutura que, sob a tutela do Ministério da Solidariedade e da Segurança Social, coordena todo o sector, em substituição do Instituto António Sérgio para o sector cooperativo.

A reunião decorreu com a participação dos dois presidentes – José Jorge Letria pela SPA e Eduardo Graça pela CASES -, tendo tido também a participação do Dr. Lucas Serra, pela SPA. Durante a reunião foi analisada a forma de participação da Sociedade Portuguesa

de Autores nos eventos do Ano Internacional das Cooperativas, que decorre em 2012, por decisão da ONU, bem como formas de colaboração e cooperação a desenvolver nos próximos tempos a nível das estruturas do sector e que possam ser vantajosas para a SPA, que nunca deixou de assumir, desde a sua fundação em 1925, a sua matriz cooperativista. Oportunamente, serão anunciadas as acções relacionadas com esta participação. Recorde-se que a SPA decidiu, em assembleia geral, a sua adesão à CASES.

Lisboa, 16 de Janeiro de 2012  
O Conselho de Administração

EDUARDO GRAÇA, ECONOMISTA E PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DA CASES, ESCLARECE

## “A COOPERATIVA PODE SER UMA FORMA MUITO INOVADORA DE CRIAÇÃO DE EMPREGO”

A que se deveu a escolha da Sociedade Portuguesa de Autores, uma das cooperativas nacionais maiores e mais antigas, para a organização da primeira iniciativa inserida nas comemorações oficiais portuguesas do 2012 Ano Internacional das Cooperativas, promovido pela ONU?

Este ano, o Ano Internacional das Cooperativas, a Cooperativa António Sérgio para a Solidariedade Social (CASES) ficou incumbida pelo Governo de organizar todo um conjunto de eventos e actividades relacionados com esta temática sugerida pela Organização das Nações Unidas e pensámos, logo à cabeça, que a Sociedade Portuguesa de Autores seria uma organização e um espaço muito interessante para integrar dentro desta lógica de celebração, de debate acerca do sector cooperativo.

Felizmente, deparámo-nos com uma orientação da Direcção da SPA que assume a sua natureza cooperativista e, assim, é possível conciliar todo um conjunto de aspectos, para que possamos, este ano, reposicionar o sector cooperativo perante a nossa sociedade, perante a opinião pública, perante a comunicação social, perante os poderes, para o revitalizar e o projectar, no sentido de que ele possa desempenhar um papel mais relevante também no combate à crise. Porque o sector cooperativo (de que a SPA é um exemplo evidente no ramo cultural) tem condições, pela sua própria natureza, para ser importante nesse combate.

**Porque a cultura, como foi dito aqui também já, tal como em Bruxelas, é um dos elementos fundamentais para podermos reactivar e inovar o sector cooperativo e, no fundo, o sector económico, não é?**

Penso mesmo que irão surgir, ao longo deste ano, iniciativas para promoção de cooperativas jovens de diversos ramos e também do ramo da cultura. Desde que se criem condições para que os jovens possam ser atraídos para o modelo cooperativo, se introduzam incentivos a essa cooperação, penso que o modelo cooperativo pode dar um contributo muitíssimo importante, quer para a economia nacional, quer para o combate ao desemprego e, em particular, ao desemprego jovem.

**PENSO QUE O MODELO COOPERATIVO PODE DAR UM CONTRIBUTO MUITÍSSIMO IMPORTANTE, QUER PARA A ECONOMIA NACIONAL, QUER PARA O COMBATE AO DESEMPREGO, EM PARTICULAR, AO DESEMPREGO JOVEM**

## A DISTRIBUIÇÃO DOS EXCEDENTES NUMA COOPERATIVA

Para quem não está bem ciente sobre o que é uma cooperativa e, dado que este foi um dos temas deste seminário, como forma de esclarecimento pormenorizado, o que é uma cooperativa, como funciona, para que serve? Para falar claro, uma cooperativa é uma empresa com uma base associativa. Ou seja, continua a ser uma empresa, simplesmente tem princípios e valores diferentes. Na empresa cooperativa o que predomina são as pessoas e não o capital, mas desenvolve actividades próprias de uma empresa e gera excedentes, ou seja, não é propriamente um grupo de amigos que se reúne para passar o tempo, mas é uma organização de natureza empresarial, com base cooperativa, que busca atingir



determinados objectivos que também têm uma vertente económica. E que é relevante.

**E cujos frutos são distribuídos.**

Agora, a distribuição dos excedentes é que é diferente daquela que é praticada na empresa capitalista.

**A CASES ABARCA NÃO SÓ O SECTOR COOPERATIVO, COMO AS IPSS, AS MISERICÓRDIAS, AS MUTUALIDADES. QUER DIZER, TODO O CONJUNTO DE TODAS AS OUTRAS FAMÍLIAS DE ECONOMIA SOCIAL, EMBORA ASSUMINDO TODAS AS RESPONSABILIDADES QUE ESTAVAM COMETIDAS ANTES AO INSTITUTO**

**Nomeadamente...**

Enquanto o capitalista é remunerado pela sua participação no capital, no caso da cooperativa os excedentes revertem, fundamentalmente, para a própria cooperativa, para o investimento da cooperativa e, caso os cooperadores sejam também trabalhadores da cooperativa, podem receber uma parte deles pelo trabalho que efectuam. Portanto, é uma forma muito interessante e pode ser muito inovadora de criação do próprio emprego. Ou seja, não sob a forma individual, como uma empresa capitalista clássica, mas criando a sua própria entidade cooperativa, nela gerando emprego que depois se pode desenvolver para formas superiores em termos de orientação.

**Porquê a substituição do Instituto António Sérgio por uma Cooperativa como é esta agora da CASES – Cooperativa António Sérgio para a Solidariedade Social?**

Foi uma mudança, fundamentalmente, para abarcar todo o conjunto dos sectores da economia social. Enquanto, antes, o Instituto tinha uma vocação orientada só para o sector cooperativo, agora, a CASES abarca não só o sector cooperativo, como as IPSS, as Misericórdias, as Mutualidades. Quer dizer, todo o conjunto de todas as outras famílias de economia social, embora assumindo todas as responsabilidades que estavam cometidas ao Instituto. É mais abrangente. *EDITE ESTEVES*



# ANO INTERNACIONAL DAS



Foto: Alfredo António

## IRMÃOS MATOS SILVA FILMAM

### Documentário com apoio da CASES e da SPA

O auditório-galeria Carlos Paredes da SPA contou, durante este seminário sobre As Cooperativas e a Economia Social, com a presença activa de uma equipa de filmagens, que aqui encetou as gravações de um documentário, que irá integrar o Programa Oficial das Comemorações do Ano Internacional das Cooperativas-2012, organizado pela CASES, CIPRL.

Com apoio da CASES, CIPRL e ainda da AGECOP-SPA, o realizador e cooperador n.º 594 da Sociedade Portuguesa de Autores João Matos Silva, que, em 2009, recebeu a Medalha de Honra desta cooperativa, dirigiu as gravações deste importante encontro a nível nacional, dando assim sinal de partida para um documentário mais abrangente, intitulado “Carta Apócrifa de António Sérgio a Vosoutros os Cooperativistas - Os 7 Pilares da Solidariedade”, com estreia programada para o Encontro Nacional das Cooperativas, a decorrer em Outubro próximo.

“Este tema tem um grande significado para mim, não só como cooperador de longa data da SPA, mas porque, como autor, grande parte do meu percurso foi feito dentro de cooperativas (infelizmente, já todas desaparecidas), que tiveram um real significado no panorama cinematográfico e audiovisual português, como foram o Centro Português de Cinema e depois a Cinequipa”, referiu à Autores o conceituado cineasta.

Fernando Matos Silva, seu irmão e também realizador, que com ele partilhou sempre a “viagem” por aquelas cooperativas – a primeira fundada em 1969 e a segunda decorrente das divergências naturais surgidas após o 25 de Abril (foi com a Cinequanon uma das duas primeiras cooperativas de cinema constituídas no pós-Revolução dos Cravos) – compõe também a equipa necessariamente reduzida deste documentário, dado o pequeno orçamento para tal, aqui como produtor.

Ao lado dos “irmãos Lumiar”, como são conhecidos, estiveram nesta primeira sessão de filmagens o director de fotografia e operador de câmara Alexandre Gonçalves e Cristina Mascarenhas, directora de produção.

O argumento do documentário é de autoria de Fátima Sampaio e João Matos Silva, sendo que a primeira tem a seu cargo igualmente a respectiva direcção artística.

Para além da estreia oficial do documentário em Outubro, durante o Encontro Nacional das Cooperativas está prevista também uma sessão do mesmo nas instalações da Sociedade Portuguesa de Autores, que apoiou o projecto e ainda o evento oficial. **E.E.**

## SEMINÁRIO

### “AS COOPERATIVAS E A ECONOMIA SOCIAL”

O Seminário “As Cooperativas e a Economia Social”, realizado a 29 de Fevereiro de 2012 nas instalações da Sociedade Portuguesa de Autores, na Rua Gonçalves Crespo, n.º 62, em Lisboa, sob organização da CASES – Cooperativa António Sérgio para a Economia Social, tutelada pelo Ministério da Solidariedade e da Segurança Social, teve como objectivo “enquadrar, definir e delimitar o conceito de cooperativa no contexto da economia social e da crise – nos planos conceptual, económico, legal e estatístico”, tendo sido apresentado, na ocasião, o caso singular do sector cooperativo da Região Autónoma dos Açores.

## PROGRAMA

09H45 Boas-vindas de uma cooperativa que se assume – José Jorge Letria – SPA - Sociedade Portuguesa de Autores

**1º Painel:** A Crise – inevitável pano de fundo (Moderador – Eduardo Graça)

10H00 O “Ano Internacional das Cooperativas” no contexto da crise – Eduardo Graça – CASES

10H10 O nosso mundo – a economia e a finança globais enlouqueceram? – Jorge Nascimento Rodrigues – Colaborador do semanário “Expresso”

10H30 Portugal e a Europa – Uma solução europeia? – Teresa de Sousa – Jornalista do “Público” (FALTOU POR MOTIVOS PROFISSIONAIS)

10H50 Debate

11H10 Pausa para Café

**2º Painel:** O Universo das Cooperativas em Portugal (Moderador – Jorge de Sá)

11H20 Crise, Cooperativas e Desenvolvimento sustentado – Jorge de Sá – CIRIEC Portugal

11H50 Cooperativas em Portugal no contexto da economia social. Quantas, onde e para quê? Uma aproximação ao mundo real cooperativo pela via estatística – Lurdes Barata – CASES

12H10 O que é uma cooperativa? Para que serve e como funciona – Manuel Canaveira de Campos

12H30 A Cooperar também se aprende. Ecos de uma “Educação Cívica” – Conceição Couvaneiro – Instituto Piaget

12H50 Cooperativa, um conceito que deve evoluir – O caso das Cooperativas Agrícolas – João Rebelo – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

13H10 Debate

13H30 Intervalo para Almoço

**3º Painel:** O contributo das Cooperativas

para o Desenvolvimento na Região Autónoma dos Açores (Moderador: Eduardo Graça)

15H00 A importância do Cooperativismo no contexto regional – Rogério Roque Amaro – ANIMAR

15H20 O sector Cooperativo e o Desenvolvimento Local na Região Autónoma dos Açores – Arnaldo Fernandes de Oliveira Machado – Direcção Regional de Apoio ao Investimento e à Competitividade

15H40 Apresentação de Caso – a CRESAÇOR – Cooperativa Regional de Economia Solidária, CRL, uma cooperativa singular – Artur Martins – ACESSAR

16H00 Debate

16H15 Entrega dos certificados aos formandos do Plano de Formação para a Economia Social da CASES (2011)

16H30 Pausa para Café

**4º Painel:** Aspectos legais do Sector Cooperativo e Social

16H45 As Cooperativas no Ordenamento Jurídico Português – Rui Namorado – Universidade de Coimbra

17H15 Comentários de Rogério Roque Amaro (Presidente da ANIMAR), Francisco Silva (Secretário Geral da CONFAGRI), Jerónimo Teixeira (Presidente da CONFECOOP), Lino Maia (Presidente da CNIS) \*, Manuel de Lemos (Presidente da União das Misericórdias Portuguesas), Luís Alberto Sá e Silva (Presidente da União das Mutualidades Portuguesas)

18H00 Encerramento

Senhor Secretário de Estado da Solidariedade e da Segurança Social – Marco António Costa

## O COOPERATIVISMO PODE REVITALIZAR A ECONOMIA SOCIAL EM TEMPO DE CRISE

por José Jorge Letria

“Ao declarar 2012 Ano Internacional das Cooperativas, a ONU veio sublinhar a importância deste segmento da nossa vida produtiva para o crescimento e revitalização da economia social. O movimento cooperativo representa em Portugal cinco por cento do Produto Interno Bruto, facto que tende a ser ignorado ou subestimado.

“As cooperativas nasceram, historicamente, com o movimento operário, na sequência da Revolução Industrial, valorizando conceitos como a solidariedade, a entreatajuda e a primazia do ser humano e dos seus direitos sobre a ideia de lucro e de riqueza fácil. Estes conceitos, num grave contexto de crise, adquirem uma nova actualidade e vigor que não é de mais sublinhar. “Dessa missão está a encarregar-se a CASES (Cooperativa António Sérgio para a Economia Social), presidida pelo economista Eduardo Graça, que, um pouco por todo o país se bate pela atracção das novas gerações para as virtudes e vantagens do cooperativismo e para demonstrar que, na lógica da cooperação e da solidariedade, é possível e desejável inovar de forma consistente e sustentável e criar riqueza e emprego, ajudando a conquistar para este sector áreas até agora entregues à sua sorte, no quadro de uma economia desumanizada e sem escrúpulos.

“Com esta dinâmica renasce o interesse pelo pensamento de António Sérgio, falecido em 1969, e uma das grandes figuras da vida intelectual e cívica portuguesa durante décadas, que marcou com “Ensaios”, a sua obra mais importante, onde podem ler-se páginas memoráveis



José Maria Roumier

sobre o cooperativismo, a educação cívica e a interpretação da História de Portugal.

“Após o 25 de Abril, as cooperativas tiveram, em múltiplos domínios, o seu período áureo, que se esbateu com a entrada de Portugal na CEE e com o triunfo de modelos económicos muito mais virados para a economia especulativa e menos solidariedade, muito mais marcada pela ‘febre’ do lucro do que pelo respeito pelos interesses e direitos do ser humano.

É significativo o facto de o cooperativismo estar a renascer, de forma pujante, em países como os Estados Unidos e o Canadá, sobretudo depois da crise iniciada em 2008, e na Suíça, um dos símbolos do capitalismo europeu de raiz luterana.

“Quando a ONU proclamou o Ano Internacional das Cooperativas, a principal corrente de apoio à iniciativa veio de África, mas logo se estendeu a outros países, até agora pouco sensíveis a este sector da economia social. Entretanto, a realidade transformou-se dramaticamente, trazendo

essa mudança mais desemprego, mais desprotecção social, mais incerteza em relação ao futuro, o que levou decisores políticos e muitos cidadãos anónimos a perceberem que é tempo de fazer renascer o cooperativismo como ideal, como modelo e como dinâmica social e produtiva.

“Também o sector cultural, no qual a Sociedade Portuguesa de Autores é, desde a sua fundação em Maio de 1925, uma cooperativa consciente da sua responsabilidade social, tem evidentes vantagens em assumir ou reassumir a sua vocação cooperativista, seja para fortalecer laços de intercooperação, seja para dar maior sustentabilidade a candidaturas nacionais e internacionais a apoios disponíveis, seja ainda por razões relacionadas com a área fiscal.

“É crescente o número dos que compreendem que a superação da crise, seja qual for o horizonte em que venha a cumprir-se, passa, inevitavelmente, pela revitalização da economia social, que coloca o ser humano e os seus direitos acima da lógica do

lucro e da busca da riqueza fora de um quadro de equilíbrio e regulação, que é o único que dá garantias de racionalidade e respeito em termos de responsabilidade social.

“O ano de 2012 vai ser decisivo para que as novas gerações sejam sensibilizadas para a compreensão do potencial que tem o cooperativismo e para perceberem que este é também um espaço aberto à inovação, à solidariedade e à busca de soluções de ordem económica e empresarial que, recusando a ganância e a especulação, gerem emprego, riqueza e genuínas formas de entreatajuda. E faz sentido que se reflita sobre estas palavras de Martin Luther King: “Com os pássaros aprendemos a voar, com os peixes a nadar, mas ainda nos falta aprender a arte de caminharmos lado a lado pelo bem comum”.

Estamos sempre a tempo de aprender, e está nas nossas mãos criar novas formas de cooperação que afastem esta sociedade em crise de um estado de emergência que a leve ao colapso ou a lance no abismo”.

**O ANO DE 2012  
VAI SER DECISIVO  
PARA QUE  
AS NOVAS GERAÇÕES  
SEJAM SENSIBILIZADAS  
PARA A COMPREENSÃO  
DO POTENCIAL  
QUE TEM  
O COOPERATIVISMO**

EXPOSIÇÃO PATENTE NA SPA ATÉ FINAL DE ABRIL

**“GUERRA COLONIAL: TARRAFAL 50 ANOS DEPOIS”  
VAI SER MOSTRADA NAS ESCOLAS E AUTARQUIAS**

A Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) assinalou os 50 anos do início da Guerra Colonial e da reabertura do Campo do Tarrafal com uma exposição documental intitulada “Guerra Colonial: Tarrafal 50 anos depois”, que foi inaugurada no passado dia 8 de Março. Baseada em documentos históricos veiculados por várias entidades e pessoas ligadas ao tema, nomeadamente, pela Associação 25 de Abril, pela Fundação Mário Soares, no que se refere de forma específica ao Tarrafal, em mapas e descrições feitas por diversos autores, entre eles Alfredo Caldeira, Aniceto Afonso e Carlos Matos Gomes, o jornalista e investigador António Valdemar reconstruiu, em painéis e outra documentação móvel, o percurso da guerra colonial, desde o seu início, em 61, comparando de forma sistemática a situação política vivida então com a evolução da guerra, “dois fenómenos indissociáveis um do outro”, conforme opinou à Autores o almirante Vítor Crespo, presente na inauguração da significativa mostra.

A exposição, cuja concepção plástica, como sempre irrepreensível, do designer e cenógrafo Fernando Filipe, inclui mapas, fotografias e livros que ajudam a traçar o caminho daquele conflito e a identificar os seus protagonistas, e abre com dois painéis sobre o Campo do Tarrafal, em Cabo Verde: um sobre a sua criação, em Abril de 1936, como colónia penal que encerrou em 1946, e um outro sobre a sua reabertura, como campo de reclusão dos independentistas africanos, em 1961.

Com entrada livre, a importante mostra está patente até ao final de Abril, na galeria da Sala Carlos Paredes, da SPA, podendo ser visitada de segunda a sexta-feira, das 8 e 30 às 19 horas.

“Com esta exposição, que depois ficará em itinerância no país, em escolas, autarquias e colectividades, a SPA pretende fazer chegar às gerações mais jovens a história recente de Portugal e dar a conhecer-lhes o que foi a guerra colonial, o sofrimento colectivo e o atraso para o país que ela provocou”, declarou o presidente da Direcção e da Administração da SPA, na abertura do evento, para acrescentar: “Investir estrategicamente nesta memória junto dos mais jovens marcou o trabalho dos seus criadores, pois este é um contributo dos autores para que a memória histórica se não perca”.

Para António Valdemar, “a exposição é essencialmente documental, são factos” e, nesse sentido, resumiu, como só ele sabe e tem memória, os factos que investigou e trouxe para mostrar ao público em geral, dentro de um critério cronológico e de interacção político-militar.

Entre muitos outros factos ali expostos, é de salientar os documentos que provam que a Colónia Penal do Tarrafal, situada em Chão Bom do concelho do Tarrafal, na ilha de Santiago (Cabo Verde), foi criada pelo Estado Novo durante a ditadura de Salazar. Em 18 de Outubro de 1936, partiram de Lisboa os primeiros 152 detidos, entre os quais se contavam participantes na revolta do 18 de Janeiro de 1934, na Marinha Grande (37) e alguns marinheiros que tinham participado na Revolta dos Marinheiros ocorrida a bordo de navios de guerra no Tejo em 8 de Setembro daquele ano de 1936.

**“UMA MARCA NA VIDA CULTURAL E ARTÍSTICA DO PAÍS”**

Iniciada em 1961, a Guerra Colonial marcou a História Contemporânea Portuguesa de forma indelével, deixando um rasto de luto, sofrimento e ausência que se prolongou até muito depois do 25 de Abril de 1974. A exposição que a SPA apresenta agora ao público constitui uma evocação desse acontecimento histórico que deixou uma marca inapagável em vá-

rias gerações de portugueses e também, como seria inevitável, na vida cultural e artística do país.

“Foram 13 anos de conflito, com mais de 10 mil vidas perdidas, com dezenas de milhares de estropiados, com um imenso cortejo

de dor e perda que só agora Portugal começa a ser capaz de encarar de uma forma serena e distanciada”, afirma José Jorge Letria na nota que acompanha a exposição, lembrando que “a Guerra Colonial representou também o fenómeno doloroso de exílio, com centenas de milhares de jovens a radicarem-se noutros países, para não participarem numa guerra com a qual não podiam concordar, privando Portugal da sua criatividade, da sua inteligência e da sua força de trabalho”.

Estes 13 anos da vida colectiva do país marcaram, igualmente, o imaginário de centenas de criadores que deram testemunho dessa experiência traumática em livros, filmes, canções, peças de teatro e outras formas de expressão cultural e artística, que, antes do 25 de Abril, a censura do regime não poupou.

“Pretende esta exposição, também, ser uma homenagem aos criadores portugueses de diversas disciplinas que viveram e sofreram na carne a guerra e o exílio, tendo criado obras memoráveis a partir das suas vivências pessoais”, salienta a nota assinada pelo presidente da SPA, que declara que “é também em nome deles que esta exposição é feita”.

**VÍTOR CRESPO ENALTECE SELECÇÃO DOCUMENTAL**

O Almirante Vítor Crespo, actual director da Biblioteca da Marinha, presente na inauguração da exposição, foi protagonista da Revolução dos Cravos e o único oficial da Marinha de Guerra a participar no 25 de Abril de 1974, dando um importante contributo para a conquista da Liberdade.

O seu testemunho, face à mostra inaugurada na Sala-Galeria Carlos Paredes da SPA fica aqui registado na primeira pessoa para os leitores da Autores:

“Fiquei muito impressionado com o tipo de selecção que foi feito, porque não foram esquecidos nenhuns dos momentos políticos importantes que existiram durante a guerra colonial. Especialmente, para mim, é de louvar a ideia de se ter mostrado o Tarrafal conjuntamente com a exposição da guerra. Porque o Tarrafal é o símbolo da opressão e a guerra tem muito de opressão. É um povo que não se quer manifestar e que é obrigado a fazer uma guerra contra a natureza.

“A guerra e a defesa do regime são o mesmo fenómeno político. Tanto assim, que os militares acabaram por recusar a própria guerra e aceitaram a democracia. Rejeitar a guerra significava defender a democracia e, portanto, esta ligação do regime à guerra está aqui muito bem expressa. Todos os fenómenos que aqui são salientados nos painéis e as pessoas que neles figuram são muito significativos do que se viveu na guerra e a repressão ideológica que existiu neste país. Incluindo os autores, que eram todos fechados na gaveta com os seus papéis.” EE



Foto: Alfredo António

**“UM ABRAÇO EM CIMA DA DESPEDIDA” DE PEDRO OSÓRIO**

## EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA ACOMPANHA PRODUÇÃO DO SEU ÚLTIMO DISCO

“Esta exposição que inauguramos hoje é simbólica, mas antecipa aquela que queremos fazer para o ano que vem e que deverá cobrir todo o percurso de Pedro Osório”, anunciou o Presidente da Direcção e da Administração da SPA, na inauguração da exposição “Pedro Osório: Que Viva a Música!”, que ocorreu no passado dia 25 de Janeiro, e que se encontra patente no foyer das instalações da cooperativa, em homenagem ao maestro, falecido no dia 5.

Para José Jorge Letria, Pedro Osório, que, durante sete anos, fez desta a sua casa a tempo inteiro, na dupla condição de membro da Direcção e da Administração, “esta mostra de fotografias, da autoria de Inácio Ludgero, que é praticamente uma reportagem, é mais um abraço em cima da despedida”, já que, segundo justificou, “ainda não passou um mês sobre a morte do Pedro.”

A mostra, que recebe simbolicamente os visitantes no edifício dois da SPA, acompanha a produção do último disco de Pedro Osório, “Cantos da Babilónia”, assim como os ensaios que antecederam a apresentação ao público desse derradeiro trabalho, segundo pormenoriza José Jorge Letria num emocionado texto que encabeça a exposição de homenagem e que reproduzimos aqui na íntegra.

Depois de Lisboa, a exposição seguirá para as instalações da SPA no Porto, cidade natal do compositor.

### “QUE VIVA A MÚSICA!”

“A paixão pela música ajudou Pedro Osório na adversidade e na doença, até ao fim. Essa paixão nunca esmoreceu e teve uma das suas expressões mais conseguidas no disco ‘Cantos da Babilónia’, apresentado na SPA em Novembro de 2011.

“Essa apresentação foi feita na casa que foi de Pedro Osório, durante mais de sete anos, na dupla condição de membro da Direcção e da Administração. Deu a essas funções o melhor da sua energia e profissionalismo, devendo também por isso ser recordado pelos autores portugueses.

“Nos últimos meses de vida, Inácio Ludgero fotografou Pedro Osório na sua casa em Oeiras, e na SPA, durante a apresentação de ‘Cantos da Babilónia’ e durante o ensaio que a precedeu. São momentos de grande emoção e alegria para quem não quis deixar esta derradeira etapa por cumprir. As fotografias desta exposição ilustram bem esses estados de alma.



Foto: Alfredo António

“Todos sabíamos que o Pedro estava de partida, mas desejávamos que esse dia nunca mais chegasse. Porém, a hora chegou e ficou-nos do amigo, do companheiro de andanças, sonhos e lutas o legado de uma vida, um exemplo de paixão pela música. Ficou connosco, afinal, o melhor do Pedro Osório, da sua criatividade e vontade de viver.

“A Sociedade Portuguesa de Autores guardará sempre a marca da sua passagem, da sua dedicação e do seu espírito de sacrifício.

“Estas fotografias são a nossa homenagem a quem não se deixou derrotar por um destino que teimou em ser-lhe adverso, quando muito havia ainda a esperar do seu talento como compositor e instrumentista.

“A esta homenagem, outras se seguirão, para que o homem e a obra sejam lembrados na casa dos autores portugueses. O Pedro está em cada uma destas fotografias, e em todas elas, com a convicção indomável de quem nunca desistiu de dizer: “Amanhã, vou fazer música”.

“E com o Pedro Osório haverá sempre amanhã. Com paixão pela música.”

*José Jorge Letria  
Presidente da Direcção  
e Administração da SPA*



Foto: Alfredo António



# Carlos Vidal e o **Avô Cantigas** “Tudo fica mais bonito a multiplicar por dois”

Chama-se Carlos Alberto Vidal, mas também responde por Avô Cantigas. Entre criador e criação a diferença é mínima, mas, em 2010, Carlos Vidal assinou com o seu nome a estreia na ficção, passando de figurante a protagonista, tal como as personagens deste seu livro: “Uma Mão Cheia de Coisas”. Em 2013, completa 40 anos de música, porém é já em 2012 que se cumprem os 30 anos do Avô Cantigas. Para um e outro há planos a prometer surpresas que, depois desta conversa a três, ainda ficaram por revelar. Certo, certo é que Carlos Vidal e o seu alter-ego acreditam que “tudo fica muito mais bonito a multiplicar por dois”...

O Avô Cantigas já tinha obra publicada em livro. Com “Uma Mão Cheia de Coisas” é chegada a hora do Carlos Vidal?

É verdade, o Avô Cantigas tem muito do seu reportório em livro, mas, para o Carlos Vidal, esta é uma estreia, um menino acabado de nascer, vamos ver no que vai dar... São cinco histórias que já têm uns valentes anos e que nunca pensei ver publicadas. Foram escritas com muita calma e unicamente para meu gozo pessoal. E são histórias de objectos a que dou uma identidade e uma personalidade que fazem com que cada um olhe e pense o mundo à sua volta de forma única. Na história da bola, por exemplo, o protagonista é a bola e não o dono da bola, tal como a história do par de sapatos é sobre um par de sapatos e não o menino que os calça... Sei lá eu porquê, normalmente, os objectos são actores secundários, eu fiz deles protagonistas de uma história por cada dedo

de uma mão e o resultado foi... “Uma Mão Cheia de Coisas”!

**Confirma que o Avô é mesmo o alter-ego do Carlos?**

Houve muita gente a colocar a questão nesses termos e eu nunca a neguei, porque, não sendo o autor da expressão, revejo-me nela... Eu, Carlos Vidal, sou aquele avô que tem centenas de netos, mas nenhum verdadeiramente seu, porque tenho dois filhos de vinte e muitos anos, mas nenhum dos dois fez de mim avô... ainda! Em relação ao Avô Cantigas, o que aconteceu foi que com o tempo deixei de o representar e foi ele que se foi tornando cada vez mais eu, adoptando a minha maneira de ser e de estar. O Avô Cantigas, que surge pela primeira vez no “Passeio dos Alegres”, era um velhote bonacheirão e patusco, mas pachorrento e corcunda, de costas dobradas e movimentos lentos. Ora,

eu não sou assim, adoro desporto, corro todos os dias e não perco uma maratona, por isso tratei de rejuvenescer o boneco e, quase 30 anos depois do Avô Cantigas inicial, ficaram as jardineiras e os óculos... O resto é Carlos Vidal.

**Apresente-me o Carlos Vidal...**

Tenho sido ao longo dos anos uma pessoa em busca de qualquer coisa, no sentido de perceber quem somos, de onde vimos, para onde vamos e que propósito ou propósitos nos cabe servir, por forma a sermos melhores pessoas. Tenho-me esforçado para um dia olhar para trás e dar o tempo por bem empregue. No diamante que todos podemos ser, tenho algumas arestas por lapidar, o que não quer dizer que o diamante não esteja lá... Sou um bocadinho despassarado, desligo-me facilmente do mundo à minha volta e não vivo sem adrenalina. Vou buscá-la sobretudo ao desporto e transporto-a para o



FOTOS: ALFREDO ANTONIO

palco que também funciona como uma prova de força e energia... É que isto de conquistar as massas tem muito que se lhe diga e o meu público tem uma energia inesgotável, que não se compadece dos meus 50 e muitos anos. Mas nem tudo é música. Gosto também muito de escrever e de desenhar, além de ler, naturalmente. De José Rodrigues dos Santos e Júlia Pinheiro a José Saramago e García Marquez, tudo é referência...

**É uma responsabilidade boa ou má ser também uma referência que cruza gerações?**

É uma responsabilidade boa, o que não quer dizer que não seja condicionante. Afinal, nem sempre estou no palco, mas estou muitas vezes em palco, nomeadamente, perante uma criança que me reconhece e me interpela. Também faço as minhas asneiras, mas a minha popularidade não é das que arrasta paparazzi, por isso, tenho

direito a elas. A verdade é que todos gostamos que gostem de nós e, sendo uma figura pública constantemente avaliada, se acabo por ser um bom exemplo, então, a exposição resulta numa responsabilidade boa. É muito importante que os meus fãs vejam em mim um amigo, mas também um adulto, alguém de quem vão ser amigos toda a vida. É o Avô Cantigas que reconhecem no Carlos Vidal e, graças a ele, as crianças libertam-se, perdem a cerimónia e dão-me a mim, Carlos Vidal, manifestações de carinho que não estarão muito longe das que têm com o seu próprio avô.

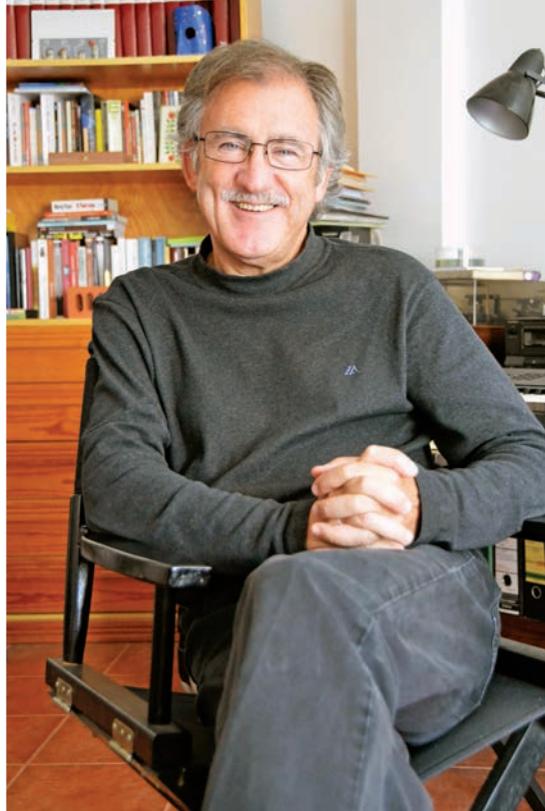
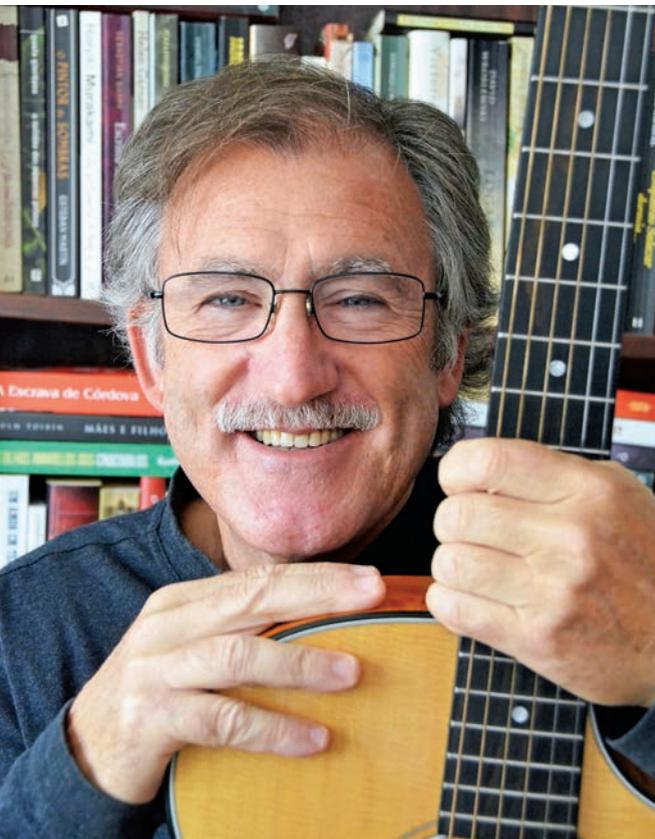
**“O DESASSOSSEGO DAS MINHAS BUSCAS...”**

**E houve alguém na sua vida, pessoal ou profissional, que tivesse sido para si um exemplo?** Curioso... Sim, houve uma pessoa das minhas relações profissionais e que depois se transfor-

mou num grande amigo, que faleceu aos 40 e poucos anos vítima de um AVC, de quem eu tenho uma grande saudade e que era o maestro José Marinho. Foi ele o responsável musical por muitos dos discos do Avô Cantigas, o que serviu para a construção de uma amizade que levou a que eu, de certa forma, me apaixonasse pela maneira de ser daquele ser humano, pela disponibilidade que sempre lhe vi para despir a camisa por alguém que precisasse mais dela. Ele ajudava-me a reconhecer em mim uma pessoa que podia ser melhor. Nós quase sempre temos uma ideia de nós mais positiva do que ela é, ele não! Houve outras pessoas que me impressionaram e influenciaram, mas, decididamente, o meu exemplo de vida é o José Marinho.

**Imagina-se a ser outra pessoa, a fazer outra coisa?**

Astrónomo, talvez... Estudei muito o céu,



“2012 É O ANO DE CELEBRAR ESTE AVÔ COM UM ESPECIAL A GRAVAR NO PRIMEIRO SEMESTRE E A EDITAR NO SEGUNDO, QUE GOSTAVA DE VER EM TELEVISÃO, MAS 2013 VAI SER O ANO DO CARLOS VIDAL...”

agora, já só gosto de olhar o céu... Procurava saber o tamanho do universo porque, ainda que seja infinito, que dimensão é essa a que damos o nome de infinito? A vastidão do espaço é proporcional ao desassossego das minhas buscas... Tudo isto conduz a uma certa espiritualidade e eu sinto que tenho tendência para ser uma pessoa religiosa, mas falta-me fé para acreditar sem reservas. Tenho poucas certezas na vida. Acredito na minha existência e na do mundo que me rodeia, pouco mais, mas o mundo não é, não pode ser só esta bola em que estamos metidos e mal. Por natureza sou uma pessoa feliz e optimista, mas, neste mundo à dimensão da nossa pequenez, tenho os meus medos...

**E qual é o seu maior medo?**

Arriscaria dizer que o meu maior medo é o caos social para onde convergimos todos neste mundo de incertezas e quem como eu tem filhos ainda dependentes de si e do seu trabalho teme ainda mais por eles do que por si. Eu pertenço talvez à última geração daqueles que conseguiram viver a vida que escolheram. Os meus filhos e a geração deles terão de conseguir viver sem escolher como... Nunca na vida vivi algo parecido. Sempre vivi em paz. A ditadura foi-me branda. Quando começava a poder ser-me mais pesada, por já ter idade para a sentir, deu-se o 25 de Abril.

**“NEM SEMPRE GOSTO DA MINHA SOLIDÃO”**

**Por falar em idade, aos 19 anos, o Carlos estava a gravar. A sua família, até pela proximidade com a Cidade dos Estudantes, deve tê-lo sonhado de capa e batina. Apoiou-o ou boicotou a ideia de ter um artista em casa?**

Fizeram melhor, responsabilizaram-me pelas minhas opções... Tive a sorte de os meus pais não serem contra nem a favor da minha escolha que, atendendo à minha juventude, teve, naturalmente, a sua dose de leviandade. Concluído o liceu, quis trocar a universidade pelo conservatório e ainda fiz três anos, mas andava eu muito certinho a estudar música clássica quando surgiu a possibilidade de gravar o meu primeiro disco de música ligeira e, pronto, passei de muito bom a muito mau aluno. E foi quando recebi o primeiro cachet, após o primeiro espectáculo, em Quarteira, que percebi que podia fazer da música uma forma de vida, uma estranha forma de vida...

**E para dar vida à figura do Avô quantas pessoas reais foram precisas?**

A forma como chego à canção infantil tem a ver com uma maluquice do Júlio Isidro, que começa a carreira dele com programas infantis na rádio e na televisão e chama para fazer uma “perninha” o Carlos Vidal e outros que, como eu, não tinham qualquer experiência

nesse campo. Estou a lembrar-me da Dina, do Armando Gama, dos Sarabanda... O Avô é obra de três pessoas reunidas num almoço num restaurante de Benfica. O Pedro Oliveira, que trabalhava na minha editora e lançou a ideia de eu gravar um disco como se fosse um avô a cantar para os netos... Nos escritórios da Polygram, onde íamos apresentar a ideia, estava o António Pinho, que escreveu “A Cantiga do Avô Cantigas”, cartão de visita da personagem, que eu musiquei. E assim materializámos a ideia do Avô Cantigas numa parceria que, salvo as devidas distâncias, se podia comparar a Lennon/McCartney ou Carlos Tê/Rui Veloso.

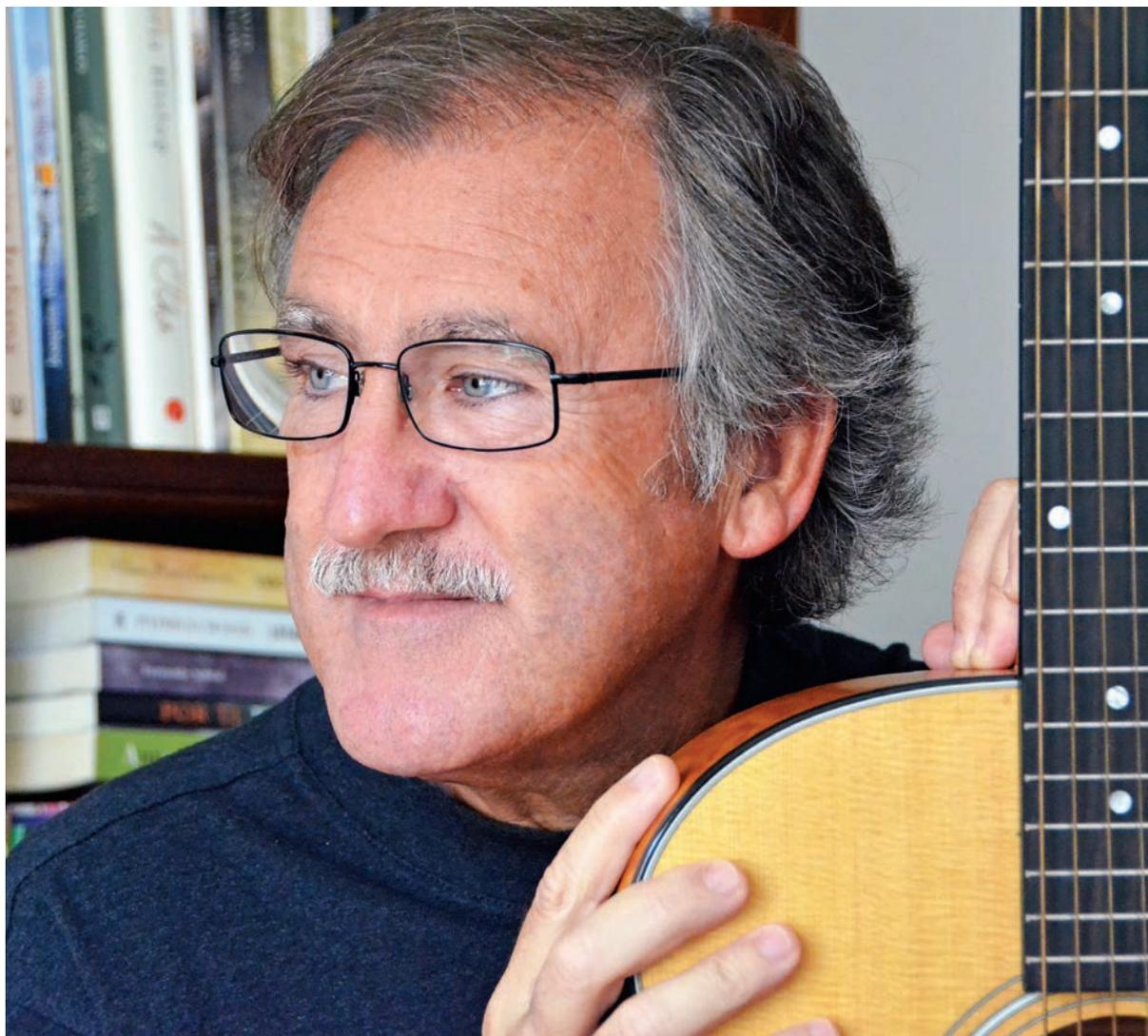
**Nunca se sentiu refém desta figura e do seu sucesso?**

O Avô Cantigas tem o poder de libertar a criança que todos temos dentro de nós, é um chavão que tem de ser dito, quando se quer definir esta figura que é mágica, porque nos faz sentir mágicos. É ele que faz com que o mundo que me rodeia seja um mundo bom e carinhoso, porque o mundo dele não podia ser outro. E, no entanto, sim, às vezes, sinto-me refém do seu sucesso. Quando as minhas canções podiam ser outras mas não avançam, porque ficam à sombra das dele. Fazer coisas diferentes também apetece. Eu já era músico dez anos antes do Avô Cantigas e há 30 que só estou de serviço ao Avô Cantigas. Mas isso

vai mudar... 2012 é o ano de celebrar este Avô com um especial a gravar no primeiro semestre e a editar no segundo, que gostava de ver em televisão, mas 2013 vai ser o ano do Carlos Vidal... Tenho planos e tenho sonhos.

### Motivos de arrependimento e orgulho na vida pública e privada seriam...

Como figura pública não tenho tido motivos de arrependimento, porque sinto-me um artista popular, querido pelo seu público. O Avô Cantigas é um artista bem-amado mas, o que é melhor, é também uma pessoa bem-amada, o que não me deixa aquém da minha personalidade. O meu grande orgulho é ter sido feliz com a minha música... Em privado, motivo de orgulho são os meus filhos e tenho tanto mais orgulho neles quanto me preocupo com eles. É tão bom vê-los crescer mesmo que já estejam a caminho dos trinta. Arrependo-me de ter feito coisas que nem sempre resultaram. O meu casamento não resultou e isso para mim é uma derrota. Não me casei para me divorciar. Gosto da minha privacidade mas nem sempre da minha solidão. Um dia disse que o meu estado civil oficial era divorciado, mas o meu estado civil real é apaixonado. Tudo fica muito mais bonito a multiplicar por dois. Faz-me falta partilhar. *M. Vinhas*



### MAIS DE DUAS DEZENAS DE DISCOS NO CURRÍCULO

Carlos Alberto Vidal nasceu há 57 anos na Lousã, distrito de Coimbra, e antes de se mudar para Cascais, aos 12 anos, foi na terra natal que pisou os primeiros palcos, cativou as primeiras plateias, fez os primeiros fãs.

Aprendeu a tocar guitarra ainda estudante e, na recta final dos estudos liceais, ingressou no Conservatório Nacional de Música. Autor, compositor e intérprete, tinha 19 anos quando entrou pela primeira vez num estúdio e gravou pela primeira vez um disco.

Nos anos seguintes, esteve imparável entre televisão, rádio e espectáculos ao vivo. Estávamos na antecâmara de um fenómeno que dura até hoje, a germinar desde a primeira nota solta no disco "As Filhas da Tia Anica"(1973). Seguiu-se "Changri-la", editado em 1975, uma bem conseguida investida no rock progressivo. Com oito discos gravados, estreou "As Cantigas do Avô Cantigas".

Alter-ego do músico, diz-se, o Avô Cantigas foi criado em 1982, para o programa "Passeio dos Alegres", de Júlio Isidro.

Fez teatro como músico e actor, entrou em Marchas Populares como autor e padrinho, conseguindo mesmo a vitória no ano de 2004.

Para trás ficaram três Festivais da Canção, onde se apresentou na tripla qualidade de autor, compositor e intérprete.

Os 20 anos do Avô Cantigas foram assinalados com "É Bom Ser Assim", disco que reuniu uma lista de convidados de luxo, mas mais e melhor estava para vir. 2007 foi ano de "Fantasminha Brincalhão", por vários meses no top nacional de vendas, posteriormente, reeditado com mais temas e uma versão em DVD.

Um ano mais tarde, foi a vez de "A Magia do Avô Cantigas", álbum retrospectivo, a juntar a um livro de 2001 com o reportório das canções.

E, no âmbito dos 20 anos da Convenção dos Direitos da Criança, em 2009, lançou um trabalho diferente do habitual: "Gosto Tanto de Ti".

Com mais de duas dezenas de discos no currículo, Carlos Alberto Vidal publicou, em 2010, o primeiro livro em nome próprio: "Uma Mão Cheia de Coisas". MV

## PERFIL



**III GALA SPA/RTP | 2012**

# PREMIAR AUTORES ENGRANDECER A CULTURA

Foi uma mensagem de esperança e de futuro, mas também de luta pelos direitos legítimos dos autores a que José Jorge Letria, poeta, escritor e Presidente da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA), deixou na III Gala do Prémio Autores, que decorreu no passado dia 27 de Fevereiro, no Centro Cultural de Belém. Um espectáculo de grande prestígio com a duração de quatro horas, transmitido em directo pela RTP, em horário nobre, para todo o mundo e que reuniu a nata dos representantes da vida cultural e artística portuguesa.

Nesta III Gala SPA/RTP Prémio Autores 2012, foram distinguidas, entre 66 nomeadas, 22 obras de oito categorias diferentes, que chegaram ao contacto com o público no ano de 2011.

Mário Soares foi a personalidade escolhida pelos responsáveis da SPA para receber, este ano, o prestigiado Prémio Vida e Obra Autor Nacional – um momento altíssimo da cerimónia - e o cineasta e guionista espanhol Imanol Uribe, o distinguido com o Prémio Autor Internacional. Das mais de 30 autarquias concorrentes, mereceram ser galardoadas ex-aequo pela sua produção cultural as de Coimbra e Évora.

Apresentada por Catarina Furtado, a gala contou com as actuações de Sérgio Godinho, Carlos do Carmo, Lúcia Moniz, João Reis, Adriana, Amor Electro e de uma orquestra de 15 elementos, dirigida pelo maestro Jorge Costa Pinto, que prestou uma homenagem ao compositor Pedro Osório, recentemente falecido (nesta imagem). Homenagem precedida do visionamento de um vídeo da autoria do próprio Pedro Osório e de uma evocação feita pelo vice-presidente da SPA, João Lourenço.

O espectáculo, que foi classificado por todos os responsáveis, como "muito equilibrado" e "interessante e sem pontos mortos", teve coordenação artística do também encenador e director do Teatro Aberto, João Lourenço, e, à semelhança do ano passado, o cenário foi concebido por Catarina Amaro, membro da Direcção da cooperativa. O troféu entregue aos vencedores foi delineado pelo designer e artista plástico Henrique Cayatte, autor do logótipo da SPA.

De destacar que a SPA é, na cena internacional, a única sociedade de autores que realiza, anualmente, num canal de televisão, uma gala para a entrega de prémios aos melhores criadores de cada ano. EE





1, 2, 3, 4, 5 e 10 – Homenagem ao ex-Presidente da República Mário Soares, vencedor do Prémio Vida e Obra Autor Nacional da SPA, ovacionado de pé pela vasta assistência reunida no Centro Cultural de Belém, e respectiva consagração com a entrega do troféu feita pelos dois responsáveis máximos da SPA - o seu Presidente do Conselho de Administração e da Direcção, José Jorge Letria, e pelo Vice-Presidente do Conselho de Administração e da Direcção, João Lourenço – perante o sorriso da apresentadora e também autora Catarina Furtado. Um momento altíssimo desta gala, que abriu a segunda parte do espectáculo. 6 – Maria de Jesus Soares e José Jorge Letria confraternizam, num intervalo, com António Victorino de Almeida e Emanuel, ambos dos corpos sociais da SPA. 7 – O ex-Primeiro Ministro António Guterres e o escritor e ensaísta Eduardo Lourenço, o premiado do ano passado com o mesmo galardão. 8 – Momento de expectativa, antes da atribuição do prémio a Mário Soares, podendo ver-se, à frente, o poeta e ensaísta Vasco Graça Moura e, na fila atrás, o Presidente da SIC, Francisco Pinto Balsemão e Tita Balsemão, ao lado de Carlos Monjardino, Presidente da Fundação Oriente. 9 – Carlos Alberto Moniz, da Direcção da SPA, fala com Vítor Ramalho, presidente do INATEL. 11 – A ex-Ministra da Cultura, Gabriela Canavilha, e o carismático ex-presidente da Assembleia da República, Almeida Santos, em amena conversa.



4



5



9



11



10

#### PRÉMIO VIDA E OBRA AUTOR NACIONAL

## SOARES ESPERA QUE DEMOCRACIA NÃO PERCA O “SEU CUNHO SOCIAL”

O ex-Presidente da República Mário Soares disse esperar que, no actual momento de crise, a democracia portuguesa não perca valores como a liberdade, o pluralismo e o seu “cunho social importante”. As palavras do antigo Chefe de Estado foram proferidas ao receber o Prémio Vida e Obra da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA), durante a Gala do Prémio Autor.

Ao subir ao palco, Mário Soares afirmou que este é um prémio que o “honra muito” e “enormemente prestigiado”. “Para vos dar a ideia de como ele é prestigiado vou-vos dizer que dois dos premiados nos últimos anos foram o Júlio Pomar, um génio da pintura, e outro foi o meu querido amigo Eduardo Lourenço, aqui presente”, referiu, acenando-lhe afável.

Soares notou, contudo, que, apesar de escrever regularmente para jornais, revistas e também vários livros, sempre foi “acima de tudo, comprometido com a vida política” e não um autor ou escritor.

Em seguida, o também fundador do PS e ex-primeiro-ministro recordou o seu passado político durante o Estado Novo e após a revolução do 25 de Abril de 1974. “Estive 32 anos na oposição, não é pouca coisa, com algumas passagens pelas cadeias, deportado e exilado, e depois já estou há 38 anos, o que é bom, em plena democracia, democracia que sempre imaginei com liberdade, com pluralismo e com um cunho social importante”, disse, deixando um alerta: “Algumas vezes, pensa-se que algumas dessas coisas podem ser perdidas, eu espero que não sejam”.



12



13



14



15



16

**4** O QUE SE APLICA NA CULTURA E NA EDUCAÇÃO É SEMPRE UM INVESTIMENTO NO FUTURO, POR MUITO QUE TENTEM FAZER-NOS CRER O CONTRÁRIO



17



18

12 – Um grupo de membros dos corpos sociais e da Administração da SPA, constituído por Tiago Torres da Silva, da Direcção; Jorge Leitão Ramos e José Cabeleira, respectivamente, Presidente e Vice-Presidente do Conselho Fiscal; Tozé Brito, da Direcção e da Administração; e João David Nunes, da Direcção. 13 – Mário Soares e sua mulher Maria de Jesus Soares, na assistência. 14 – O secretário de Estado da Cultura e também autor e editor, Francisco José Viegas. 15 – O discreto administrador da SPA Pedro Campos, ao lado do Presidente da Assembleia-Geral da cooperativa, Rui Vieira Nery. 16 – A vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa, Catarina Vaz Pinto, e o marido, António Guterres. 17 - Lucas Serra, director do Departamento Jurídico da SPA, tendo à sua direita Jaime Soares, presidente da Câmara de Vila Nova de Poaires, o mais antigo presidente de Câmara do país. 18 – João Lourenço conversa com o Director da SIC Notícias, António José Teixeira. 19 – Ao lado de Catarina Furtado, que mudou de vestido preto para branco na terceira parte da gala, o Presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, José Jorge Letria, introduz a derradeira etapa do extenso e variado espectáculo no CCB com transmissão directa para todo o mundo, com uma intervenção muito aplaudida pela assistência



## PRESIDENTE DA SPA DISTINGUE CAPACIDADE DOS CRIADORES

# DAR UM POUCO MAIS DE AZUL A UM FUTURO CINZENTO

Estamos aqui, esta noite, para celebrar o trabalho dos autores, a sua criatividade, a sua capacidade de acrescentarem um pouco mais de azul ao cinzento de um quotidiano de incerteza e dúvida.

Estamos aqui hoje, no Centro Cultural de Belém, espaço de referência da vida cultural portuguesa, para lembrar que sem autores não há cultura. Nunca houve, nem haverá, porque uma coisa não existe sem a outra.

Estamos aqui hoje não para dar louvores de circunstância, mas para ver autores a premiarem autores, distinguindo as melhores obras de 2011.

Imaginem o que seria este grande palco, todos os palcos, sem canções, sem a palavra dos artistas e sem as imagens das várias formas de expressão criadora que aqui vamos hoje premiar. Seria tão triste como o mundo sem o sonho, a alegria e a imaginação que só a arte consegue acrescentar-lhe.

Por isso apetece evocar e homenagear José Afonso, que nos deixou há 25 anos, e em cuja utopia cabia o sonho de uma terra onde em cada esquina houvesse um amigo e não uma unidade estatística ou um cobrador de fraque.

Sabe-nos bem ouvir dizer, em Bruxelas ou em Lisboa, que a cultura é essencial para que Portugal supere a crise e para que a nossa identidade e confiança se reforcem. Mas, para que tal aconteça, são precisos meios, leis justas e modernas e um investimento que não pode ser confundido com o conceito redutor de despesa. O que se aplica na cultura e na educação é sempre um investimento no futuro, por muito que tentem fazer-nos crer o contrário. Mal andaram e andam os países que apostaram no progresso material esquecendo o progresso

moral, porque ficaram com muito mais rotundas do que com obras do espírito.

Ao público em geral pedimos que tenha sempre presente que atrás de cada canção, de cada livro, de cada filme, de cada peça de teatro, de cada quadro ou de cada bailado existe pelo menos um autor e que o salário do autor são os direitos correspondentes à utilização da sua obra ou obras.

Muito mais triste e pobre havia de ser a nossa vida sem todo este trabalho criador. Uma terra sem cultura é uma terra sem alma, sem memória e sem esperança. Afinal, uma terra sem futuro. Mas nós não queremos viver numa terra que possa ser assim. Nós queremos acreditar que merecemos melhor e vamos continuar a lutar com firmeza e convicção por aquilo em que acreditamos, também em nome das gerações que hão-de vir.

Por isso, os autores mais do que nunca têm de estar unidos, representados e defendidos pela única instituição que está em condições de o fazer: a Sociedade Portuguesa de Autores.

Estamos aqui hoje para celebrar a alegria, a força e a beleza de quem não vira as costas ao sonho e faz da cultura uma luz que teima em não se apagar no espírito de quem acredita que nem tudo se resume ao pessimismo, à lógica do cifrão e à ganância do lucro. Fernando Pessoa, Manoel de Oliveira, Siza Vieira, Paula Régio ou Agustina Bessa-Luís nunca estarão dependentes da notação das agências de "rating". Se estivessem, não haveria resgate para o nosso inquieto desconsolo, que já é tão grande e tão preocupante neste momento.

É tudo isto que hoje queremos aqui afirmar, para que não restem dúvidas quanto ao papel da cultura - um papel libertador, crítico e mobilizador -, sempre que se fala da soberania, da esperança colectiva e do futuro desta Pátria de grandes criadores que se chama Portugal.



20



21



22



23

**FILME PORTUGUÊS PREMIADO EM MUITOS FESTIVAIS INTERNACIONAIS**

**“SANGUE DO MEU SANGUE”  
JÁ PASSOU NA RTP1 EM TRÊS EPISÓDIOS**

“Sangue do meu Sangue” foi exibido na RTP1 nas noites de 21, 22 e 23 de Março, pelas 23h30, dando assim uma maior dimensão de audiência ao filme muito premiado de João Canijo.

O filme, recentemente adaptado a série televisiva, tem recebido elogios e distinções de várias áreas e partes do mundo. Venceu dois troféus no Festival de San Sebastian, em Espanha, foi premiado como Melhor Filme e Melhor Argumento nos Prémios Autores pela Sociedade Portuguesa de Autores, que outorgou a Rita Blanco também o troféu de Melhor Actriz (como se pode ver aqui) e foi ainda vencedor do Grande Prémio do Júri do Festival de Cinema de Miami, nos Estados Unidos.

Esta produção da Midas Filmes venceu também o Prémio de Melhor Filme no Festival Internacional do Film de Pau, em França e o Festival de Cinema dos Açores. A fita já esteve no Festival de Toronto e no Festival de Bussan, Coreia do Sul. Vai ainda ser mostrado no Festival do Rio de Janeiro, no Brasil, em Munique, na Alemanha, em Linz, na Áustria, em VÍlnius, na Lituânia, e na Corunha, em Espanha. Em Portugal, o filme estreou em Outubro de 2011 e foi a produção portuguesa mais vista do ano.

**UMA HISTÓRIA DE AMOR E DOR**

“Sangue do Meu Sangue” é uma história de amor e dor. Márcia mora com a irmã, Ivete, num bairro camarário dos arredores de Lisboa. Juntas, criaram os filhos de Márcia: Cláudia, que estuda enfermagem e é caixa num supermercado, e Joca, que se tornou num pequeno delinquente.

Um dia, a vida da família é abalada para sempre: Joca tentou enganar o dealer para quem traficava e é apanhado; e Cláudia apresenta à mãe o seu novo namorado, seu professor e muito mais velho. E quando esta o conhece, percebe que tem de fazer tudo para acabar com a relação, assombrada por uma tragédia sem nome.

Com produção de Pedro Borges, autoria e realização de João Canijo, “Sangue do meu Sangue” é interpretado por Rita Blanco, Anabela Moreira, Cleia Almeida, Rafael Morais, Marcello Urgeghe, Nuno Lopes, Beatriz Batarda, Fernando Luís, Teresa Madruga, Teresa Tavares, Francisco Tavares e Wilma de Brito.

20 – Jorge Paixão da Costa acaba de entregar o Prémio Autores para o Melhor Argumento de Cinema ao representante de João Canijo, ausente de Portugal, autor do filme “Sangue do Meu Sangue”, que seria a obra mais distinguida deste certame: das quatro nomeações que tinha arrecadou três. O argumento seria, aliás, construído a partir de um trabalho conjunto moroso e de improvisação dos actores, “provocados” e dirigidos pelo cineasta, conforme damos conta noutra parte desta revista, a propósito de uma sessão de dramaturgia em que Canijo esteve presente na SPA para contar como tudo aconteceu. 21 – Rita Blanco faz um pequeno, mas mui direccionado depoimento a propósito da Lei do Cinema, antes de receber o Prémio Autores para a Melhor Actriz nesta categoria, também em “Sangue do Meu Sangue” 22 – O representante de João Canijo voltou a receber, em seu nome, mais um prémio da SPA pela mesma película como o Melhor Filme. E, na ocasião, aproveitou para agradecer, não só aos fazedores da obra em todas as áreas, mas ainda aos 22 mil espectadores que viram o ano passado “Sangue do meu Sangue”, considerado, unanimemente, pela crítica nacional um dos filmes do ano e o mais visto nas salas de cinema portuguesas, às 6 mil pessoas que já compraram cópias do respectivo DVD e ainda a Hugo Andrade, director de programas da RTP, que permitiu a sua adaptação a formato de mini-série para televisão e transmissão em três episódios na RTP1 (ver notícia noutra local desta revista). 23 – Nuno Melo foi o vencedor na disciplina de Cinema do Prémio Autores para o Melhor Actor no papel que fez em “O Barão”. 24 – O veterano Sérgio Godinho abriu a gala em termos musicais com “Espectáculo”, uma canção conhecida do grande público e fechou com “Acesso Bloqueado” do álbum “Mútuo Consentimento”, canção também nomeada.



24

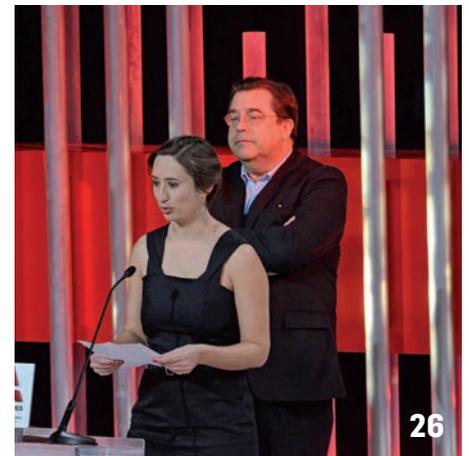
**L** ESTAMOS AQUI HOJE PARA CELEBRAR A ALEGRIA,  
A FORÇA E A BELEZA DE QUEM NÃO VIRA AS COSTAS  
AO SONHO E FAZ DA CULTURA UMA LUZ QUE TEIMA  
EM NÃO SE APAGAR



NÓS QUEREMOS  
ACREDITAR  
QUE MERECEMOS  
MELHOR E VAMOS  
CONTINUAR  
A LUTAR  
COM FIRMEZA  
E CONVICÇÃO  
POR AQUILO  
EM QUE ACREDITAMOS,  
TAMBÉM  
EM NOME  
DAS GERAÇÕES  
QUE HÃO-DE VIR



25



26



27

25 – Joana Sobral, da Fundação EDP, recebeu das mãos do designer Henrique Cayatte o Prémio atribuído ao pintor algarvio Manuel Baptista pela Melhor Exposição com "Fora de Escala", a quem representou. 26 – Dado que João Pina se encontrava na altura fora de Portugal, em trabalho, uma representante sua leu um depoimento de sua autoria a propósito dos direitos dos jornalistas e fotojornalistas, no que foi muito aplaudido, agradecendo o Prémio que lhe foi atribuído pela SPA como Melhor Trabalho de Fotografia com "O PREC já não mora aqui", realizado no Alentejo. 27 – Uma vez que Cristina Reis, autora da cenografia de "A Varanda", se encontrava em Paris, foi Luís Miguel Cintra, responsável pela encenação desta peça que subiu ao palco para receber o Prémio para o Melhor Trabalho de Cenografia, que lhe foi atribuído. Intensamente aplaudida por muitos nomeados, Cintra disse que "ela já recebeu este prémio vitalício". 28 – Carlos do Carmo fechou a primeira parte do espectáculo, cantando dois fados, primeiro "Sonata de Outono" e depois "Carta a Ângela". 29 – Cláudia Nóvoa aplaude, juntamente com Catarina Furtado, a chamada ao palco de Tânia Carvalho, a quem entregou o Prémio para a Melhor Coreografia com a peça "Icosahedron". Na sua intervenção, muito aplaudida, Cláudia Nóvoa disse que "viver o dia-a-dia na dança é, já em si, um exercício de criatividade" e exortou os bailarinos a resistirem às dificuldades e a não saírem do país. 30 – Um plano da coreógrafa Tânia Carvalho, depois de receber o troféu e de agradecer a todos os que a ajudaram a pôr a peça de pé, especialmente à sua produtora Sofia Matos. 31 – Paulo Sérgio Santos foi chamado para entregar o Prémio para o Melhor Programa de Rádio a Nuno Markl pelo seu "Cadermeta de Cromos", transmitido na Rádio Comercial de segunda a sexta-feira, das 8h45 às 9h45. Passados dois anos após a primeira emissão, o popularizado programa conta com cerca de 272 mil seguidores no Facebook, que fizeram mais de 11 milhões de comentários, conta ainda no seu historial com mais de mil emissões, mais de 80 mil livros vendidos (entre as duas edições) e mais de seis mil espectadores nos Coliseus. Forçado a ficar em casa como pai a tempo inteiro, Nuno Markl deixou uma mensagem ao seu jeito cómico, que foi lida por Catarina Furtado que, para o efeito, teve de pôr nos óculos e um nariz postiços



29



**FIZEMOS**  
A GALA TODA  
COM A PRATA  
DA CASA,  
SÓ COM ARTISTAS  
PORTUGUESES  
E CONSEGUIU-SE  
UMA DIVERSIDADE  
ARTÍSTICA  
E GERACIONAL  
MAIS ACENTUADA  
DO QUE  
NOS ANOS  
ANTERIORES



34



35



32 e 33 – A jovem Mariza Liz e a sua banda Amor Electro fizeram ponte para a entrega dos prémios dedicados à música. Com uma imagem contemporânea muito “in” – vestido curto dourado e sapatos laranja – a jovem ruiva fez questão de levantar algumas questões de fundo, que constituem grande preocupação na situação actual dos autores. Sim, porque, como muito bem disse a vocalista do Amor Electro, “sem os autores – letristas e compositores – os intérpretes não podem cantar”. Mariza lembrou que “os autores têm de ser remunerados, porque apesar das pessoas pensarem que os artistas estão cheios de dinheiro, é mentira, a maior parte não tem dinheiro nenhum e os outros para lá caminham”. E sublinhou: “Temos a sorte de ter ao nosso lado pessoas que acreditam no nosso trabalho, nos ajudam em tudo e fazem com que as coisas sejam possíveis. É um presente quase, quando tu vais à Sociedade Portuguesa de Autores e sabes que há lá qualquer coisa para ti, que deu muito trabalho fazer e que foi reconhecido. As pessoas trabalham para poderem receber dinheiro – não há nenhum mal nisso – para sustentarem a família e poderem criar novas coisas”. 34 – António Victorino de Almeida e Emanuel entraram em palco para entregarem os Prémios da Música, que, na definição de Emanuel “é uma arte de comunicação emocional”, segundo disse. O Prémio para a Melhor Canção foi atribuído a Fausto Bordalo Dias pelo tema “E Fomos pela Água do Rio”, do álbum “Em Busca das Montanhas Azuis”, que conquistou também o prémio para o Melhor Disco. Os prémios, segundo Catarina Furtado, seguiriam pelo correio para Moledo, onde habita o compositor e cantor, não sabendo mesmo se ele teria no seu refúgio rede para poder seguir esta emissão. 35 – Artur Pizarro com a peça “Interpretação da Integral de Chopin” foi o vencedor do prémio para o Melhor Trabalho de Música Erudita. O intérprete brilhante das peças de Chopin enumerou uma extensa lista de agradecimentos, que começou por Chopin e acabou no público, passando pelo Centro Cultural de Belém onde foi apoiado nos seus recitais, pelo seu produtor, pela pianista Olga Prats que o acompanhou, entre outros apoiantes.



A SPA CONSEGUIU DEIXAR CLARO QUE, NO PLANO CULTURAL, NÃO HÁ NENHUMA OUTRA ENTIDADE QUE TENHA ESTA DIMENSÃO, ESTE PESO, ESTA REPRESENTATIVIDADE E ESTE PRESTÍGIO





32



33



36



37



38



39

36 – Anabela Rita e Pedro Campos entregaram os prémios de Literatura. O representante de Mário Cláudio, ausente da cerimónia, que arrebatou o Prémio para o Melhor Livro de Ficção Narrativa com “Tiago Veiga – Uma Biografia”, agradecendo a distinção em nome do laureado. 37 – Gonçalo Pratas, co-autor do Melhor Livro Infanto-Juvenil “A Casa Sincronizada”, faz o seu agradecimento e refere o ilustrador da obra, de grande importância, Pedro Brito, presente no palco. 38 – A jovem co-autora de “A Casa Sincronizada”, Inês Pupo, manifesta o seu regozijo pelo prémio atribuído pela SPA. 39 – José Manuel Vasconcelos na altura em que fazia o seu depoimento, relativamente ao Prémio para o Melhor Livro de Poesia que recebeu, com “A Mão na Água que Corre”, e que dedicou a todos os poetas portugueses.



40 – João Lourenço fez a evocação do seu amigo e companheiro de lides teatrais e da SPA, que reproduzimos aqui na íntegra, e depois aplaudiu com Catarina Furtado e o filho de Pedro Osório, o pianista André Osório, que tocou bateria na orquestra dirigida pelo maestro Jorge Costa Pinto, em homenagem ao pai.

## JOÃO LOURENÇO EVOCA PEDRO OSÓRIO INTRODUZINDO “AS MÃOS QUE CANTAM”

“Há uns meses, quando o Pedro Osório estava a acabar o seu último CD ‘Cantos da Babilónia’, propus-lhe que uma das canções fosse tocada nesta gala. Ficou contente. O maestro Jorge Costa Pinto combinou com ele dirigir a orquestra e eu pedi ao Pedro para ele fazer um vídeo para a canção que escolhesse. Depois de um compasso de tempo, lá cedeu. E ele fez um vídeo com a árvore do seu quintal, ele também tinha o seu estúdio, as mãos de uma mulher de quem gostava, umas plantas do jardim perto da sua casa e com a água e as rochas da sua praia de Oeiras. Desejou que o seu filho André estivesse no palco a tocar e a dar entrada no vídeo e ele ali está o André Osório. A única coisa que não estava combinada foi o próprio Pedro Osório não estar hoje aqui connosco sentado nesta plateia. E o Pedro nunca faltava a um compromisso, mas desta vez não me fez a vontade. Quem teve o privilégio de trabalhar com ele, nunca irá esquecer o amigo, o músico singular, o grande maestro e o homem solidário que gostava da vida. Vamos ouvir ‘As Mãos que Cantam’ e ver o vídeo que o Pedro deixou para esta gala. É também um momento especial em que todos o podemos relembrar, como ele gostava que o lembrássemos: ouvindo a sua música.”



48



## PONTOS ALTOS DA SESSÃO

**DOMINANTE AO LONGO DAS QUATRO HORAS DE EMISSÃO:** A maior parte dos discursos focou o ponto nevrálgico que a Sociedade Portuguesa de Autores vive, ao representar os 25 mil associados que defende no nosso país: por um lado, um alerta para o lema da cooperativa “sem autores não há cultura” e, por outro, apelar ao público em geral que tenha presente que “atrás de cada canção, de cada livro, de cada filme, de cada peça de teatro, de cada quadro ou de cada bailado, existe pelo menos um autor e o seu salário são os direitos correspondentes à legítima utilização da sua obra ou das suas obras”. Não esquecendo uma frase muito a propósito de Rui Viera Nery, que suscitou riso e compreensão geral: “A cultura é a nossa maior exportação e não o pastel de nata”, ao referir-se ao Prémio Autor Internacional e à eventual redundância do termo, porque, disse: “Os autores portugueses são internacionais e o que é internacional é português.”



43

41 - O teatro passou à ordem da noite com Tiago Torres da Silva a entregar os respectivos prémios. Pedro Penim, com a peça “Israel”, foi galardoado juntamente com a sua co-autora e atriz Catarina Campino, com o Prémio para Melhor Texto Português Representado. 42 – Luís Miguel Cintra subiu ao palco pela segunda vez na noite, primeiro, para receber o Prémio para Melhor Actriz de Teatro atribuído a Luísa Cruz na peça “A Varanda”, que não pôde estar presente por se encontrar em ensaios, e a seguir, pela terceira vez, para ele próprio ser distinguido com o Prémio para Melhor Actor pelo difícil papel de Papa que fez na peça “Ela”, no que foi significativamente aplaudido por toda a assistência do CCB. Na despedida, lembrou com emoção: “Como disse André Renoir, não se esqueçam que a nossa profissão é a mais bela do mundo!” 43 - Mónica Calle levou consigo para o palco toda a equipa que reuniu ali e que participou activamente na peça “A Missão – Recordação de uma Revolução”, levada à cena pela Casa Conveniente, a cujos pequenos mecenas agradeceu com calor. Foi um momento muito espontâneo e emocionante o que levou a vasta equipa de “A Missão” ao palco para receber o merecido Prémio para o Melhor Espectáculo de Teatro. Mónica Calle fez questão de agradecer os intervenientes e a cada um em particular. “A escravatura tem muitas formas e a última ainda não vimos”, alertou a concluir a sua efusiva intervenção.

## PRIMEIRA PARTE

>**Prémios de Cinema para Melhor Argumento, Melhor Actriz e Melhor Filme:** “Sangue do meu Sangue” de João Canijo e sua equipa, que subiu ao palco na ausência do cineasta a representar o filme no México. Rita Blanco, que falou em nome de todos, deixou um recado ao secretário de Estado da Cultura presente: “Oxalá que a nova Lei do Cinema seja aprovada!”

## SEGUNDA PARTE

>**Prémio Vida e Obra Nacional:** Mário Soares, aplaudido de pé pela assistência do CCB com a maior ovação da noite e a sua doura intervenção (ver intervenção em pormenor)  
>**Homenagem a Pedro Osório:** Intervenção de João Lourenço e actuação da Orquestra Maestro Costa Pinto, interpretando uma composição do falecido maestro Pedro Osório

## TERCEIRA PARTE

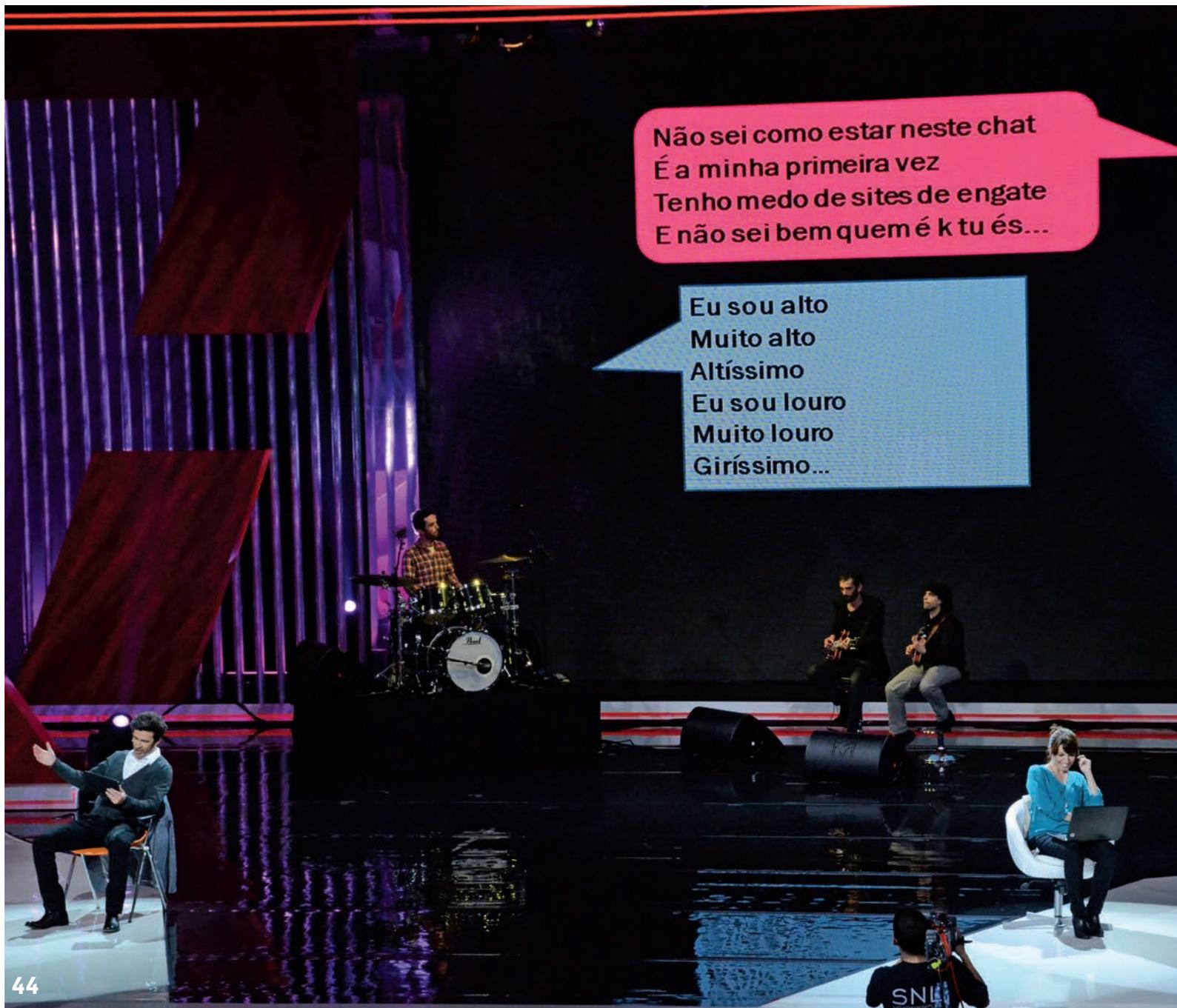
>**Intervenção do Presidente da SPA,** José Jorge Letria, muito aplaudida em várias ocasiões do seu discurso (ver intervenção na íntegra)  
>**À Distância de um Clique:** apresentação teatral inovadora de Lúcia Moniz e João Reis, com um texto de Tiago Torres da Silva muito actual e encenação de João Lourenço

É UM GRANDE ESPECTÁCULO CÉNICO, PORQUE É BEM VISTO EM CASA E É BEM VISTO NO LOCAL E REFORÇOU AINDA MAIS A VISIBILIDADE DA SPA EM TERMOS SOCIAIS E CULTURAIS



47 - Mafalda Gameiro presta o seu depoimento face ao Prémio para Melhor Programa de Informação em Televisão com que foi distinguida pelo seu programa "Linha da Frente", na RTP 1, ante os responsáveis da SPA Tozé Brito e João David Nunes, destacados para entregar os troféus relativos a esta categoria. Agradecendo a todos os editores e repórteres que fazem o programa, referiu que "este presta um serviço público, sem ser chato". 48, 49 e 50 – No que toca ao Prémio para o Melhor Programa de Entretenimento na Televisão, ele foi concedido a "Cuidado com a Língua", que vem a ser transmitido há cinco anos, em horário nobre, pela RTP 1 e cuja face e porta-voz é Diogo Infante, aqui na foto 48. Segundo disse no seu depoimento, após entrega do prémio, trata-se de "um programa muito divertido e muito visto", "que urge preservar, já que se trata da nossa língua". Da autoria de José Mário Costa, responsável do sítio na Internet Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, com a participação da professora Maria Regina Rocha (na foto 49), "é um programa de serviço público, que vai na sua oitava série com 94 programas averbados". Os textos em off são lidos pela jornalista Maria Flor Pedrosa (na foto 50), que foi chamada ao palco pelos seus responsáveis para receber também a justificada distinção. Para os responsáveis pelo "Cuidado com a Língua", "este prémio atribuído pela SPA é sobretudo um prémio à RTP". 51 – No seu jeito de perfeita e desconcertante comicidade, Bruno Nogueira e a sua equipa – Frederico Pombares, João Quadros, Sérgio Graciano, André Banza e Ricardo Freitas – suscitaram as gargalhadas habituais de quando actuam ao agradecerem o Prémio ganho para o Melhor Programa de Ficção em Televisão com o "O Último a Sair", transmitido na RTP 1. E terminaram, naturalmente, com uma charge ao Acordo Ortográfico.





Não sei como estar neste chat  
 É a minha primeira vez  
 Tenho medo de sites de engate  
 E não sei bem quem é k tu és...

Eu sou alto  
 Muito alto  
 Altíssimo  
 Eu sou louro  
 Muito louro  
 Giríssimo...

44



45



46

44, 45 e 46 - Os actores João Reis e Lúcia Moniz interpretaram um diálogo teatral de grande actualidade tecnológica, intitulado "À Distância de Um Clique", cujo texto da autoria de Tiago Torres da Silva respondeu a um desafio que lhe foi feito pelo coordenador da gala, João Lourenço. "É uma alegria viver da escrita!", comentaria entusiasmado o autor, quando a seguir deu entrada para entregar os Prémios de Teatro. A música deste diálogo foi da autoria de Tozé Brito e a encenação de João Lourenço. Tratou-se um momento divertido, diferente e de representação, que fez jus à causa desta casa.

52 e 53 - Mais uma intérprete jovem neste espectáculo, que primou pela variedade geracional, Adriana actuou na sua linguagem contemporânea com a canção "Sem Fazer Planos", acompanhada pela sua flauta transversal, que emprestou uma sonoridade muito especial ao momento. Adriana actuou com um vídeo muito vivo com a sua silhueta sempre em movimento e estabeleceu a ligação entre a entrega de prémios de Teatro e de Televisão. 54 e 55 - De entre as mais de 30 câmaras concorrentes, Coimbra e Évora venceram este ano, ex-aequo, o Prémio SPA para a Melhor Programação Cultural Autárquica de 2011, troféu atribuído no CCB às duas vereadoras da Cultura presentes, respectivamente, Maria José Azevedo Santos e Cláudia Sousa Pereira. "Um reconhecimento de uma instituição de grande prestígio" que, tanto uma como outra, consideraram "um selo de qualidade" da sua programação cultural. Aliás, João Paulo Cardoso de Melo (foto 55), depois de Jorge Leitão Ramos ter outorgado o troféu a ambas as entidades, adiantou-se no agradecimento à SPA, afirmando que, em representação do presidente da Câmara Municipal de Coimbra, queria ali sublinhar que "Coimbra não é uma cidade com cultura, mas uma cidade de cultura", que constitui "um prazer quotidiano". Acrescentando que isso se deve aos autores e criadores de Coimbra, o representante do edil coimbrão declarou que "este prémio é um incentivo para que façamos mais e melhor daqui para a frente". Por seu turno, a vereadora da Cultura de Évora (foto 54), que falou igualmente em nome do presidente do seu município, frisou que a programação com a qual se candidatou ao prémio "não teria sido possível sem uma série de colaborações, de redes, de partilhas, de gente que trabalhou" e para as quais enviava um agradecimento muito especial, bem como para os serviços municipais que, frisou, "foram incansáveis". "Este prémio é sobretudo para os eborenses: os que nasceram em Évora, os que escolheram Évora para viver e os que passam por Évora e levam Évora consigo", disse Cláudia Sousa Pereira.





#### VENCEDORAS EX-AEQUO COM MELHOR PROGRAMAÇÃO CULTURAL

### **CÂMARAS DE COIMBRA E ÉVORA AGRADECEM INCENTIVO PARA FAZER MAIS E MELHOR**

Responsável pela candidatura ao prémio, a vereadora de Coimbra, Maria José Santos, considerou que o galardão conseguido reforça a “autoconfiança e autoestima” do departamento de Cultura da autarquia que, em 2011 comemorou os 900 anos do foral concedido à cidade pelo Conde D. Henrique e D. Teresa.

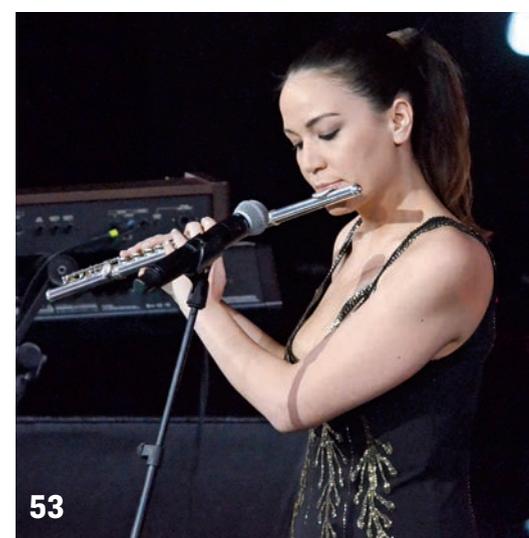
“Tínhamos a responsabilidade de celebrar esta baliza cronológica emblemática (1111-2011) e fizemo-lo com rara atenção e exigência”, afirmou Maria José Santos, fora da gala, realçando as “muito mais de uma centena de acções” realizadas ao longo do ano, directamente pela autarquia ou por outras instituições apoiadas pela câmara.

As celebrações que se desenvolveram em todos os campos artísticos tiveram como pontos altos eventos como o Festival das Artes, que levou à cidade eventos no campo das artes plásticas, escultura, teatro, música e literatura, entre outras. No caso de Évora, a programação cultural que levou a autarquia a candidatar-se ao prémio esteve, em 2011, fortemente ligada à comemoração dos 25 anos da classificação do Centro Histórico da cidade como Património Mundial da Humanidade.

“O nosso desígnio foi dar vida ao património edificado que temos, promovendo actividades nos núcleos museológico e monumentos”, explicou Cláudia Pereira, vereadora da Cultura na Câmara de Évora.

A par com os espectáculos do circuito nacional que, ao longo do ano passaram pela cidade, a programação da autarquia reconhecida desde 2001 como “cidade educadora”, continuou este ano a aposta na formação de públicos, incentivando a visita a monumentos, através do programa “Évora percursos e memórias”.

“São 25 monumentos em volta dos quais há lendas, que começaram a ser visitados no âmbito de rotas criadas” e que resultaram num significativo aumento de público. Com 11.521 visitantes, o Palácio D. Manuel encabeça a lista dos mais visitados, mas, são ainda exemplos desse aumento o Núcleo Museológico da Casa da Balança (com 5512 visitantes) ou a central elevatória de águas, visitada por 4702 pessoas. Resultados que terão contribuído para a distinção da SPA e que a vereadora considera “um estímulo para os serviços da autarquia e para todas as instituições e agentes culturais” que espera, “ganhem ainda mais visibilidade com este prémio”.



**“**NÓS SOMOS,  
DE FACTO,  
A ÚNICA  
SOCIEDADE  
DE AUTORES  
NO MUNDO  
QUE TEM  
UMA GALA  
ANUAL  
PARA  
A ENTREGA  
DE PRÉMIOS



56 - Num mundo globalizado, em que as fronteiras se esbatem a cada passo, tem especial sentido que a Sociedade Portuguesa de Autores distinga anualmente um autor que, pela dimensão da sua obra, tenha criado uma imensa rede de cumplicidades, conforme disse Catarina Furtado. E este ano o galardoador foi o cineasta espanhol, grande nome do cinema mundial, Imanol Uribe, cujo perfil foi traçado em vídeo e de que damos pormenores noutra local deste caderno, mas também completado e comentado pelo musicólogo, professor, investigador e presidente da Assembleia Geral da SPA, Rui Vieira Nery, limitando-se o galardoador a agradecer, em castelhano, "o tão prestigiado prémio".

### RUI VEIRA NERY ENALTECEU QUALIDADES DO PRÉMIO AUTOR INTERNACIONAL

## **“IMANOL URIBE FAZ UM CINEMA DE ARTE, DE AUTOR E DE CAUSAS”**

“Imanol Uribe representa a melhor tradição do cinema europeu: um cinema de arte, um cinema de autor e um cinema de causas. Um cinema que, por um lado, é capaz de se dirigir à condição humana e falar daqueles que são os grandes temas - a vida e a morte, o amor e o desejo, a alegria e a tristeza -, mas que é capaz também de se dirigir à questão fundamental da dignidade da condição humana, da condição humana social. É um cinema de luta, empenhada pela democracia, pela liberdade, contra a opressão, contra a exclusão social, pela identidade cultural e, no caso concreto desta última, aborda muito particularmente este mosaico tão rico das culturas ibéricas com toda a sua diversidade, que faz delas um bloco tão significativo. E é também um mestre que forma novos cineastas e que defende estes direitos fundamentais dos artistas, de que ele é o expoente máximo. Por isso, em nome dos autores portugueses, muitos parabéns!”

### SPA COM VISIBILIDADE EM TODAS AS FRENTES MEDIÁTICAS

## **GALA GARANTIDA NA RTP, RETORNO DO PROGRAMA NA TVI24 E DOS ESPAÇOS NA TSF E NEGOCIAÇÕES COM A SIC RADICAL**

A gala, que “foi muito equilibrada e de grande nível cénico”, de acordo com muitas pessoas que contactámos e que falaram a seguir com o Presidente da SPA, veio ainda dar maior visibilidade a esta cooperativa de gestão de direitos de autor, que faz da cultura que os seus associados criam um ponto de honra inquestionável em todos os sentidos. Visibilidade que a Administração e a Direção da SPA fazem questão de enriquecer cada vez mais, aparecendo com propostas programáticas em várias frentes mediáticas.

Como José Jorge Letria já disse à Autores no seu balanço, o director de programas da RTP, Hugo Andrade, terá manifestado, tanto na conferência de imprensa que antecedeu a gala, como no final do espectáculo, que “estão criadas todas as condições para que a gala tenha continuidade na RTP, sejam quais forem as circunstâncias”. Facto que é, naturalmente, de grande importância para a imagem da SPA, dado o alto nível alcançado tanto pelo próprio espectáculo cénico em si, como pelas personalidades de referência que passam por ali, umas premiadas, outras nomeadas, outras ainda como apoiantes ou intervenientes das mais diversas formas, como sejam os artistas, a maioria também autores que animam a sessão. Além da já carismática apresentadora, Catarina Furtado, também ela actriz e autora. Por tudo isto, destaca José Jorge Letria: “Para nós, esta gala tem que continuar a ser uma grande aposta, tal como, de uma forma diversificada, a nossa presença noutros espaços mediáticos.” E anunciou à Autores que, neste momento, “já está confirmado que vamos voltar a ter o programa na TVI24, que vai começar neste mês de Março, e vamos voltar a ter os apontamentos semanais na TSF com a mesma configuração que já tinham: cinco apontamentos semanais, repetidos três vezes por dia”.

O presidente da SPA deu ainda à Autores a grande novidade: “Iremos iniciar um processo de negociação com a SIC, para um eventual espaço, talvez no segundo semestre deste ano, sendo que o espaço poderá vir a ser passado na SIC Radical e mais dirigido à juventude.”

“Isto para nós é fundamental no quadro de uma política de comunicação, de esclarecimento e de atracção e de cativação da juventude”, concluiu. **EE**

## JOSÉ JORGE LETRIA AVALIA SESSÃO DE QUATRO HORAS NO CCB

# “ESTA GALA REPRESENTOU UM SALTO QUALITATIVO MUITO GRANDE”

O Presidente da Direcção e do Conselho de Administração da Sociedade Portuguesa de Autores, a pedido da revista Autores, fez uma avaliação minuciosa da III Gala SPA/RTP, que se realizou pelo terceiro ano consecutivo no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, no passado dia 27 de Fevereiro, e foi transmitida em directo, em horário nobre, durante quatro horas, pela estação pública de televisão a nível nacional, pela RTP África e pela RTP Internacional. Com a presença de quase todos os nomeados e vencedores ou seus representantes, de diversas figuras públicas do mundo cultural e artístico português e de muitos convidados institucionais, de alguma forma ligados ao sector, nomeadamente do secretário de Estado da Cultura, Francisco José Viegas, também ele autor, de Francisco Pinto Balsemão, Almeida Santos, António Guterres, Gabriela Canavilhas, de Vasco Graça Moura, o auditório do CCB constituiu um verdadeiro ninho de criatividade.

“Acho que a gala representou um salto qualitativo muito significativo em relação às duas edições anteriores e tendo em conta também que, antes destas galas no CCB, tivemos as galas no São Carlos. Mas em relação a esta fase, já com a RTP, representou um salto qualitativo muito grande”, opinou José Jorge Letria.

Na primeira linha dos seus destaques, o presidente da SPA realçou os seguintes aspectos: “Por um lado, fizemos a gala toda com a prata da casa, só com artistas portugueses; depois, consegui-se uma diversidade artística e geracional mais acentuada do que nos anos anteriores; e também é de salientar a novidade daquele número teatral com a participação de Lúcia Moniz e João Reis, criado pelo Tozé Brito e pelo Tiago Torres da Silva com encenação de João Lourenço, coordenador da Gala, que resultou muito bem, e que foi um forte factor de novidade, novidade cénica e novidade televisiva”.

## “UM ESPECTÁCULO DE REFERÊNCIA NA TELEVISÃO PORTUGUESA”

Para o dinâmico líder da cooperativa, o saldo positivo desta gala manifesta-se também por três pontos importantes alcançados. Especifica, entusiasmado:

“Para já, conseguimos que a gala seja um grande espectáculo de referência na televisão portuguesa: suponho que não há outro com este nível e com este grau de exigência, não vejo que haja outro com esta dimensão; ao mesmo tempo, é um grande espectáculo cénico, porque é bom visto em casa e é bem visto no local. E depois, porque reforçou ainda mais a visibilidade da SPA em termos sociais e culturais”.

De acordo com José Jorge Letria, o director de programas da RTP, Hugo Andrade, terá manifestado, tanto na conferência de imprensa que antecedeu a gala, como no final do espectáculo, que “estão criadas todas as condições para que a gala tenha continuidade na RTP, sejam quais forem as circunstâncias”. “Isso para nós é muito importante, porque é um momento cimeiro da vida da SPA e da programação anual da SPA e, portanto, estamos muito satisfeitos por esta possibilidade existir e estar confirmada”, sustentou para a Autores. Continuando na sua avaliação pormenorizada, muito ao seu gosto, José Jorge Letria referiu com satisfação evidente que “o nível geral das distinções atribuídas foi muito alto” e que a organização conjunta da SPA/RTP “conseguiu a presença em palco dos nomes mais representativos das diversas áreas”. “A representatividade das pessoas que por lá passaram – disse – são nomes de referência absoluta em relação à vida cultural e artística portuguesa”.

## “PRÉMIO A MÁRIO SOARES PÔS A FASQUIA MUITO ALTA”

A homenagem feita ao dr. Mário Soares, com a atribuição do Prémio Vida e Obra Autor Nacional foi também, no entender do Presidente da SPA um aspecto muito importante desta gala. Para José Jorge Letria “ficou claro que esta distinção foi absolutamente consensual e com uma grande convergência de vontades, que começou na própria direcção da SPA e que acabou no público”. “Foi um momento altíssimo, em que se mostrou que o seu percurso é indissociável da cultura, porque ele deu sempre uma dimensão cultural à política e política à cultura, o que significa que foi uma escolha acertada”, sublinhou, para acrescentar:

“Este prémio concedido a Mário Soares responsabiliza-nos muito, sobretudo depois dos prémios anteriores dados a Júlio Pomar e a Eduardo Lourenço, porque pôs a fasquia muito alta. Nos próximos anos, teremos de manter este nível de distinção e reconhecimento também muito alto.”

Por outro lado, disse, “o Prémio Autor Internacional atribuído a Imanol Uribe foi um prémio que, não sendo concedido a um realizador dos mais mediáticos em termos internacionais, foi dado a um grande realizador, um grande argumentista e, como disse muito bem Rui Vieira Nery, a um grande realizador de obras de autor e realizador de causas. Por isso, foi um prémio muito justo também.”

Ainda sobre o espectáculo, José Jorge Letria não quis deixar passar em claro que “a gala resume muito daquilo que nós pensamos que deve ser a imagem da SPA para o exterior”. E esta imagem foi dada no momento dramático de ameaça e cerco ao direito de autor. “Nós conseguimos deixar claro que, no plano cultural, não há nenhuma outra entidade que tenha esta dimensão, este peso, esta representatividade e este prestígio”, realçou, frisando que faz questão de dizer isto, “porque, às vezes, há a ilusão por parte de outras associações e organizações ligadas aos direitos que podem medir forças com a SPA ou que têm uma dimensão que se pode equiparar alguma vez à SPA”. “Não têm, nem nunca terão – assevera – desde já, porque a SPA representa o direito de autor e o direito de autor é um direito primário, que não se confunde com direitos secundários e, em depois, porque tem o prestígio de quase 90 anos de existência, de uma ligação fortíssima a milhares de autores e uma representatividade nacional e internacional, que é, absolutamente, inquestionável.”

**TENDO EM CONTA QUE HÁ SOCIEDADES MAIS PODEROSAS, EM PAÍSES COM SITUAÇÕES ECONÓMICAS MAIS FOLGADAS QUE A NOSSA, É MUITO ESTIMULANTE SABER QUE SOMOS PIONEIROS E ÚNICOS**

## “A ÚNICA SOCIEDADE DE AUTORES DO MUNDO A TER UMA GALA”

Na opinião do Presidente da SPA “é muito estimulante verificar que, ao fim de três edições, não caímos nem na facilidade, nem na rotina”. De facto, a SPA tem tido uma preocupação muito grande de acompanhar os grandes eventos, como seja uma candidatura triunfante do fado, e conseguiu pôr uma fasquia muitíssimo alta, de tal forma que as presenças dos artistas e autores que teve foram a confirmação do lugar único que esta cooperativa ocupa na vida portuguesa. José Jorge Letria aproveitou esta via de comunicação para agradecer às muitas dezenas de autores que, por email, por sms, e por telefone – sendo pessoas que até poderiam ter estado no palco, porque têm obra e representatividade para isso – todos eles, de uma forma generosa e entusiástica, felicitaram a SPA. “E, sobretudo – assinalou – sublinharam a importância do que ali foi dito, seja por mim, como presidente da SPA, seja por outros autores que, no palco, falaram dos direitos de autor. Todos acharam que o discurso que foi feito em geral foi altamente positivo.” Para o Presidente da SPA, insistiu, um dos grandes momentos do espectáculo foi, com concepção de João Lourenço, a homenagem a Pedro Osório com a presença de uma orquestra, pela primeira vez, e do maestro Costa Pinto. “Também foi um momento muito emotivo, porque, como o João Lourenço disse, foi o dia em queríamos ter o Pedro Osório e já não o pudemos ter”.

O compromisso ético e artístico que a SPA irá aprofundar nos próximos anos, conforme afirmou à Autores José Jorge Letria, também já começou a evidenciar-se nesta gala. “Na generalidade, ali se juntaram modernidade e tradição, a juventude e as coisas menos jovens, mas, como disse o Imanol Uribe, que ficou muito satisfeito, foi das melhores galas artísticas a que assistiu e que os espanhóis não fariam mal em ver como uma sociedade de autores faz uma gala anual para entrega de prémios”.

“E depois – acentuou o presidente das SPA – um outro aspecto que a RTP tem vindo a levar em consideração e que para nós é muito importante é que nós somos, de facto, a única sociedade de autores no mundo que tem uma gala anual para a entrega de prémios”.

“Ora, tendo em conta que há outras sociedades mais ricas, mais poderosas, mais influentes, em países com situações económicas mais folgadas que a nossa, é muito estimulante saber que somos pioneiros e únicos”, afirmou, manifestando-se orgulhoso pelo facto de saber que há, neste momento, outras sociedades que querem vir a Portugal “saber como é que foi possível conseguirmos isto”.

**EDITE ESTEVES**



## PONTOS ALTOS

>**Prémio de Teatro para Melhor Actor:** Luís Miguel Cintra em “Ela” e a sua intervenção muito aplaudida, depois de ter subido antes ao palco para representar também a vencedora do Prémio para Melhor Actriz, Luísa Cruz em “A Varanda”, e ainda antes, na primeira parte, a vencedora do Prémio para Melhor Trabalho Cenográfico na categoria de Artes Visuais, Cristina Reis, pelo seu cenário igualmente da peça “A Varanda”

>**Prémio de Televisão para Melhor Programa de Entretenimento:** “Cuidado com a Língua” de José Mário Costa e Ricardo Freitas, representados pelo porta-voz e a cara do programa da RTP, Diogo Infante, e a sua intervenção, realçando que se trata de “um prémio à Língua Portuguesa, veiculada num programa de serviço público, na RTP, em horário nobre há cinco anos seguidos. Já vai na 8.ª série e conta com 94 episódios transmitidos e que interessa preservar”.

>**Prémio de Televisão para Melhor Programa de Ficção:** “O Último a Sair” de Bruno Nogueira, Frederico Pombares e João Quadros, com Sérgio Graciano, André Banza e Ricardo Freitas, com um momento de boa disposição da equipa, a fazer jus à origem da sua obra.

>**Prémio Autor Internacional:** ao cineasta, realizador, argumentista, guionista e produtor espanhol Imanol Uribe, salvadorenho de nascimento, e presidente da Sociedade Geral de Autores de Espanha, que se limitou a “agradecer a honra de um prémio tão prestigiado”, mas que teve no investigador e professor Rui Vieira Nery, encarregado de o apresentar publicamente, um interveniente precioso. Rui Vieira Nery destacou, nomeadamente, o trabalho realizado e reconhecido em Espanha e em vários países da América pelo realizador do conhecido filme “O Rei Pasmado”, baseado na novela de Gonzalo Torrente Ballester, “Crónica do Rei Pasmado”, com o qual recebeu sete prémios Goya. Referindo que se trata de um representante do cinema de autor, de arte e de causas, de luta pela democracia e pela identidade cultural, Nery enalteceu “o mestre que forma novos cineastas” e que na sua longa carreira já recebeu inúmeros prémios. Para além dos que já referimos, realce para a Concha de Ouro em San Sebastian com “Dias Contados” e ainda oito prémios Goya pelo mesmo filme.

>**Os vários vídeos específicos:** nomeadamente, o da homenagem a Pedro Osório, da autoria do próprio, antes de falecer, sobre Mário Soares e sobre Imanol Uribe.

>**A actuação musical:** dos veteranos Sérgio Godinho, também um dos nomeados, com “Acesso Bloqueado”, do álbum “Mútuo Consentimento”, canção com que havia de encerrar a gala, e Carlos do Carmo, e das jovens Mariza Liz e a sua banda Amor Electro e Adriana e o seu original som com apoio de flauta transversal. **EE**

## NOMEADOS, VENCEDORES E JÚRIS

### CINEMA

#### MELHOR ARGUMENTO

Luísa Costa Gomes e Edgar Pêra  
"O Barão"  
Alberto Seixas Santos  
e Catarina Ruivo  
"E o tempo passa"

**A** João Canijo  
"Sangue do Meu Sangue"

#### MELHOR ACTRIZ

Beatriz Batarda  
"Cisne"

**A** Rita Blanco  
"Sangue do Meu Sangue"  
Anabela Moreira  
"Sangue do Meu Sangue"

#### MELHOR ACTOR

Nuno Lopes  
"Sangue do Meu Sangue"

**A** Nuno Melo  
"O Barão"  
Raul Solnado  
"América" (a título póstumo)

#### MELHOR FILME

**A** "Sangue do Meu Sangue"  
João Canijo  
"E o Tempo passa"  
Alberto Seixas Santos  
"48"  
Susana Sousa Dias

#### JÚRI

António Loja Neves  
Jorge Leitão Ramos  
Rui Tendinha

ENTREGA DOS PRÉMIOS  
Jorge Paixão da Costa

### ARTES VISUAIS

#### MELHOR EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS

**A** "Fora de Escala"  
Manuel Baptista  
"Desenho Habitado"  
Fernando Brízio  
"Colectiva Trinta Anos  
Prémios AICA/ MC"  
Manuel Graça Dias

#### MELHOR TRABALHO DE FOTOGRAFIA

"TNSC - A Prospectus Archive"  
Paulo Catrica

**A** "O PREC já não mora aqui"  
João Pina  
"Um Diário da República"  
Kameraphoto

#### MELHOR TRABALHO CENOGRÁFICO

**A** "A Varanda"  
Cristina Reis  
"Memorabilia"  
José Capela  
"A Missão - Recordações  
de uma Revolução"  
Mónica Calle

#### JÚRI

António Lopes  
Henrique Cayatte  
Rui Mário Gonçalves

ENTREGA DOS PRÉMIOS  
Henrique Cayatte

### DANÇA

#### MELHOR COREOGRAFIA

**A** "Icosahedron"  
Tânia Carvalho  
"Um gesto que não passa  
de uma ameaça"  
Dofia Dias e Vítor Roriz  
"The Old King"  
Miguel Moreira e Romeu Runa

#### JÚRI

Cláudia Galhós  
Daniel Tércio  
Maria José Fazenda

ENTREGA DOS PRÉMIOS  
Cláudia Nóvoa

### RÁDIO

#### MELHOR PROGRAMA DE RÁDIO

"A Cena do Ódio"  
David Ferreira  
**A** "Caderneta de Cromos"  
Nuno Markl  
"No fim da rua"  
Nuno Amaral

#### JÚRI

João David Nunes  
Luís Filipe Costa  
Paulo Sérgio

ENTREGA DOS PRÉMIOS  
Paulo Sérgio Santos

### MÚSICA

#### MELHOR CANÇÃO

**A** "E fomos pela água do rio"  
do álbum "Em busca  
das montanhas azuis"  
Fausto Bordalo Dias

"Fado Insulano"  
do álbum Fados,  
Fantasmas e Folias  
Zeca Medeiros  
"O Acesso Bloqueado"  
do álbum Mútuo Consentimento  
Sérgio Godinho

#### MELHOR DISCO

**A** "Em busca das montanhas azuis"  
Fausto Bordalo Dias  
"Cantos da Babilónia"  
Pedro Osório (a título póstumo)  
"Lisboa Mulata"  
Dead Combo

#### MELHOR TRABALHO DE MÚSICA ERUDITA

"Os Apóstolos"  
Coro Gregoriano de Lisboa  
**A** "Interpretação da Integral de Chopin"  
Artur Pizarro  
"Nise Lacrimosa"  
Luís Carvalho

#### JÚRI

António Victorino de Almeida  
Pedro Abrunhosa  
Viriato Teles

#### ENTREGA DOS PRÉMIOS

António Victorino de Almeida  
Emanuel

### LITERATURA

#### MELHOR LIVRO INFANTO-JUVENIL

**A** "A casa sincronizada"  
Inês Pupo e Gonçalo Pratas  
Ilustração de Pedro Brito  
"Quando eu for grande"  
Maria Inês Almeida  
Ilustração de Sebastião Peixoto  
"Mariana e Manuel numa curva do caminho"  
Margarida da Fonseca Santos  
e Maria João Lopo de Carvalho

#### MELHOR LIVRO DE POESIA

"Lendas da Índia"  
Luís Filipe Castro Mendes  
**A** "A mão na água que corre"  
José Manuel de Vasconcelos  
"Adornos"  
Ana Marques Gastão

#### MELHOR LIVRO DE FICÇÃO NARRATIVA

**A** "Tiago Veiga. Uma Biografia"  
Mário Cláudio

"A Cidade de Ulisses"  
Teolinda Gersão  
"O Filho de Mil Homens"  
Valter Hugo Mãe

#### JÚRI

Annabela Rita  
Manuel Frias Martins  
Rita Pimenta

#### ENTREGA DOS PRÉMIOS

Annabela Rita  
Pedro Campos

### TEATRO

#### MELHOR TEXTO PORTUGUÊS REPRESENTADO

**A** "Israel"  
Pedro Penim  
"Horror"  
Mickael de Oliveira  
"Estocolmo"  
Daniel Jonas

#### MELHOR ACTRIZ

**A** Luísa Cruz  
"A Varanda"  
Ana Guiomar  
"Purga"  
Sandra Faleiro  
"Quem tem medo de Virgínia Wolf"

#### MELHOR ACTOR

Carlos Malvarez  
"Purga"  
Elmano Sancho  
"Não se brinca com o amor"  
**A** Luís Miguel Cintra  
"Ela"

#### MELHOR ESPECTÁCULO

"Varanda"  
Luís Miguel Cintra  
"A Missão - Recordações de uma Revolução"  
**A** Mónica Calle  
"Overdrama"  
Jorge Andrade

#### JÚRI

Eugénia Vasques  
Henrique Cayatte  
Rui Monteiro  
Tiago Bartolomeu Costa

#### ENTREGA DOS PRÉMIOS

Tiago Torres da Silva

### TELEVISÃO

#### MELHOR PROGRAMA DE INFORMAÇÃO

"O Eixo do Mal"  
Nuno Artur Silva  
SIC Notícias  
"Câmara Clara"  
Paula Moura Pinheiro  
e Teotónio Bernardo  
RTP2

**A** "Linha da Frente"  
Mafalda Gameiro  
RTP1

#### MELHOR PROGRAMA DE ENTRETENIMENTO

**A** "Cuidado com a Língua"  
José Mário Costa e Ricardo Freitas  
"Estado de Graça"  
Maria João Cruz  
Fernando Ávila  
"Estranha Forma de Vida"  
Jaime Fernandes

#### MELHOR PROGRAMA DE FICÇÃO

"Laços de Sangue"  
Pedro Lopes e Patrícia Sequeira  
"O Último a Sair"  
Bruno Nogueira,  
Frederico Pomares,  
**A** João Quadros,  
Sérgio Graciano,  
André Banza  
Ricardo Freitas  
"Pai à Força"  
Pedro Lopes e Duarte Teixeira

#### JÚRI

António Loja Neves  
Luís Filipe Costa  
Mário Figueiredo

#### ENTREGA DOS PRÉMIOS

Tozé Brito  
João David Nunes

### PRÉMIOS ESPECIAIS

#### PRÉMIO VIDA E OBRA AUTOR NACIONAL

**A** Mário Soares

#### ENTREGA DO PRÉMIO

José Jorge Letria  
(Presidente do Conselho de Administração e da Direcção da SPA)  
João Lourenço  
(Vice-Presidente Conselho de Administração da SPA)

#### MELHOR PROGRAMAÇÃO CULTURAL AUTÁRQUICA

**A** Coimbra e Évora (ex-aequo)

#### ENTREGA DO PRÉMIO

Jorge Leitão Ramos  
(Presidente do Conselho Fiscal da SPA)

#### PRÉMIO AUTOR INTERNACIONAL

**A** Imanol Uribe

#### ENTREGA DO PRÉMIO

Rui Vieira Nery  
(Presidente da Assembleia-Geral da SPA)

#### JÚRI

Nomeação da responsabilidade da Direcção e Conselho de Administração da Sociedade Portuguesa de Autores. O Prémio para a Melhor Programação Cultural Autárquica foi atribuído face às três dezenas de candidaturas apresentadas previamente.

**A** – As obras assinaladas com o logótipo da SPA atrás são as vencedoras da respectiva categoria

### A GALA EM NÚMEROS

TOTAL NOMEADOS POR OITO CATEGORIAS – 66 (Cinema e Teatro – 12 cada; Artes Visuais, Música, Literatura e Televisão – 9 cada; Rádio e Dança – 3 cada)

TOTAL VENCODESORES NAS OITO CATEGORIAS - 22

TOTAL PRÉMIOS ESPECIAIS – 3

TOTAL PREMIADOS – 26 (2 autarquias ex-aequo)

TOTAL CANDIDATURAS AUTÁRQUICAS – Mais de 30

OS MAIS PREMIADOS – O filme "Sangue do meu sangue" de João Canijo com três prémios em Cinema: Melhor Argumento, Melhor Actriz (Rita Blanco) e Melhor Filme; e o músico veterano Fausto com dois: o Prémio da Melhor Canção para "E Fomos pela Água do Rio" e o do Melhor Disco "Em Busca das Montanhas Azuis", a que pertence aquela canção

#### FUNCIONAMENTO DOS JÚRIS

Os vencedores nas diversas categorias foram apurados, após os respectivos júris reunirem várias vezes e chegarem à *short list* de três nomeados referidos. A partir daqui, o voto de cada membro do júri manteve-se secreto até ao momento da abertura do envelope, em palco  
**Nota** – A lista acima apresentada segue o alinhamento do espectáculo-programa

**JORGE PALMA VENCE PRIMEIRA EDIÇÃO**

## PRÉMIO PEDRO OSÓRIO DISTINGUE CRIADORES MUSICAIS DE TODAS AS ÁREAS

Jorge Palma foi o vencedor da primeira edição do Prémio Pedro Osório para a área da música, que a SPA instituiu em homenagem ao conceituado maestro falecido a 5 de Janeiro, soube a Autores, já no fecho desta edição. O Prémio Pedro Osório será atribuído durante o primeiro trimestre de cada ano a um criador musical de qualquer área que se tenha destacado pelo seu trabalho autoral no ano anterior. O anúncio deste prémio foi feito através de uma nota do Conselho de Administração da cooperativa, no passado dia 6 de Fevereiro, a qual adiantava que a primeira edição deste prémio ocorreria já neste ano de 2012, em referência a autores e obras que se evidenciaram no ano de 2011. O facto deste prémio, aprovado por unanimidade pela Direcção da SPA ainda em vida de Pedro Osório, cobrir todas as áreas de expressão musical “constitui uma homenagem ao ecletismo do músico e compositor recentemente desaparecido”, salientou aquele comunicado. O júri que escolherá em cada ano um compositor, seja ou não instrumentista, será constituído pelos autores da área da música que integram os corpos sociais da SPA e entre os quais se encontram alguns dos nomes mais representativos das diversas áreas da música portuguesa. “Por esse motivo, não haverá lugar à apresentação de candidatura nem ao envio de obras para concurso, tendo em consideração o grau de conhecimento que os jurados têm das diversas áreas premiáveis”, esclarece a nota. O Prémio Pedro Osório será dotado com um valor pecuniário a anunciar oportunamente e com a atribuição de uma peça alusiva à distinção, cuja cerimónia também deverá ter lugar em data a divulgar dentro dos próximos dias. **EE**



**CINEMA DE ANIMAÇÃO**

### “O SAPATEIRO” VENCE PRÉMIO SPA/VASCO GRANJA DO FESTIVAL MONSTRA

A curta-metragem “O Sapateiro”, de David Doutel e Vasco Sá, venceu a primeira edição do prémio SPA/Vasco Granja, da XI Mostra - Festival de Animação de Lisboa, que distingue o melhor filme de animação português de 2011, na versão curta. O prémio, fruto de uma parceria entre o festival e a Sociedade Portuguesa de Autores (SPA), no valor de cinco mil euros, é, de acordo com a organização, “um incentivo à produção de cinema de animação em Portugal”. Doze filmes portugueses de animação, realizados em 2011, estrearam-se na MONSTRA, concorrendo ao Prémio SPA/Vasco Granja. Este prémio junta-se às 11 categorias também premiadas, habitualmente, no festival. O grande prémio da MONSTRA foi atribuído a “Body Memory”, do realizador estónio Ülo Pikkov. A XI MONSTRA - Festival de Animação de Lisboa, que decorreu entre 19 e 25 de Março, exibiu mais de 100 filmes, descentralizando-se os locais onde houve iniciativas integradas no certame, nomeadamente, o Cinema S. Jorge, espaço central do festival, o Museu da Marioneta, na Madragoa, e até mesmo Tróia, no distrito de Setúbal, onde promoveu a exibição de “Bambi”, o clássico dos estúdios Walt Disney, filme que comemora este ano o 70.º aniversário. A MONSTRA dedicou-se a mostrar, durante uma semana, o que se faz em cinema de animação no mundo. E não só. A animação misturou-se com outras artes e o festival recebeu exposições, apresentou workshops, masterclasses, sessões infanto-juvenis e um conjunto de espectáculos transversais. Segundo dados da organização, entre a primeira edição, há 12 anos, e a realizada o ano passado, o número de espectadores cresceu de dois mil para 37 mil.

**CICLO DE MÚSICA DA METROPOLITANA REGRESSA A LISBOA**

### E ABRE COM QUARTETOS DE MOZART NA SPA

Mozart na Sociedade Portuguesa de Autores, Música Francesa na Casa Fernando Pessoa e um recital de Clarinete e Electrónica no Museu da Música são algumas das propostas do ciclo de música de câmara da Metropolitana, que regressou a Lisboa a 19, 20 e 21 de Janeiro, com treze concertos nos mais variados locais da capital. O ciclo de música de câmara com solistas da Orquestra Metropolitana de Lisboa abriu, exactamente, no dia 19, pelas 18h30, como é habitual, com um recital de Quartetos de Mozart, no Auditório Maestro Frederico de Freitas, na SPA. Neste recital de Quartetos de Mozart, Nuno Inácio (flauta), Ana Pereira e Ágnes Sárosi (violino), Irma Skenderi (viola) e Ana Cláudia Serrão (violoncelo), deliciaram a interessada assistência com as obras de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) Quarteto de Cordas nº15 em Ré menor, KV 421 [29]; 1783]; Quarteto com flauta nº3, KV Anh.171 (258b) [16]; 1788]; e Quarteto com flauta nº 4, KV 298 [11]; 1787].

### CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE NINO ROTA

Integrado nos fins de tarde de música clássica com os solistas da Orquestra Metropolitana de Lisboa, decorreu no passado dia 24 de Fevereiro, no auditório da SPA, em Lisboa, um recital do Centenário do Nascimento de Nino Rota. Aqui actuaram Diana Tzonkova no violino, Ercole de Conca no contrabaixo e Alexandra Simpson ao piano, interpretando, primeiro, da autoria do homenageado a peça Trio, um original para clarinete, violoncelo e piano, e depois de António Fragoso o Trio Op.2, um original para violino, violoncelo e piano.

**RECITAL**

### PARA CLARINETE E PIANO

No passado dia 22 de Março, igualmente ao fim da tarde, e na sequência deste protocolo com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a SPA ofereceu mais um recital de música clássica no Auditório Maestro Frederico de Freitas, com entrada livre, não só para os seus associados e cooperantes, como para o público em geral. Neste recital de Clarinete e Piano, Jorge Camacho no clarinete e Anna Tomasiak ao piano interpretaram o Solo de Concurso de André Messager; a Sonata para Clarinete, Op. 184 de Francis Poulenc; a Primeira Rapsódia para Clarinete e Orquestra de Claude Debussy; e a Sonata para Clarinete e Piano, Op. 167 de Camille Saint-Saëns.

**DISTINGUIDO COM PRÉMIO AUTORES 2012 PARA O MELHOR LIVRO DE FICÇÃO NARRATIVA**

### MÁRIO CLÁUDIO É CENTRO DE CONVERSAS EM SESSÃO PROMOVIDA PELA DELEGAÇÃO DO PORTO

O escritor Mário Cláudio (pseudónimo de Rui Manuel Pinto Barbot Costa), licenciado em Direito, activo e prestigiado autor de ficção, poesia, teatro e ensaio, que acaba de ganhar o Prémio Autores 2012 da SPA para o Melhor Livro de Ficção Narrativa com “Tiago Veiga. Uma Biografia”, para o qual também estavam nomeados “A Cidade de Ulisses”, de Teolinda Gersão, e “O Filho de Mil Homens”, de Valter Hugo Mãe, esteve no centro da conversa com autores, no passado dia 24 de Março, promovida pela SPA do Porto, na Biblioteca Pública Municipal. A obra de Mário Cláudio em debate intitulou-se “A Quinta das Virtudes” e data de 1990. A sessão, acompanhada de projecção de vídeo e comentários do historiador Germano Silva, especializado no Porto, integrou-se no ciclo que tem estado a decorrer na Invicta sob o tema principal “Páginas do Porto – A cidade nos livros”, o qual prossegue até Julho de 2012. O livro “Porto de Abrigo”, da autoria de Jorge de Sousa Braga, foi a base de análise da sessão anterior, realizada a 21 de

Janeiro, e as conversas seguintes debruçar-se-ão sobre a obra de Miguel Miranda “Dai-lhes Senhor o Eterno Repouso”, a 26 de Maio, e “Cimo de Vila”, livro da autoria de Carlos Tê e Manuela Bacelar, a decorrer no dia 24 de Julho.

### MELHOR FILME ESTRANGEIRO NOS EUA “MISTÉRIOS DE LISBOA” CONQUISTA MAIS UM PRÉMIO

A longa-metragem “Mistérios de Lisboa”, de Raul Ruiz, nomeada o ano passado para o Prémio Autores 2011 como Melhor Argumento e Melhor Filme, conquistou mais um prémio nos Estados Unidos ao ser eleita o melhor filme estrangeiro pela Academia da Imprensa Internacional, revelou a 19 de Dezembro de 2011 a Clap Filmes. Além de melhor filme estrangeiro, “Mistérios de Lisboa” estava também nomeado para os prémios Golden Satellite de melhor direcção artística e melhor guarda-roupa, para Isabel Branco. A Academia de Imprensa Internacional reúne jornalistas estrangeiros radicados nos Estados Unidos. Entre os nomeados para melhor filme estrangeiro estavam produções como “O miúdo da bicicleta”, dos irmãos Dardenne, “Faust”, de Aleksandr Sukorov, e “Uma separação”, de Asghar Farhadi. “Mistérios de Lisboa”, baseado na obra homónima de Camilo Castelo Branco e com argumento de Carlos Saboga, foi rodado totalmente em Portugal e contou no elenco com actores como Maria João Bastos, Adriano Luz e Ricardo Pereira. Raul Ruiz morreu a 19 de Agosto em Paris e “Mistérios de Lisboa”, produzido por Paulo Branco, foi o último filme que fez. “Mistérios de Lisboa” valeu a Raul Ruiz a Concha de Prata no Festival de San Sebastian, em Espanha, o Prémio Louis Delluc, o Prémio da Crítica na Mostra de São Paulo e três Globos de Ouro nacionais. Em Novembro passado, o realizador chileno foi distinguido, a título póstumo, com um prémio do Círculo de Críticos de Nova Iorque. O filme já foi exibido em França, Espanha, Taiwan, Suíça, Bélgica e Estados Unidos da América, e está actualmente em sala no Reino Unido. Quando morreu, Ruiz estava a preparar a longa-metragem “As Linhas de Torres”, cuja rodagem está a decorrer em Portugal.

SPA PRESIDE AO JÚRI NACIONAL

## PRÉMIO LITERÁRIO DA UNIÃO EUROPEIA

A SPA, que integra desde 2010 o Conselho Europeu de Escritores (European Writers Council), a mais importante organização continental do sector, preside ao júri português que irá atribuir o Prémio Literário da União Europeia, a ser entregue no próximo mês de Novembro. Este júri nacional integra também representantes dos editores e dos livreiros. A reunião preliminar do júri europeu decorreu em Bruxelas, na sede do Conselho Europeu de Escritores, no passado dia 6 de Março, tendo sido definidos os critérios e as normas de funcionamento deste importante prémio europeu.

Estarão em análise obras de escritores considerados emergentes, da área da ficção narrativa, de 12 países da União Europeia, sendo distinguida uma obra e um autor de cada um deles. Recorde-se que, pela parte portuguesa, este prémio foi já atribuído em 2009 à escritora Dulce Maria Cardoso.

O júri português do Prémio Literário da União Europeia é presidido por José Jorge Letria, em representação da SPA. Os presidentes dos júris nacionais integram o júri europeu, sediado em Bruxelas.



### ANTÓNIO CARTAXO DISTINGUIDO COM O PRÉMIO ANTÓNIO ALÇADA BAPTISTA



O radialista António Cartaxo foi distinguido com o Prémio António Alçada Baptista pela sua obra "Quase Verdade como São Memórias", editada em 2010.

O Prémio, atribuído pela primeira vez este ano pela Sociedade Portuguesa de Autores (SPA), destina-se a uma "obra de carácter autobiográfico e memorialístico" e tem um valor pecuniário de dois mil euros.

Segundo a nota da cooperativa de autores, datada de 10 de Fevereiro de 2012, o galardão foi "atribuído por unanimidade ao escritor, musicólogo e radialista António Cartaxo, pelo seu livro de memórias 'Quase Verdade como São Memórias', editado pela Colibri".

O júri do Prémio foi constituído pelos escritores António Torrado e José Jorge Letria e pelo encenador João Lourenço, que, segundo o mesmo texto, "consideraram esta obra merecedora da distinção pela sua qualidade literária e de testemunho cultural e social".

Aquando da apresentação da obra, António Cartaxo definiu o livro como "romanceado" e "uma reflexão sobre o que se passou". "A história, toda ela, tem um fio condutor, de certa forma é

romanceada, mas é uma reflexão sobre a vida e o que se passou", disse António Cartaxo.

O radialista, desde 1976 colaborador da RDP, onde mantém na Antena 2 um programa, afirmou que não se imagina viver sem fazer rádio, apesar de ter sido leitor de português na Universidade de Varsóvia e professor durante 20 anos na Faculdade de Letras de Lisboa.

"A rádio para mim foi sempre um meio apaixonante, e é assim entendida a rádio que vou fazendo. Há outro tipo de rádio que não diz absolutamente nada. Eu gosto da forma como faço os meus programas, contando as minhas histórias de música e procurando tirar o máximo partido do som que a rádio possibilita", sustentou.

Este prémio foi criado para homenagear o escritor António Alçada Baptista, que foi membro da direcção da SPA, e "oportunamente será anunciada a data da entrega do prémio a António Cartaxo", informa a SPA naquela nota.

### ANTÓNIO PINHO VARGAS VENCE PRÉMIO UNIVERSIDADE COIMBRA 2012

O músico e investigador António Pinho Vargas, cooperador da SPA, foi o vencedor da nona edição do Prémio Universidade de Coimbra 2012. O anúncio foi feito no passado dia 1 de Fevereiro pelo reitor da instituição, João Gabriel Silva, que presidiu ao júri, e entregue no dia 1 de Março, Dia da Universidade de Coimbra. Com esta decisão, o júri do prémio "reconhece o papel de António Pinho Vargas" no panorama da música portuguesa, "em particular na música erudita contemporânea".

O prémio, no valor de 25 mil euros,

que foi entregue no dia 1 de Março, Dia da Universidade, distingue personalidades portuguesas nas áreas da Ciência e da Cultura.

"A escolha de António Pinho Vargas vai para além da sua própria qualidade musical", salientou o reitor da Universidade de Coimbra. "É alguém que, no nosso entendimento, claramente se distingue, neste caso, na área da música. Tem uma produção notável na música contemporânea portuguesa e, além disso, tem algo que o distingue, que é uma reflexão sobre a música. Ele acaba de terminar uma tese de doutoramento, em que reflecte precisamente sobre a música contemporânea, as suas capacidades e limitações, e a capacidade de ultrapassar as fronteiras".

### PEN CLUBE DA GALIZA DISTINGUE VIALE MOUTINHO COM PRESTIGIADO PRÉMIO ROSALIA DE CASTRO

O Pen Clube da Galiza atribuiu o prestigioso Prémio Rosalia de Castro na categoria de Língua Portuguesa a José Viale Moutinho, ficcionista, poeta, ensaísta e dramaturgo, que é cooperador da SPA. Na 9ª edição deste certame, o júri destacou a ensaísta argentina Esther Vazquez, biógrafa de Jorge Luis Borges e de Victoria Ocampo, na Língua Castelhana; o ficcionista e dramaturgo Enric Casasses, na Língua Catalã; e a escritora Miren Agur Meabe, na Língua Basca. Os galardões serão entregues num sarau literário em Setembro, no Salão Nobre do Palácio de Fonseca, Reitoria da Universidade de Santiago de Compostela, entidade que co-organiza o prémio com o Conselho de Cultura da Galiza e a

referida organização internacional de escritores.

José Viale Moutinho, que é membro de honra da Real Academia Galega, recebeu anteriormente, entre outros, o Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco, o Pedrón de Honra, o Prémio Edmundo de Bettencourt e o Prémio Nacional de Reportagem Norberto Lopes, da Casa da Imprensa. Recentemente, a sua obra "Camilo Castelo Branco: Memórias fotobiográficas" teve uma menção honrosa no Prémio Grémio Literário, para estudos sobre o século XIX. Viale Moutinho vê, assim, o seu nome junto aos dos escritores de Língua Portuguesa anteriormente galardoados: José Saramago, Agustina, Nelida Piñon, Sophia de Mello Breyner, Lobo Antunes e Ruben Fonseca. Noutros idiomas peninsulares, receberam o Prémio Rosalia de Castro em edições anteriores Gonzalo Torrente Ballester, Isabel Allende, Alvaro Mutis, Carme Riera Vazquez Montalban, Bernardo Atxaga, entre outros. Natural do Funchal, onde vive, José Viale Moutinho publicou recentemente um volume de teatro, Representações Domésticas (Imprensa Nacional/Casa da Moeda), e as colectâneas etnográficas Contos Populares das Ilhas da Madeira e do Porto Santo e Lendas das Ilhas da Madeira e de Porto Santo (ambos na Nova Delphi). Prepara um livro com Tradições Populares das Ilhas da Madeira e do Porto Santo e o segundo tomo da sua poesia completa, "Foge, sossega e não fales" (Poemas 2004 - 2011), sendo anterior o livro intitulado "Sombra de Cavaleiro Andante" (Poemas 1975 -2003), publicado pela Asa em 2004.

# SPA APOIA DIVULGAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS



JORGE LEITÃO RAMOS

Um dos pontos essenciais para a divulgação do cinema neste início de século passa pela edição em DVD e em Blu-Ray. Em todos os países estão a ser incentivados esforços referentes ao restauro, digitalização e edição de filmes do património cinematográfico nesses formatos (agora com um acelerado incremento da alta definição). O cinema português, com um mercado interno escasso e uma problemática difusão internacional, depara com dificuldades. É certo que alguns dos filmes mais recentes têm garantido a edição em DVD, quase em consequência da sua estreia nas salas. Mas, se nos detivermos no património cinematográfico, há imensos títulos que não têm conseguido ver a luz do dia. Há inclusivamente cineastas cuja obra está quase ou mesmo integralmente fora da edição em DVD (lembramos António de Macedo, Artur Ramos, Eduardo Gada, Monique Rutler, Rogério Ceitel, Jorge Silva Melo, Henrique Campos ou Perdigão Queiroga) – ou seja, existe um imenso alfofre de cinema, muito dele essencial à compreensão da nossa História recente, cuja divulgação seria lamentável que se confinasse a esparsas sessões de cinemateca, ou nem isso... Uma das razões para a não edição em

DVD – dizem os intervenientes no mercado – são os custos referentes à digitalização, à constituição de masters, dificilmente rentabilizados no mercado puro e simples.

Foi atendendo a esta conjuntura que a Sociedade Portuguesa de Autores resolveu intervir, abrindo um primeiro programa para os seus cooperadores (ou herdeiros de ex-cooperadores), no âmbito do Fundo Cultural da AGE COP, concedendo financiamentos que ajudassem a viabilizar edições em DVD (ou Blu-Ray) de longas-metragens documentais ou de ficção cuja produção fosse anterior a 1990. Depois de analisadas as propostas, de acordo com o regulamento firmado pela Administração, foram aprovadas nove candidaturas: “A Revolução de Maio” (1937), “Amor de Perdição” (1943), “O Primo Basílio” (1959), “O Recado” (1971), “Os Demónios de Alcácer Kibir” (1976), “Kilas, o Mau da Fita” (1980), “Música, Moçambique!” (1981), “Sem Sombra de Pecado” (1982) e “Balada da Praia dos Cães” (1986).

O programa será financiado ao longo de 2012 e 2013 e da avaliação dos seus resultados dependerá a sua continuidade futura.



**A REVOLUÇÃO DE MAIO**  
(1937)

Escrito por António Ferro e António Lopes Ribeiro, sob pseudónimo, e realizado pelo segundo, “A Revolução de Maio” é a única longa-metragem de ficção de explícita propaganda ao Estado Novo. Foi produzida para comemorar o 10º aniversário do 28 de Maio (termina, de resto, com parte do histórico discurso de Salazar, em Braga, em que ele define os princípios programáticos do regime) com dinheiros públicos do Secretariado da Propaganda Nacional. Salvo em condições excepcionais, é um filme que tem permanecido ignorado há muitos anos, por razões ideológicas, cuja redescoberta vai ser surpreendente.



**AMOR DE PERDIÇÃO**  
(1943)

O romance de Camilo Castelo Branco em que este filme se baseia é, de toda a literatura portuguesa, o mais adaptado ao cinema – uma versão muda, de Pallu (de 1921), a de António Lopes Ribeiro (em 1943) e a de Manoel de Oliveira (em 1978), nenhuma disponível em DVD. Lopes Ribeiro dotou-se de todos os meios de produção possíveis e soube colectar um elenco à altura – lembre-se o arrojado que foi entregar a sua protagonista a uma juvenzinha que nunca tinha representado, Carmen Dolores, ou a confiança de ter chamado António Vilar para o seu primeiro papel principal. Mesmo que só por isso, já seria um filme a fazer História no cinema português.



**O PRIMO BASÍLIO**  
(1959)

Foi a derradeira longa-metragem de Lopes Ribeiro que teve o bom senso de perceber, ao longo dos anos 60, que os tempos iam de feição para outras gentes. Adaptação fiel do romance de Eça de Queiroz, “O Primo Basílio” teve o enorme mérito de revelar uma actriz – Cecília Guimarães – que tornou inesquecível a odiosa criada Juliana e de ter lá dentro, a memória de alguns grande actores a quem o cinema nunca sorriu muito (casos de Aura Abranches ou de João Villaret). É um caso paradigmático para discutir a transposição de textos literários para o cinema, o respeito pela letra e o respeito pelo espírito.



### O RECADO (1971)

Assim se estreava José Fonseca e Costa no campo da longa-metragem de ficção, com um dos filmes emblemáticos da geração do Cinema Novo. Retrato interior a uma geração, através do personagem de uma jovem mulher (Maria Cabral, belíssima!) indecisa entre um amor de aventura e independência e a estável normalidade, “O Recado” é, ainda, o único filme português anterior a 1974 onde se ousou figurar a polícia política em actividade assassina e ser ardiloso o bastante para que a Censura não o percebesse. Estreou com desusado impacto, sobretudo no interior de uma classe intelectual que o filme constatava esmorecida.



### OS DEMÓNIOS DE ALCÁCER KIBIR (1976)

Ambiciosa parábola política, com a música e o protagonismo, como actor, de Sérgio Godinho, “Os Demónios de Alcácer Kibir” é um dos filmes mais pessoais de Fonseca e Costa e, simultaneamente, aquele que é menos conhecido. Filmado no Verão de 1975, estreado na Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes, em 1976 e, um ano depois, comercialmente, no Quarteto, o filme praticamente eclipsou-se do espaço mediático, com raras exposições públicas. Agora, vamos poder redescobrir os seus largos planos-sequência, inspirados em Jancsó, pela mão de mestre de António Escudeiro. Para mais de uma geração, uma revelação absoluta.



### KILAS, O MAU DA FITA (1980)

Foi um copioso êxito, na sua estreia em 1981 (quatro salas, aposta, à época, arriscada), a ultrapassar a barreira mítica dos 100 mil espectadores, coisa que o cinema português não conhecia há muitos anos. Mérito de um argumento a três mãos (José Fonseca e Costa, Sérgio Godinho e Tabajara Ruas), de um protagonista único (Mário Viegas), das canções de Sérgio Godinho que ainda hoje se cantam (a “Balada da Rita” vem daqui) e da realização em estado de graça de Fonseca e Costa. Escandalosamente, o filme está quase invisível há demasiados anos, sendo a edição em DVD que ora se patrocina uma forma de o desbloquear junto do público.



### MÚSICA, MOÇAMBIQUE! (1981)

Entre 28 de Dezembro de 1980 e 6 de Janeiro de 1981, realizou-se em Maputo o I Festival da Canção e da Música Tradicional Moçambicana que Fonseca e Costa foi convidado a registar em filme. “Música, Moçambique!” é o resultado desse trabalho, com poucos meios, muita improvisação e bastante talento. Dada a sua condição de documentário (aliás, o único, nesta série de filmes que a SPA decidiu apoiar) não estreou nas salas portuguesas, sendo um objecto praticamente só conhecido por happy few. Agora muitos mais vão poder deixar-se possuir pelo som ancestral e pela alegria de um povo que a câmara do realizador agarrou inteira.



### SEM SOMBRA DE PECADO (1982)

Na base está um conto de David Mourão-Ferreira (“E aos Costumes Disse Nada...” do livro “Gaivotas em Terra”), à chegada está, para muitos, o melhor filme de Fonseca e Costa de que o público português fez um sucesso (mais de 90 mil espectadores). É uma comédia amarga, protagonizada por Mário Viegas e Victoria Abril, onde uma certa ambiência social salazarenta (corre o ano de 1941 na ficção) é retratada com impiedade. Na fotografia, o grande Eduardo Serra (foi o seu primeiro trabalho de fôlego), nos cenários, o apuro de Jasmim, na banda sonora, o fado. E um tom de melodrama barato, buñueliano, inesquecível.



### BALADA DA PRAIA DOS CÃES (1986)

Um romance de José Cardoso Pires sobre o caso do cadáver de um militar antifascista encontrado no Guincho, em 1960, é a trave mestra deste filme que deu a Raul Solnado a hipótese de um grande protagonista dramático, no papel do inspector Elias Santana (oportunidade que ele agarrou com ambas as mãos e todo o talento que tinha). A fita é um olhar desencantado sobre os anos em que o antifascismo não encontrava saídas e acabava em becos, com um elenco internacional (Assumpta Serna, Patrick Bauchau, Sergi Mateu) e um dos mais memoráveis personagens femininos da obra de Fonseca e Costa, a Mena de todas as seduções.

# O acto cívico da literatura

**MANUEL RUI MONTEIRO**



Mordaz, sarcástico, acutilante, mas correcto, jogando com as palavras como nuvens ou ondas que extravasam os seus sentidos mais comuns para o envolvente "ouro" da sua poesia, sempre presente, Manuel Rui Monteiro é um dos principais ficcionistas angolanos, mas, simultaneamente, o símbolo transparente de um homem de coluna vertebral bem erguida, na defesa dos valores mais íntegros do civismo e da humanidade. Defensor da liberdade e da independência do seu país, mas também "companheiro" da cultura do povo de que herdou a sua língua materna, o português, o jurista, ex-ministro da Informação do Governo de Transição de Angola e fundador da União de Escritores Angolanos, entre outros cargos, passa e vem a Portugal várias vezes para partilhar afectos e o seu pensamento literário e cívico. E nós aproveitámos a sua última visita.

## **O que o traz, normalmente, a Portugal?**

O ano passado viajei sete horas de avião para participar na III Bienal de Culturas Lusófonas, que decorreu em Odivelas, em Maio, reunindo no concelho movimentos e atitudes culturais dos sete países de língua oficial portuguesa. Mas já cá tinha estado também no final de Fevereiro para participar nas Correntes d'Escritas, na Póvoa de Varzim. Revejo a minha filha, e é sempre gratificante voltar a ver, principalmente, amigos ligados à música.

## **Que opinião tem, neste momento de crise, de Portugal e dos portugueses com quem tanto privou e priva?**

Não modifiquei a minha ideia sobre Portugal. Tem grandes escritores, músicos, grandes arquitectos, cientistas, investigadores e, que eu saiba, nem a crise nem o FMI fazem parte do mapa nem da vossa idiossincrasia... Portugal é sempre Portugal seja qual for a situação e, principalmente, o Portugal que os escritores portugueses escrevem e os cantores cantam e os pintores pintam.

**Com o seu olhar crítico, experiente e de fora, acha que há possibilidades de ultrapassarmos a fase**

## **difícil que estamos a atravessar no nosso País?**

Não é de bom-tom, chegar a casa do anfitrião e, em vez de falar de coisas bonitas, começar a mandar bocas sobre a vossa casa que só a vós compete alterar a decoração, os móveis. Mas, por favor, não alterem a vossa alegria de cantar e olhar com ternura para as flores, principalmente, os cravos vermelhos que não têm preço para uma crise que é de dinheiro.

## **UMA QUESTÃO DE "BANDEIRAS"**

**Para além da escrita, sempre foi um verdadeiro defensor do Direito, área primeira que escolheu para seguir profissionalmente na vida. De que maneira é que esse seu impulso e gosto se concretizou na vida cívica e na sua obra?**

Não é tanto assim. Tem dias em que sou contra o Direito como arma de tamar os pobres e os indefesos. No entanto, na vida cívica isso pode ser observado por outros, naquilo que eu fiz, muitas vezes, silenciosamente, salvando pessoas que, paradoxalmente, algumas, para se promoverem e encontrarem espaço aqui, trocaram as coisas nas minhas costas sem nunca me enfrentarem cara-a-cara... Mas, na minha obra, penso que o principal intuito é mesmo o de fazer nuvens



com a palavra na intocabilidade daquilo que nunca pode ser propriedade mas usufruto, como a chuva (ombela), a palavra como essência que de mim vai até ao outro e depois, a palavra que pode ser nós. Fazer literatura já é um acto cívico, isto é um lugar-comum... e é de lugares comuns que se vive hoje, que até já nem se fala “pergunto ao vento que passa”...

É difícil medir-me na concretização. Mas tem uns mambos que ninguém me tira: andei nas manifestações em Coimbra, eu e um moçambicano é que começámos a gritar “palhaço” quando o Tomás lá foi, fui hóspede da cadeia do Aljube onde conversei muito com pombas que vinham beijar as grades, daí vi o incêndio da fragata, olhava para baixo onde um cego caprichava em tocar um pouco para os presos e mais e mais, com residência fixa aqui, assisti à queda do fascismo, ainda andei em brigadas culturais de música e poesia, paguei (não corrompi) uma certidão militar sem castigos, fui para a minha terra e participei na independência do meu país. E então? Vamos fazer mais como?

**Em sua opinião, a “nuvem” do colonialismo já passou de vez? Que espécies de apoio podem**

**ambos os países dar um ao outro, para que a sustentabilidade seja uma bandeira a erguer em Angola e Portugal?**

São dois países. Com laços de língua, religião, bacalhau e outros quês de futebol. Portugal com

vistas para a proximidade que é a Europa. E Angola com vistas para a África e principalmente a nossa comunidade austral. Não obstante negócios, compras de jóias, sardinhas em férias, travessias de diamantes e outros éteceteras que compõem a continuação dos campeonatos em que estaremos juntos.



**POR FAVOR,  
NÃO ALTEREM  
A VOSSA ALEGRIA  
DE CANTAR  
E OLHAR COM TERNURA  
PARA AS FLORES,  
PRINCIPALMENTE,  
OS CRAVOS VERMELHOS  
QUE NÃO TÊM PREÇO  
PARA UMA CRISE  
QUE É DE DINHEIRO**

#### **A CULTURA COMO VECTOR ECONÓMICO**

**Como é que, em sua opinião, a cultura pode, em qualquer circunstância, nomeadamente no caso de Portugal, constituir um vector económico de grande importância para salvar a situação de crise que se vive principalmente na Europa, mas também um pouco por todo o mundo?**

Pois, é lugar-comum que vida é cultura, desde os contextos gastronómicos aos religiosos. Vocês têm uma cultura de grande força identitária. A mesma língua, sem os problemas separatistas de outros países europeus, sem conflitos religiosos, enfim, constitui uma verdadeira identidade colectiva. Isso resiste a todas as crises dos homens. E a actual crise não é de origem natural. Tem origem numa cultura política. E mesmo na vossa maior crise natural, o Marquês respondeu ao terramoto, ▶



**PORTUGAL É SEMPRE PORTUGAL SEJA QUAL FOR A SITUAÇÃO E, PRINCIPALMENTE, O PORTUGAL QUE OS ESCRITORES PORTUGUESES ESCREVEM E OS CANTORES CANTAM E OS PINTORES PINTAM**

de cultura nas cédulas de dinheiro, nas notas... Também o que se passa é que os produtores de arte foram sempre grandes clientes dos cárceres das ditaduras ou, discretamente, não bem recebidos pelos poderes ditos democráticos, mesmo quando foram prêmio Nobel. No entanto, temos conseguido vitórias que remontam à origem do homem e, hoje, quando nos lêem e cantam ou quando os pintores e os arquitectos conseguem deixar mensagens que tocam o prazer ou o bem-estar colectivo nem que seja só para os olhos é porque cobrimos a necessidade. Agora, separe o que eu disse da indústria cultural...

**NA DEFESA DOS DIREITOS AUTORAIS**  
**Fundador da União de Escritores Angolanos, qual é a sua ligação com as associações congêneres em Portugal e no mundo? Partilha das grandes preocupações que assolam a Sociedade Portuguesa de Autores e outras sociedades a nível internacional, relativamente à necessidade premente de garantir os direitos de autores nas diversas plataformas que hoje pululam por todo o lado, nomeadamente, na internet?**  
 Óbvio. Mas é uma luta de bicicletas contra helicópteros, mesmo quando são pequeninos. E que pode esbarrar na falta de celeridade da justiça e em legislações mais para ler do que para aplicar com a exequibilidade necessária. No entanto, associações de cariz cooperativo como a SPA, reforçando o seu desempenho como agente dos autores, ainda são o melhor caminho.

**Já foi vítima de pirataria das suas obras? Como encara esse facto? A UEA também está preocupada com este fenómeno que envolve toda a sociedade autoral no planeta?**  
 Claro que sim e não digo o nome dos piratas, daqui, para não os promover. Em Luanda é menos frequente, mas as situações acontecidas lá e levadas aos tribunais resolvem-se com relativa celeridade. O pior é quando um angolano é pirateado fora e o valor a pedir não cobre as custas para um mero expediente cautelar...

**Quais os avanços que preconiza para os autores?**  
 Dois passos em frente e um passo atrás... e reactivar a nossa Sociedade de Autores.

**DEBATER OS CONTEXTOS DA LUSOFONIA**  
**O que pensa do movimento em crescendo da Lusofonia, que está a constituir uma força cultural determinante para concorrer com as grandes potências em termos de imposição da nossa identidade - a mesma língua, culturas idênticas - e dos nossos valores?**

O ano passado, viajei sete horas de avião para participar na III Bienal de Culturas Lusófonas, mas, mais uma vez, não se debateu, sobre quem é que inventou a designação lusofonia e o que é lusofonia. Outro dia, numa Universidade brasileira alguém ponderou que, muitas vezes se fala, aqui em Portugal, em literatura portuguesa, literatura brasileira e literaturas lusófonas. Comigo aconteceu aqui em Portugal, no fim de uma conferência, chamarem vários oradores e depois... "vamos ter o prazer de chamar o escritor lusófono Manuel Rui". E eu rectifiquei que era escritor angolano. Será o conjunto de povos que adoptaram o português como língua oficial?

Também é preciso não confundir lusofonia com a totalidade de um território. Por exemplo, um homem do sul de Angola, Kuanyama, que não fala português, é um lusófono? Se for só pela língua não será, mas poderá ser, caso seja dado à lusofonia um conceito mais abrangente, incluindo a religião cristã, mesmo contextos gastronómicos, idiosincrasias com contextualidades comuns resultantes de cinco séculos de "convívio".

No entanto, há duas instituições, uma dos africanos e outra que inclui todos os países de língua oficial portuguesa. A verdade é que elas nem chegam a ser a imagem dos países que a compõem. Bom seria, por exemplo, que as bibliotecas das escolas tivessem o livro da primária de português dos outros parceiros. A Biblioteca de Escola do Brasil é um exemplo a seguir. Eu em Angola não estou editado por nenhuma biblioteca deste tipo mas, no Brasil, cada escola do 2º nível tem dois exemplares de um livro meu, bem como de outros autores de língua portuguesa.

**A LÍNGUA COMO ÚNICO LUGAR DE SOCIALIZAÇÃO**  
**Como comenta a iniciativa da SPA em relação à fortificação dos laços culturais dos países da Lusofonia? E, em particular, com Angola, sempre muito interveniente e interessada nos encontros já realizados? E o apoio prometido a Timor?**

Entre a SPA e a nossa congénere angolana, que eu saiba, não descortino algo de concreto,

fazendo uma Lisboa nova como ainda hoje dá gosto ver. O importante é o que a cultura se faz, mesmo sabendo-se que nos orçamentos dos Estados fique para o fim...só para dizer que também se dá. Mas também a questão de fundo é a aprendizagem de literatura e arte desde a infância para na idade adulta se consumir com formação de escolha mas, infelizmente, de pequenino é mais escolinha para futebol...

**Com a sua experiência, quer no governo do seu país, quer na sua vida e na sua arte, concorda que os governos devam proteger as artes, os autores e a cultura em geral, como um investimento no futuro de cada país?**

Claro que sim. Não de forma paternalista, mas como um direito. Um artista faz uma conferência ou uma palestra e, por regra não pagam. Com os escritores é pior, pagam o hotel, tiram fotografias e os croquetes. O "cara" bota uma fala e não lhe pagam nada, batem palmas e pronto. Os governos, o mais das vezes, usam arte para ornamentar os seus actos. Até nos prémios que coincidem com datas políticas. Também para dizer que a arte é muito importante colocam fotografias de pessoas

para além dos afectos e alguma transmissão de experiência da SPA. E a lusofonia, tirando a lusofuncice, que são as conversas é, acima de tudo, felizmente, um exercício empático de afectos, como com Timor.

Jamais uma língua vai ser propriedade privada. A língua é o único lugar da socialização natural. Lá, onde ela acontecer. Porque há línguas que desaparecem por asfixia de uma língua imperial e, com o desaparecimento de uma língua desaparecem saberes e artes. Interessante, em Angola passou a falar-se mais português depois da independência, porque há mais escolas, o ensino é só em português e ainda não se conseguiu uma alfabetização bilingue, em língua materna e língua portuguesa, sendo certo que aumentam os portadores de língua portuguesa como sua língua materna.

Mas, entrando noutra concreto: é preciso acabar com as taxas, impostos sobre os livros que possam circular entre nós. Um governo atribui um prémio a um escritor, depois, para alcançar o circuito “lusófono”, os livros são objecto de pagamento de taxas... é o estímulo para escritores, editores e leitores.



**E A LUSOFONIA,  
TIRANDO A 'LUSOFUNICE',  
QUE SÃO AS CONVERSAS,  
É, ACIMA DE TUDO  
E POR BAIXO,  
FELIZMENTE, UM  
EXERCÍCIO EMPÁTICO  
DE AFFECTOS, COMO  
AGORA COM TIMOR**

**Já que falamos da mesma língua, que lhe apraz dizer sobre o Novo Acordo Ortográfico?**

Adoro ler o português medievo, no entanto, aceito um acordo que não resolve tudo, mas, pelo menos em tempo de crise, poupam-se letras mudas, que não se liam... Mas ainda vem aí a ortografia da juventude informática e Bjos c/ xi e sds.

*Edite Esteves*

## UMA FICÇÃO EMBEBIDA EM POESIA

**Que móbil o leva a escrever?**

Escrevo para me ler e depois os outros lerem-me e revejo-me nisso. Aliás, cada livro é uma obra diferente, penso.

**Quais os projectos autorais que tem, neste momento?**

Vários: um romance a fechar, contos e poesia para tirar da gaveta e canções em preparação, pelo menos.

**O casamento da poesia como base com todas as outras disciplinas literárias que desenvolve continua a ser uma realidade para si?**

Penso que sim e dizem que a minha ficção não é pão embebido em ovo mas em poesia.

**O que é, afinal, a poesia para si? Em que lugar é que a coloca na sua vida e na sociedade?**

Uma mulher num paraíso com mil maçãs para cometer pecados numa música de silêncio.

**Ser poeta é sonhar? Ou transmitir por impulsos próprios as suas preocupações e as suas aspirações?**

Ser poeta é ser pessoa com todos os sentidos, mais o sexto e mais um sem numeração.

**Acha que ainda há lugar para o sonho na sociedade competitiva e agressiva de hoje?**

Continuará a haver lugar para o sonho, mesmo que seja apenas para sonhar o sonho.



## **AUTOR DA LETRA DO HINO NACIONAL DE ANGOLA**

Manuel Rui (Manuel Rui Alves Monteiro) nasceu em Nova-Lisboa, hoje Huambo, planalto central de Angola, em 1941. Licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra-Portugal, onde desenvolveu advocacia e foi membro fundador do Centro de Estudos Jurídicos. Ainda em Coimbra, foi membro do Centro de Estudos Literários da Associação Académica de Coimbra, redactor da revista de cultura e arte *Vértice* e coordenador do suplemento literário *Sintoma* do *Jornal do Centro*. É co-fundador das edições *Mar* além onde se editou a *Revista de cultura e literatura dos países de língua oficial portuguesa*.

Tem colaboração dispersa em diversos jornais e revistas, *Jornal de Angola* (*Jornal da Associação dos Naturais de Angola*), *O Planalto*, *Diário de Luanda*, *Revista Novembro*, *Jornal de Angola*, *Lavra & Oficina*, *Jango*, *Vértice*, *Jornal do Centro*, *Diário de Lisboa*, *República* (Portugal), *África* (Portugal), *Europeu* (Portugal), *Público* (Portugal), *Terceiro Mundo* (Brasil), *Jornal de Letras* (Portugal), *Mar* além (Portugal), *Semanário o Angolense*, entre outras.

Figura em Antologias de ficção e poesia.

É autor da letra do Hino Nacional de Angola e

de outros hinos como o Hino da Alfabetização, Hino da Agricultura e versão angolana da Internacional. Também é autor de canções com parcerias como Rui Mingas, André Mingas, Filipe Mukenga, Paulo de Carvalho e Carlos do Carmo (Portugal) e Martinho da Vila e Cláudio Jorge (Brasil), entre outros.

É membro fundador e subscreveu a proclamação da União de Escritores Angolanos, bem como da União dos Artistas e Compositores Angolanos e da Sociedade de Autores Angolanos.

Tem publicadas obras de poesia, entre as quais, *11 Poemas em Novembro – Ano Um* (1976, primeiro livro de poesia publicado em Angola após Independência), *11 Poemas em Novembro – Ano Dois* (1977), *11 Poemas em Novembro – Ano Três* (1978), e de ficção, nomeadamente *Sim Camarada* (1977), primeiro livro de ficção angolana publicado após a Independência, *A Caixa*, (1977), primeiro livro angolano de literatura infantil, e *Quem Me Dera Ser Onda – Prémio “Caminho das Estrelas”* 1980.

Tem obras adaptadas para teatro em Moçambique, Portugal e Angola, e também em televisão, algumas delas na categoria de literatura infanto-juvenil, como por exemplo,

*Conchas e Búzios*, infanto-juvenil com ilustrações do moçambicano Malangatana Valente (2003).

Textos seus estão traduzidos para umbundu, espanhol, francês, inglês, italiano, checo, servo-croata, romeno, russo, alemão, árabe, sueco, finlandês, hebraico e mandarim. Renunciou ao prémio nacional de cultura na disciplina de literatura e foi-lhe atribuída a comenda Jorge Amado da Universidade da Bahia. Escreveu, ensaiou e pôs em cena duas peças de teatro, respectivamente, *O Espantalho* (de inspiração na tradição oral e representado por trabalhadores da construção civil da cidade do Lubango) e *Meninos do Huambo* (representado por crianças e imediatamente impedida de divulgação após a sua ante-estreia gravada para a televisão). Participou, com declamação de poemas, no filme de António Ole *O Caminho das Estrelas* e com texto e dicção nos filmes de Orlando Fortunato, *Memória de Um Dia*, *Kianda* e nos diálogos de *Combóio da Kanhoca*. Desenvolve também a actividade de crítica, ensaio e crónica. Tem participado em inúmeros eventos como conferências, colóquios e similares.

## PERFIL

## FEIRA DE BOLONHA REFORÇA POSIÇÃO INTERNACIONAL DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL PORTUGUESA

Os escritores José Jorge Letria a António Torrado representaram a SPA e a literatura infanto-juvenil portuguesa na Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha, que este ano, pela primeira vez, teve Portugal como país convidado. A feira de Bolonha, que é a mais importante do género a nível mundial, deu um particular destaque à qualidade dos ilustradores portugueses de livros infanto-juvenis, cujo trabalho esteve patente num espaço nobre do certame, atraindo milhares de visitantes e a atenção de editores de todo o mundo, dos media e da crítica especializada. António Torrado e José Jorge Letria participaram com Afonso Cruz e com Isabel Minhós Martins num debate sobre “Literatura portuguesa contemporânea para os mais jovens”. A presença de ilustradores e escritores portugueses nesta edição da feira representou um sinal de vitalidade da cultura portuguesa e do seu potencial de internacionalização, como foi várias vezes salientado em debates e intervenções públicas, durante o certame. Na sessão de abertura, para além dos comissários portugueses Eduardo Filipe e Ju Godinho, esteve presente o director-geral do Livro e das Bibliotecas, José Manuel Cortez. A AGE COP-Associação para a Gestão de Cópia Privada foi uma das entidades patrocinadoras da presença portuguesa na feira. Essa presença abriu as portas para uma difusão muito maior da edição infanto-juvenil portuguesa na Europa e noutros continentes.

## JUSTIÇA BRASILEIRA BLOQUEIA DINHEIRO ARRECADADO COM MÚSICA “AI SE EU TE PEGO”

A canção “Ai se eu te pego”, do brasileiro Michel Teló, que está no centro de um processo judicial no Brasil, é editada em Portugal pela Vidisco, mas fonte da editora disse à Lusa que é alheia àquela polémica. O tema faz parte do álbum “Na Balada”, é disco de platina em Portugal (com vendas superiores a 20 mil unidades), mas a editora remete para a etiqueta Som Livre Brasil as vendas no mercado português. “O CD continua à venda e estamos a comercializá-lo, mas remetemos as vendas para a Som Livre Brasil, por isso este caso não nos vai afectar”, disse a mesma fonte. A Lusa tentou contactar a assessoria de imprensa de Michel Teló, logo que foi conhecido o veredicto, a 14 de Março, mas, pelo menos na altura, não conseguiu. Fonte da Vidisco explicou à Lusa que “existe um controlo rigoroso das vendas em Portugal através da SPA [Sociedade Portuguesa de Autores] e pode sempre solicitar-se uma auditoria”. Michel Teló, que se inspira na música sertaneja, actuou pela primeira vez na Europa em Fevereiro passado, quando deu um concerto em Portugal. O tema “Ai se eu te pego”, que inclui uma coreografia, é o mais conhecido da discografia do cantor e contabiliza cerca de cem milhões de visualizações na plataforma Youtube. O álbum está também editado noutros países da Europa como Espanha e Itália.



NA ASSEMBLEIA GERAL DO CIADLV EM BUENOS AIRES

## SPA VAI APRESENTAR DOCUMENTO DE REFLEXÃO SOBRE OS NOVOS MODELOS DE COMUNICAÇÃO

A SPA vai estar representada, no próximo mês de Abril, na Assembleia Geral anual do Conselho Internacional de Autores Dramáticos, Literários e Audiovisuais (CIADLV), que decorrerá em Buenos Aires, nos dias 12 e 13. Nesta importante reunião serão analisados assuntos como a Cópia Privada, a pirataria e, sobretudo, a urgência de novos modelos de comunicação das sociedades de autores com a opinião pública, com os autores, com a população escolar, com os media e com os decisores políticos e legisladores.

A pedido do Comité Executivo deste Conselho Internacional, de que José Jorge Letria faz parte desde 2005, o presidente da Direcção e do Conselho de Administração da SPA irá apresentar um documento de reflexão sobre esta matéria.

“Eu acho que é uma grande prioridade hoje nós comunicarmos com a opinião pública e com estas áreas específicas – os autores, o público escolar, os media e os decisores políticos –, explicando-lhes o que é que são as sociedades de autores, qual é o seu papel, o que é que defendem e até que ponto é que é justo aquilo que fazem”, opinou à Autores o presidente da SPA. *EE*

### SPA NO MAPUTO

## II ENCONTROS LUSÓFONOS DE SOCIEDADES DE AUTORES

Uma delegação da SPA participou nos passados dias 5 e 6 de Março na terceira edição dos Encontros Lusófonos de Sociedades de Autores que decorreu em Maputo. A delegação era constituída por Pedro Campos, administrador e membro da Direcção, Vanda Guerra, directora das Relações Internacionais, Alexandre Miranda, director da Distribuição e Vítor Amorim, director de Informática. Participaram no encontro as sociedades de autores do Brasil (ABRAMUS e UBC), Angola (SADIA), Moçambique (SOMAS) e Cabo Verde (SOCA).

Entre decisões tomadas por unanimidade contam-se a realização de um estudo comparado das legislações dos vários países para efeitos de procedimentos comuns, a cooperação técnica para a criação de estruturas de base, a cooperação cultural e a criação de comités de trabalho para as áreas jurídica, técnica e de desenvolvimento, visando países como Timor, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe.

Ficou decidido que a próxima edição dos Encontros Lusófonos decorrerá em Luanda em 2013.

Recorde-se que este projecto tem origem na SPA, que teve a ideia e foi a primeira anfitriã em Novembro de 2009, tendo-se seguido uma edição no Rio de Janeiro.

As sociedades de autores presentes aprovaram uma moção de solidariedade com a SOCA, de Cabo Verde, reclamando, da parte do poder político nacional, o direito daquela sociedade actuar em moldes semelhantes aos das restantes sociedade de gestão colectiva. Foram criadas condições para que a SPA venha a cooperar com a SADIA, de Angola, através do novo sistema informático, que tem potencial para cumprir este programa de internacionalização, com as vantagens materiais daí resultantes.

Lisboa, 19 de Março de 2012  
O Conselho de Administração

“O ARGUMENTO FOI CRIADO COM OS ACTORES AO LONGO DE DOIS ANOS”

## JOÃO CANIJO EXPLICA NA SPA PROCESSO CRIATIVO DO PREMIADO FILME “SANGUE DO MEU SANGUE”

O cineasta e argumentista João Canijo, que não pôde estar presente na III Gala SPA/RTP 2012, onde o seu filme mais recente “Sangue do meu Sangue” arrebatou três dos quatro Prémios Autores para que estava nomeado - Melhor Argumento, Melhor Filme e Melhor Actriz para Rita Blanco, conquistando assim o máximo de galardões do evento -, foi o convidado de Isabel Medina para a última sessão do ano passado do Ciclo “A Dramaturgia e as Artes do Espectáculo”, que decorreu na SPA a 19 de Dezembro.

A película tinha estreado em Portugal em Outubro, encontrava-se em exibição nas salas nacionais com vastas audiências – foi mesmo o filme português mais visto do ano - e já era classificada como “notável” pela crítica, depois de ter sido distinguida em vários festivais, conforme damos conta nesta edição no dossiê da Gala.

A expectativa era, pois, enorme. O Auditório Maestro Frederico de Freitas da SPA estava cheio, ansiando pela lição que o cineasta João Canijo iria decerto proporcionar-lhes. E o mistério da concepção do conceituado filme desfez-se, pouco a pouco, à medida que o experimentado cineasta foi abordando o processo criativo que conduziu à realização desta “obra imprescindível do cinema português contemporâneo”, na opinião abalizada da actriz e encenadora, que coordena o Ciclo Jaime Salazar Sampaio na SPA. Além de João Canijo, a sessão contou com a presença de Anabela Moreira, uma das actrizes do filme, juntamente com Rita Blanco, Cleia Almeida, Rafael Morais, Marcello Urgeghe, Nuno Lopes, Beatriz Batarida, Fernando Luís, Teresa Madruga, Teresa Tavares, Francisco Tavares e Wilma de Brito. Nuno Lopes, que esteve nomeado nesta Gala da SPA para Melhor Actor com esta mesma película, era

para participar na sessão, mas não conseguiu libertar-se do trabalho.

### IMPROVISAZÃO FACE A UM MOTE OU PROVOCAÇÃO

Não é fácil resumir em poucas linhas o processo que João Canijo disse ter empregado para chegar ao núcleo da história. No fundo, o argumento e o desenrolar da acção de “Sangue do meu Sangue”, uma história de amor e dor passada no seio de uma família atípica, que mora num bairro social, com todos os condicionantes e ingredientes que tal situação suscita, “foi criado com os actores, ao longo de dois anos de trabalho por fases”.

“Para mim, não faz sentido impor uma interpretação a um actor. Partimos, pois, de um mote dado por mim, sobre o qual os actores, em conjuntos separados e sem saberem o que cada um está a personificar, a pensar e a sentir, reagem, improvisando por gestos e palavras, as necessárias e espontâneas”, começou por explicar o cineasta. “A incapacidade de mostrar amor e o amor incondicional foram os temas provocatórios. Cada qual reagiu à sua maneira e impôs uma relação ou outros personagens ou uma acção adequada às emoções que iam sentindo.”

Canijo gravava tudo, com intervalos para digerir a amálgama de emoções encontrada. Transcrevia tudo e aproveitava depois só o que lhe interessava. O argumento foi estruturado cena a cena. Discutida cada uma.

### MANIPULAÇÃO ATRAVÉS DA ESCOLHA DAS CENAS

“Eu orientei as discussões e elas foram ligeiramente manipuladas, para depois o serem na totalidade, quando eu escolhia o que eles haviam dito e feito nas sessões de improvisação”, esclareceu, acrescentando que este processo foi feito por blocos de ensaios com a duração de dois a três meses, em que os actores ganhavam ao preço do

teatro independente, num total de sete meses intervalados, ao longo de dois anos.

“Acabei por fazer também um documentário paralelo ao filme sobre o trabalho do actor, todos os processos mentais que cada um tem”, disse, pormenorizando que, após cada bloco de ensaios, ele ficava quatro meses sozinho e aí escolhia o que queria e escrevia o seu filme, os actores já não tinham nada a ver com isso. “O que fiz foi roubar aos actores o que eles tinham para dar e depois manipular tudo sob o meu ponto de vista”, salientou, para afirmar que “as sessões de discussão acabavam por ser verdadeiras sessões de terapia”. Em suma, o que os actores deram de si foram puras emoções, pois, em seu entender, “os actores não se transformam, usam sempre aquilo que são”. Emoções que Canijo iria trabalhar com as suas técnicas de filmagem, focando e desfocando partes das cenas para levar o olhar do espectador para onde ele quer, e, sobretudo, deixando ouvir o ruído natural dos ambientes criados, ou seja, manter o barulho de duas cenas em simultâneo, por exemplo, para transmitir maior realidade.

### “CAMINHOS DA ALMA” É PRÓXIMO FILME

João Canijo está já a preparar o próximo filme, que já tem título - “Caminhos da Alma”. A ideia simples inicial: um grupo de mulheres que vai de Bragança a Fátima a pé. “Elas vão fazer uma peregrinação e o filme é sobre os limites do sofrimento por razões não compreensíveis. Etapas enormes, febres musculares, tremores, orações e barraquinhas de comes e bebes”, referiu, sublinhando: “Continuarei a focar os mistérios insondáveis da alma portuguesa, que tem uma grande dificuldade em ver-se a si mesma e ao lugar do interior de onde vem”.

*Edite Esteves*

### NUM CONCERTO NOS RECREIOS DA AMADORA COM SONS ÁRABES

#### LUÍSA AMARO HOMENAGEOU CARLOS PAREDES E A GUITARRA PORTUGUESA

No dia do nascimento de Carlos Paredes – conhecido como “o mestre da guitarra portuguesa” – celebrou-se, nos Recreios da Amadora, este instrumento tão característico do nosso país. Luísa Amaro, a guitarrista que durante anos foi a companheira de palco de Paredes,

protagonizou no passado dia 16 de Fevereiro, um concerto onde não só demonstrou a sua paixão pela guitarra portuguesa, pelo seu timbre e pelo seu som, como também a sensibilidade e delicadeza com que dela faz música.

Acompanhada por Gonçalo Lopes, com o clarinete, e por Victor Rodrigues, na percussão característica do Oriente, Luísa Amaro preencheu este fim de tarde com sonoridades reconfortantes. Sonoridades essas que denotam uma forma de compor própria, constituída graças aos 24 anos em que viajou pelo

mundo com Carlos Paredes tocando guitarra clássica nos seus concertos e conhecendo não só outras paisagens, como outras culturas musicais, que incorporou na sua música, agora tão claramente marcada por influências árabes, como por exemplo, o tema “Sons da Lusitânia”. Durante o concerto, Luísa Amaro lembrou uma máxima de Carlos Paredes: “Cada um deve fazer o seu próprio repertório”. Para então “fugir de tudo o que conhecia” e “fazer algo novo” - segundo palavras da própria -, Luísa reuniu para o seu álbum

“Mediterraneos” o som de clarinetes, da percussão do Oriente e do gaitolão (tocado por António Eustáquio, ausente no concerto daquele dia), que dá o toque final na atmosfera árabe. Segundo anunciou Luísa Amaro, no final do ano, haverá novo disco, também ele “diferente de tudo o resto”. À tarde foi ainda inaugurada, no mesmo local, uma exposição documental sobre a vida e obra de Carlos Paredes, intitulada “Guitarra com Génio”, cedida pela Sociedade Portuguesa de Autores, a qual esteve patente até 11 de Março.

AUTORES FALAM DE AUTORES

## Para celebrar 150 anos sobre o nascimento de Claude Debussy Maestro Victorino d'Almeida dá lição magistral sobre o compositor das emoções

Magistral será o termo mais exacto para definir a sessão que o maestro António Victorino d'Almeida proporcionou, no passado dia 27 de Janeiro, aos atentos ouvintes e espectadores da palestra que fez sobre “A influência de Claude Debussy na evolução da música contemporânea”. O seu infinito poder de comunicação, o conhecimento minucioso da matéria, a espontaneidade e técnica soberba com que exemplificou ao piano aquilo que ia transmitindo por palavras curiosas, a sua entrega feliz e rigorosa do estudo que fez acerca da dissertação transformaram aquele fim de tarde, no auditório da SPA, num salutar banho de sensações harmoniosas. “Notável!”, como ouvimos a nosso lado, na rendida assistência. Entrelaçando os passos da vida do compositor francês com exemplificações ao piano e com a passagem de extractos de peças do autor, que emudeceram por completo a sala, tal a atenção que lhes foi dedicada, Victorino d'Almeida explanou com aquele fulgor que lhe conhecemos as principais influências da música de Debussy sobre e sob outros pares, não esquecendo de transmitir no seu estilo brincalhão e irónico “caixas” e histórias, algumas rocambolescas, acerca deste e daquele compositor entre os que pululavam no final do século XIX, princípios do século XX.

Debussy criou a sua própria linguagem musical, desenvolvendo um sistema original de harmonia e estrutura musicais inspirados nos pintores impressionistas e poetas simbolistas do seu tempo, conforme muito bem explicou e exemplificou o maestro, começando por falar da influência do mar em Debussy. De facto, Debussy, aos 11 anos, ainda não sabia ler. Era um pé descalço de um bairro de lata. O pai era marinheiro e a mãe abandonou-o, tendo que pedir esmola nas ruas, mas teve a sorte de ser acolhido e ensinado por um senhor rico, que lhe proporcionou educação para vir a ser um compositor respeitado e de grande força técnica e emocional, a par de Ravel ou de Chopin, de Bela Bartok ou de Prokofiev



Foto: Alfredo António

e mesmo de Manuel de Falla de quem teve, decerto, influência na sua obra “Ibéria”, parte da qual pôde ser ouvida no auditório da SPA.

### A influência do mar na sua obra

“La Mer” foi a peça orquestrada pelo próprio Debussy – e ele orquestrou poucas – que

### UM DOS MAIORES CINEASTAS PORTUGUESES DO NOSSO TEMPO

#### JORGE LEIÃO RAMOS DISSECA OBRA DE FERNANDO LOPES

O crítico de cinema Jorge Leitão Ramos, que também é Presidente do Conselho Fiscal da SPA, falou, dentro deste Ciclo Autores Falam de Autores, no passado dia 15 de Março, do cineasta Fernando Lopes. Poucos dias volvidos sobre a estreia da sua mais recente longa-metragem, “Os Sorrisos do destino”, Jorge Leitão Ramos disseca, literalmente, através da projecção de vários filmes significativos da sua carreira, a obra de Fernando Lopes, que o palestrante classificou como sendo “um dos maiores cineastas portugueses do nosso tempo”. “Para mim, ele é uma espécie de pai da geração do cinema novo, o cineasta mais consensual, que nunca se enfeudou a grupos, que sempre fez a ponte entre os mais comerciais e os mais autorais”, referiu Jorge Leitão Ramos, acrescentando que “uma coisa que falta à obra de Fernando Lopes é uma dimensão internacional, que teria merecido.” Por outro lado, ele gostaria de poder ter feito um musical, mas só uma grande indústria suportaria tal desejo, por isso ficou-se

por alguns assomos dentro das películas, nomeadamente em “A Crónica dos Bons Malandros”.

Incisiva, curta e eficiente, a palestra de Jorge Leitão Ramos, que, por encomenda da Administração da SPA, vai publicar, ainda este ano, uma biografia de Fernando Lopes, deixou a assistência esclarecida, aplaudindo o homenageado, que, por motivos de saúde, não pôde estar presente.

Jorge Leitão Ramos assina também nesta edição da Autores um meticuloso dossiê sobre o cinema português e a sua divulgação pela SPA. Trata-se de um primeiro programa no âmbito do Fundo Cultural da AGE COP, que concede financiamento para ajudar a viabilizar edições em DVD (ou em Blu-Ray) de longas-metragens documentais ou de ficção, cuja produção seja anterior a 1990. EE

### LANÇADO NONO CD DE MÚSICOS PORTUGUESES DO SÉCULO XX APOIADO PELA SPA

#### ÁLVARO CASSUTO DISSERTA SOBRE JOLY BRAGA SANTOS

Para dar uma nova dimensão e novo fulgor a grandes obras sinfónicas de

compositores portugueses do século XX, todos eles membros desta casa de autores – “dos Estados Unidos da América têm sido recebidas críticas muito significativas” – a SPA tem apoiado através do seu Fundo Cultural um projecto de grandes dimensões dirigido e coordenado pelo maestro Álvaro Cassuto, conforme temos vindo a anunciar na Autores e agora demos conta mais pormenorizada numa sessão realizada na SPA, no dia 15 de Fevereiro. “Trata-se de um projecto de recuperação, apresentação e lançamento sistemático de obras de grandes compositores portugueses do século XX, como Luís de Freitas Branco e Joly Braga Santos, com a colaboração da Orquestra Sinfónica de Dublin”, referiu o Presidente da SPA, salientando que se “este é um projecto único e exemplar de um dos grandes compositores contemporâneos – Álvaro Cassuto – que não quer deixar cair no esquecimento outros grandes compositores portugueses do seu tempo ou anteriores”.

Aproveitando o lançamento nesta sessão de mais um CD deste projecto, o nono sobre Joly Braga Santos, Álvaro Cassuto dissertou sobre o grande compositor de música erudita portuguesa que ele foi – “o compositor português com mais

talento com orquestra, que sabia mexer numa orquestra como hoje alguns nos computadores” – e cujas peças musicais, algumas, integram esta obra ora posta à disposição do público nacional e internacional, entre outros, com o apoio do Fundo Cultural da SPA, através da maior etiqueta mundial de música clássica, a Naxos, que tem recebido e divulgado os CDs deste projecto com grande prestígio e interesse. “Desta forma – reforçou Cassuto – estas obras valiosas e normalmente esquecidas, depois de ouvidas em Portugal uma vez, podem ser assim ouvidas por milhares de pessoas e milhares de vezes”.

De facto, de acordo com José Jorge Letria, é muito estimulante e encorajador o empenhamento e a forma criteriosa e competente com que Álvaro Cassuto tem feito este trabalho e o retorno altamente positivo do seu lançamento, que, segundo assegurou, deverá prosseguir com obras de outros compositores portugueses a gravar.

Na sessão, Cassuto fez ouvir extractos das peças deste CD “Abertura Sinfónica n.º3”, “Elegia a Viana da Mota”, “Alfama”, “Variações ara Orquestra” e “Três Esboços Sinfónicos”. EE

## SEIS DÉCADAS DE FOTOJORNALISMO NO OLHAR DO “CAÇADOR DE INSTANTES” JOÃO RIBEIRO

Uma exposição dedicada à obra de João Ribeiro, de 85 anos, pioneiro do fotojornalismo em Portugal e sócio n.º 1 do Sindicato dos Jornalistas, cujo cartão ele mostra com orgulho evidente numa das fotografias que serviram de apoio documental ao evento, foi inaugurada no dia 19 de Janeiro, na Sala-Galeria Carlos Paredes, da Sociedade Portuguesa de Autores, em Lisboa.

A mostra, organizada pelo fotojornalista Inácio Ludgero e com concepção plástica de Fernando Filipe, reuniu uma selecção das fotografias mais importantes captadas por João Ribeiro ao longo de seis décadas de actividade como fotojornalista. E não só. Congregou à sua volta, no dia da inauguração, um número considerável dos seus mais conhecidos pares na fotografia jornalística. “Estou muito emocionado!”, confessaria à Autores, com os seus olhos azuis claros, de uma limpidez igual à alma, quando quiseram todos tirar uma fotografia com o João Ribeiro, para mais tarde poderem recordar o momento.

As imagens de “João Ribeiro: o Homem e o seu Olhar - a Magia do Instante” foram publicadas ao longo de seis décadas n’O Século, n’O Século Ilustrado, no Diário Ilustrado, n’A Capital e no Jornal Notícias, entre outros.

Ilustram momentos importantes e factos de referência da história portuguesa como a inauguração do Estádio 28 de Maio em Braga, em 1950, a queda da placa da Estação do Cais Sodré em Maio de 1963, um discurso do Papa Pio XII, no Vaticano, em Junho de 1947, o incêndio do Chiado em Agosto de 1988, a visita de Isabel II de Inglaterra a Portugal em 1951, e a Revolução de 25 de Abril de 1974.

João Ribeiro trabalhou no Diário Ilustrado com



Foto: Alfredo António

outros fotojornalistas que viriam a fazer história nesta área, como Firmino dos Santos, inicialmente, e depois Eduardo Baião e Eduardo Gageiro.

“João Ribeiro soube combinar como poucos a condição de repórter fotográfico com a de autor de fotografias, embora a modéstia e a própria natureza do seu ofício o tenham levado sempre a subalternizar a segunda faceta do seu trabalho”, refere uma nota emitida no mesmo dia pelo Presidente da SPA e também ele jornalista. “A exposição constitui uma justa homenagem, a quem, ao longo de mais de seis décadas, soube elevar o trabalho de fotojornalista à dimensão intemporal das obras que resistem à voragem do tempo”.

José Jorge Letria sublinhou, na ocasião, que esta homenagem serviu também “para mostrar a importância que a SPA atribui aos criadores fotográficos e ao valor cultural, artístico e sociológico do seu trabalho”. EE

### FERNANDO ALVIM RECEBE MEDALHA DE HONRA DA SPA

## “UM INSTRUMENTISTA SUBTIL, PONDERADO E COM UMA PRODIGIOSA EFICÁCIA”

“Subtil, discreto, ponderado, com um traço de elegância e de grandeza e com uma prodigiosa eficácia” foram as expressões mais ouvidas na tarde do dia 6 de Fevereiro, no auditório principal da SPA, para definir o perfil do consagrado violista e compositor Fernando Alvim. Do alto dos seus delicados 76 anos, Alvim, com a viola de fado na mão, sorria e agradecia sereno, inclinando a cabeça branca num leve movimento. Figura mui grata da música portuguesa, particularmente do fado e do jazz, um dos seus sonhos, o viola que formou com Carlos Paredes, durante muitos anos, uma dupla incomparável, foi o centro de uma justa homenagem que a Sociedade Portuguesa de Autores lhe fez e que culminou com a entrega da Medalha de Honra da cooperativa pelo seu Presidente, José Jorge Letria. “Esta é uma forma de reconhecimento pelo trabalho de décadas ao serviço da dignificação da música portuguesa”, afirmou o Presidente da SPA e seu companheiro de lides musicais, há quase 40 anos, quando andavam juntos a tocar e a cantar por essa Europa fora e por Portugal, no fulgor revolucionário, os dois, o José Barata Moura, o Carlos Paredes, o Zeca Afonso e o Adriano Correia de Oliveira. José Jorge Letria lembrou vários episódios passados nessa altura e, em especial, a ligação quase cerimoniosa que Fernando Alvim e Carlos Paredes mantinham, apesar dos inúmeros passos irmanados que os dois percorriam na música, formando uma dupla genial. Uma simbiose perfeita que o maestro António Victorino d’Almeida haveria de salientar, qualificando-os como “dois monstros sagrados da música”, “duas figuras cuja ligação ficará na história da música em geral e não só na portuguesa”. E sobre o homenageado ainda disse, empolgado: “Sempre admirei no Alvim a sua prodigiosa eficácia!” A jovem fadista Cristina Branco, por seu turno, que tem cantado com Alvim a acompanhá-la, agradeceu os seus ensinamentos e enalteceu a sua qualidade de “não ter querido parar no tempo”. “Alvim é um homem virado para o futuro e é uma mais-valia aquilo que ele continua a dar-nos”. Modesto e discreto, Fernando Alvim, ao agradecer a honra da medalha da SPA, pretendeu descer a uma condição de mero acompanhante, mas Victorino D’Almeida não deixou: “Não há vaidade ou modéstia no acto de praticar música, não há acompanhantes, um complementa o outro e foi isso que sempre aconteceu, dando-se asas para poderem voar livres nos seus dedilhares. Fernando Alvim tem-se destacado no fado, mas o seu percurso evidencia referências do jazz e da bossa-nova e, nos últimos anos, tem desenvolvido o projecto que há muito acalentava, intitulado “A Guitarra Portuguesa encontra o Jazz”. EE

encetou a sessão, para que se pudesse verificar a influência do mar nas suas composições, quicá pela própria profissão do pai. Uma passagem de “O diálogo entre o vento e as ondas” deixou toda a assistência embalada nos cambiantes de cor e atmosfera do mar, ao longo das várias horas do dia que Debussy quis e conseguiu transmitir nesta e noutras obras, como por exemplo “Jogos de água” e “Ondine”.

“É uma orquestração épica, prodigiosa!”, comentou no final o palestrante, referindo que o jazz também teve influência nas suas composições. E mais, acrescentou: “Sendo um compositor com uma certa austeridade – não há melodia nas suas músicas, por norma -, Debussy inspirou-se, igualmente, na música ligeira, de cabaré”.

De seguida deixou o público ficar a ouvir parte de “A mais que lenta”, uma valsa de autoria de Debussy que considerou “uma das mais bonitas que já ouvi” e em que, curiosamente, ele utiliza o címbalo, um instrumento húngaro tocado directamente com martelos nas cordas. Ele, “o criador das atmosferas oníricas e etéreas” que dizia, em relação ao piano: “A minha música deve ser encarada como se o piano não tivesse cordas, nem martelos, nem teclas, nem até o pianista tivesse dedos...”. De facto, “nesta valsa – diz Vitorino d’Almeida - que não é vienense, nem parisiense e que tem uma única frase musical genial, quase que numa perversidade, nós sonhamos!”

Depois do momento em que o maestro Victorino d’Almeida demonstra de forma notável ao piano a música de Falla e as influências da Espanha e da Ibéria no compositor em foco, dá por terminada a sessão com uma peça diferente do seu par Claude Debussy: “A ilha alegre”. Aqui, conforme disse o palestrante, “sente-se bem como Debussy, que não era um homem simpático e alegre, por natureza, é o compositor das emoções, das sensações – ele bem dizia que foi e é sempre impressionista”.

Nesta peça, que tem uma versão para piano ou orquestra, com que encerrou a magnífica lição, o maestro Victorino d’Almeida fez notar que “esta é uma das raras obras de Debussy em que ele se abre totalmente”. “É uma explosão de alegria, de sensualidade e de erotismo puro”, com que a dizer “não se pode ser mais feliz do que eu fui neste período em que vivi esta experiência”.

Edite Esteves

# AUTORES MAIS



100 pontos  
na adesão ao cartão FNAC  
[www.fnac.pt](http://www.fnac.pt)



Um conjunto de descontos proporcionados aos associados, seus cônjuges e filhos.  
[www.universidade-autonoma.pt](http://www.universidade-autonoma.pt)  
tel. 800 291 291



O Plano Pro-cooperadores contempla significativas vantagens num tarifário apelativo.  
contactar:  
[manuel.teixeira@vodafone.pt](mailto:manuel.teixeira@vodafone.pt)



Seguro de saúde para autores com menos de 45 anos.  
[www.casadaimprensa.pt](http://www.casadaimprensa.pt)  
Tel. 21 342 02 77/78



Descontos em todas as lojas de 20% em óculos graduados (aros e lentes); 15% em óculos de sol; 10% em lentes de contacto, líquidos e outro material óptico. [www.optivisao.pt](http://www.optivisao.pt)



10% de desconto na tarifa promocional nas viaturas de passageiros, de viaturas comerciais e na tarifa promocional internacional. Para reservas (contrato nº 50432483) [www.europcar.pt](http://www.europcar.pt)  
tel. 351 21 940 77 90  
Email: [reservas@europcar.com](mailto:reservas@europcar.com)

“Autores Mais” é um benefício exclusivo dos autores da SPA e não representa nenhum custo adicional para os sócios. Para informações mais detalhadas contactar os serviços.



20% desconto pela utilização do estúdio.  
[www.mdlestudios.com](http://www.mdlestudios.com)  
Para marcações:  
Telm : 93 400 59 24  
Email: [celiacosta@mdlestudios.com](mailto:celiacosta@mdlestudios.com)



15% desconto de sobre os preços em vigor, em todos os serviços (Banhos Relaxantes, Massagens Terapêuticas, Acupuntura e outras Terapias Alternativas). Pacotes de serviços com um preço especial.  
Para marcações contactar: Vanessa  
Telefone: 217157010  
Telemóvel: 917448484  
[www.nipon-terapias.com](http://www.nipon-terapias.com)



Oferta de inscrição inicial, existindo apenas o pagamento de 25€ para despesas administrativas e testes iniciais 10% na mensalidade em todos os clubes do país.  
[www.holmesplace.pt](http://www.holmesplace.pt)



Descontos de 30 e 45% na assinatura anual e bi-anual, respectivamente, nas publicações Visão, Expresso Exame, Jornal de Letras, Courier Internacional, Activa, Casa Cláudia e Exame Informática.



10% de desconto no alojamento HOTEL LISBOA CENTRAL PARK  
Morada: Av. Sidónio Pais, nº 4  
1050-214 Lisboa  
Email: [info@lcpark.com](mailto:info@lcpark.com)  
RESERVAS: Tel.: 21 350 2060  
FAX: 21 352 6703 / 21 356 2144



Serviço de entregas ao domicílio  
Produtos de Agricultura Biológica  
5% de desconto sobre o PVP na aquisição de produtos  
[www.biocoop.pt](http://www.biocoop.pt)  
219 410 479  
Rua Salgueiro Maia, 12  
2685-374 Figo Maduro  
Prior Velho



Fabricantes de CD's, DVD's, PENs/, USBs  
10% de desconto em todos os trabalhos  
[www.mpo-pt.com](http://www.mpo-pt.com)  
tel: 21 859 2854  
Email: [geral@mpo-pt.com](mailto:geral@mpo-pt.com)



**Ser sócio ACP é ter:**

Médico em casa por apenas 10€, mecânicos aptos para assistir a viatura no local, técnicos de assistência no lar, escola de condução com elevada taxa de sucesso, apoio jurídico, seguros nas melhores condições do mercado, facilidade para tratar da documentação, combustíveis mais baratos, bilhetes de cinema a preços de 2ª feira, descontos em parceiros por todo o país e muito mais!

ACP? Claro que sou sócio!

Oferta: Para SPAUTORES na adesão ao ACP: Isenção de Jóia e 10% na 1ª anuidade

Vá já uma delegação ACP ou ligue **707 509 510**, atendimento 24h.

[www.acp.pt](http://www.acp.pt)

Com o objectivo de proporcionar sempre mais e melhores serviços aos autores, a Administração da SPA acaba de reforçar o serviço "Autores Mais", fruto de um longo trabalho de negociações e pesquisa de parcerias.

Através desta rubrica os cooperadores e beneficiários da nossa cooperativa passam a usufruir de condições especiais e de importantes vantagens de utilização relativamente a prestigiadas marcas de bens e serviços da sociedade portuguesa, mediante a apresentação do cartão de sócio da SPA.

Os acordos estabelecidos até ao momento englobam:



Pestana Sintra Golf



Pousada de Guimarães - Santa Marinha



***Dê um desconto à rotina & desfrute de umas mini-férias com 10% de desconto.***

**Marque a sua estadia num Pestana Hotel & Resort ou numa Pousada de Portugal e aproveite os 10% de desconto para leitores da Revista SPA.**

Não acumulável com outras promoções, cartões ou descontos em vigor.

Reserve através da central de reservas 282 240 001, do e-mail [reservas.portugal@pestana.com](mailto:reservas.portugal@pestana.com) ou nos sites [www.pestana.com](http://www.pestana.com) e [www.pousadas.pt](http://www.pousadas.pt) com a inserção do código: 11210UC9D.

INFORMAÇÕES E RESERVAS

282 240 001  
[reservas.portugal@pestana.com](mailto:reservas.portugal@pestana.com)



Descubra as vantagens exclusivas para membros do programa

PESTANA  
PRIORITY  
GUEST

**PEDRO OSÓRIO (1939-2012)****UM APAIXONADO  
DA MÚSICA E DA VIDA**

Todo ele era um indefectível apaixonado pela expressão musical nas suas mais diversas vertentes, pelo rigor, mas também pela "aventura" frutífera das tecnologias emergentes, que o seduziam. Trabalhador determinado e entusiasta, Pedro Osório nunca desistia dos seus objectivos. Mesmo quando eles se lhe apresentavam no

limite do impossível. E a maior prova foi o seu esforço sobre-humano para continuar vivo e sempre com um sorriso nos lábios. Uma luta até ao fim, sem descanso. O seu último projecto musical – o álbum "Cantos da Babilónia" -, que considerou "o melhor que já tinha feito", arrebatou-o de forma indescritível. Tal como o respectivo vídeo de promoção que teimou em realizar e produzir "com a prata da casa". E o Prémio Pedro Osório, acabado de atribuir a Jorge Palma, que foi ainda aprovado por si e "só não contou com a sua colaboração na elaboração do regulamento, porque isso seria uma despedida antecipada", como disse o Presidente da SPA. Até a música de sua autoria para a orquestra dirigida pelo maestro Jorge Costa Pinto tocar na Gala foi ele quem a escolheu... Enfim, um apaixonado integral da vida. Por isso, as homenagens não param. Segundo anunciou José Jorge Letria, estão em preparação um documentário e um livro sobre esta grande figura da música nacional, que nos abandonou, por fim, no dia 5 de Janeiro, e que deverá ainda ser evocada com uma grande exposição retrospectiva. EE

**PESAR DA SPA  
DIRECTOR E ADMINISTRADOR DA COOPERATIVA ENTRE 2003 E 2010**

A Direcção e Administração da SPA manifestam o seu profundo pesar pelo falecimento, ao final da tarde do passado dia 5, do Maestro Pedro Osório, que integrou aqueles dois órgãos da cooperativa entre finais de Setembro de 2003 e Dezembro de 2010, tendo sido um elemento marcante no processo de modernização da cooperativa desenvolvido nos últimos anos.

Pedro Osório, nascido no Porto a 17 de Julho de 1939, destacou-se como compositor, orquestrador e director de orquestra, integrando formações como o Quinteto Académico, o Quinteto Académico+2, o Trio Barroco, o Grupo Outubro e o Grupo "SARL". Tendo orquestrado e dirigido discos dos nomes mais importantes da música portuguesa, Pedro Osório representou Portugal no Festival da Eurovisão, em 1996, com a canção "O Meu Coração Não Tem Cor", com música sua, letra de José Fanha e interpretação de Lúcia Moniz. Foi, durante anos, director musical do Casino Estoril e director musical de vários "shows" ali apresentados com grande êxito.

Dirigiu musicalmente para a televisão programas como "Curto-Circuito", "O Tempo em que Você Nasceu", "Noites de Gala" e "Casino Royal", entre outros. Foi ainda director musical de espectáculos como "Só Nós Três", "Quatro Caminhos" e "As Canções do Século". Integrou, em Setembro de 2003 a lista que venceu as eleições para os corpos sociais da SPA, tendo integrado a Direcção e Administração até ao fim de Dezembro de 2010. Foi responsável por áreas como a Informática, a Distribuição, a Execução Pública, a Documentação e o Portal, em todas tendo deixado a marca da sua exigência e competência profissionais. Em representação da SPA, exerceu em 2010 a presidência da AGECOP (Associação para a Gestão da Cópia Privada). Agraciado em 1994 com a Ordem do Infante pelo Presidente Mário Soares, foi distinguido em 2011 pela Ministra da Cultura, Gabriela Canavilhas, com a Medalha de Mérito Cultural, e em 10 de Junho de 2011 com a Ordem da Liberdade pelo Presidente Cavaco Silva. Em 2010 foi editado pela Câmara de Oeiras o livro "Memórias Irrisórias com Algumas Glórias", prefaciado por José Jorge Letria, que reúne algumas dezenas de crónicas suas sobre música. Esta colectânea é uma verdadeira memória musical de cinco décadas da vida e do trabalho artístico de Pedro Osório. A vasta discografia de Pedro Osório teve como remate a edição, em finais de 2011, do CD "Cantos da Babilónia", criado e produzido pelo músico e compositor e que atingiu uma posição cimeira nas tabelas de vendas nacionais. À data da morte, o músico compunha novas canções e preparava uma sessão de apresentação do seu novo disco na SPA. Ainda em vida de Pedro Osório, a Direcção da SPA aprovou a criação de um prémio musical com o seu nome, cujo regulamento será oportunamente divulgado. O corpo de Pedro Osório estará em câmara ardente na sala-galeria Carlos Paredes da SPA a partir de hoje, sexta-feira, às 16 horas, seguindo o funeral ao fim da manhã de sábado para o Cemitério do Alto de São João, onde será cremado. Nesta hora de perda, a Direcção e Administração da SPA destacam o extraordinário exemplo de dedicação de Pedro Osório à cooperativa e à sua modernização e testemunham à sua família o mais sentido pesar e solidariedade, tendo sempre presente o amigo e companheiro cuja morte representa uma grande perda para a vida cultural e artística portuguesa.

Lisboa, 6 de Janeiro de 2012  
A Direcção e o Conselho  
de Administração da SPA

**IGREJAS CAEIRO (1917-2012)****INCANSÁVEL  
COMPANHEIRO DA ALEGRIA**

Para muitos portugueses, Igrejas Caeiro foi, ao longo dos seus 94 anos, o símbolo da boa-disposição e do cavalheirismo de voz melodiosa, e também da luta política antifascista. Mesmo quando as forças lhe começaram a faltar, o popular radialista, produtor, realizador, locutor e actor em várias frentes artísticas fazia gosto em estar presente em todas as actividades culturais e cívicas, mormente, nas que a SPA organizava.

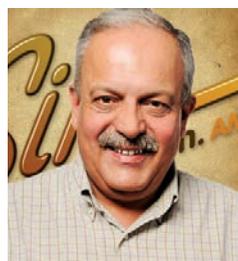
Casado, durante mais de 60 anos, com a actriz Irene Velez, falecida em 2004, formava com ela um par inseparável também na arte de Talma e afins. Irene era a famosa Lelé dos diálogos de O Zequinha e a Lelé, com Vasco Santana, que Igrejas Caeiro produziu para o seu programa, primeiro ao vivo em directo de cinemas e teatros e depois, proibido que foi por Salazar, gravados numa cabina de som da Radiodifusão Portuguesa. Com textos originais de Anibal Nazaré e Nelson de Barros, os diálogos eram apresentados em Os Companheiros da Alegria e no programa Comboio das 6 e 30, também por Igrejas Caeiro.

José Jorge Letria diria, na inauguração da exposição retrospectiva que a SPA organizou no último trimestre de 2007 em sua homenagem e que agora vai voltar à casa que também foi sua durante muito tempo para o recordar, que "Igrejas Caeiro continua, para muita gente, a ser o Companheiro da Alegria, porque fez do acto de comunicar uma forma de ajudar a sonhar e a viver aqueles para quem a liberdade muito tardou, mas para quem a esperança nunca morreu". Ele, no entanto, já faleceu. No dia 19 de Fevereiro de 2012. EE

**CARTÃO DE PESAR DA SPA**

A Direcção e a Administração da Sociedade Portuguesa de Autores manifestam o mais sentido pesar pelo falecimento, hoje, domingo, dia 19, de Francisco Igrejas Caeiro, seu cooperador há décadas e um dos nomes mais marcantes e populares da rádio, do teatro, do cinema e da televisão em Portugal. Nascido em Castanheira do Ribatejo em 18 de Agosto de 1917, Igrejas Caeiro estreou-se como actor no Teatro Nacional de D. Maria em 1940. Em 1946 torna-se actor de cinema no filme "Camões", de Leitão de Barros. Como autor, apresentador e empresário, concebeu e difundiu, com assinalável êxito, os programas "Os Companheiros da Alegria" e "O Comboio das 6 e Meia". Foi entretanto afastado da rádio pela ditadura, devido a declarações produzidas na altura da ocupação militar dos territórios que Portugal detinha na Índia, regressando à rádio, após o 25 de Abril, designadamente como director de programas. A sua passagem pela rádio permitiu-lhe ainda realizar centenas de entrevistas com as mais importantes figuras da vida cultural, artística e cívica portuguesa. Em 1969 fundou o Teatro Maria Matos, que dirigiu com a preocupação de captar novos públicos e de consagrar os dramaturgos portugueses. Militante do PS, foi deputado à Assembleia da República e vereador da Câmara Municipal de Cascais. A SPA, cuja vida acompanhou sempre de forma empenhada, atribuiu-lhe o Prémio de Consagração de Carreira em 2005 e também a sua Medalha de Honra, dedicando-lhe uma grande exposição retrospectiva em 2007. Mesmo debilitado pela doença, Francisco Igrejas Caeiro acompanhou as actividades da SPA até quase ao final da vida.

Lisboa, 19 de Fevereiro de 2012  
O Conselho de Administração

**JOSÉ LA FÉRIA (1953-2012)****O GRANDE DINAMIZADOR DO FADO**

José La Féria, realizador de rádio e produtor das últimas edições da Grande Noite do Fado de Lisboa e do Porto, uma iniciativa da Casa da Imprensa, faleceu ao princípio da manhã do passado dia 21 de Março, no Estoril, vítima de doença súbita. Colaborador estimado naquela casa de jornalistas e também cooperador da SPA, José La Féria comemorara, recentemente, 40 anos de carreira como locutor. Tinha 59 anos de idade e uma voz inconfundível. "Profissional extraordinário, era para a toda a equipa um porto seguro", adiantou a directora da Rádio Sim, onde José La Féria trabalhava

desde há três anos, realizando os programas "Praça Central" e "Casa de Fados". Dina Isabel começara, exactamente, nas lides radiofónicas com ele, na Rádio Comercial. Aliás, foi nesta estação que José La Féria trabalhou também com João David Nunes, então seu director. "Era um excelente profissional de rádio, muito competente, e sobretudo um cavalheiro, o que vai rareando", disse à Autores aquele membro da Direcção da SPA. "E era um defensor dos autores e da música portuguesa, nos tempos em que nem sequer passava na rádio a nossa música". A Associação Portuguesa Amigos do Fado, com a qual colaborou, lamentou a morte do locutor e sublinhou o seu papel como "dinizador e divulgador do fado, do qual era uma grande apreciador e conhecedor". O corpo de José La Féria esteve em câmara ardente na igreja S. João de Deus, na Praça de Londres, em Lisboa, onde no dia seguinte, foi celebrada missa de corpo presente, seguindo o funeral para o cemitério do Alto de S. João, onde se realizou a cerimónia de cremação. EE

**COM CONFIANÇA EM 2012  
PARA QUE A MENSAGEM DO DIA TEATRO  
TORNE POSSÍVEL VIVER  
COM ALEGRIA E AMOR**

A arte da comunicação por excelência, desde as tragédias gregas que, com o apoio da música e da dança, comentavam o vivido e anunciavam o futuro, o teatro interage com os espectadores, chama-os a uma apaixonada participação, que se traduz em aplausos, outras vezes, raramente, em assobios e pateadas.

Quando a barreira entre o público e a plateia desaparece, consuma-se a vivência profunda do teatro.

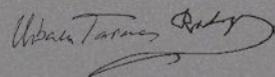
É assim o espectáculo teatral um instrumento riquíssimo de educação colectiva e até de formação dos espectadores.

O seu interesse pedagógico e vital mantém-se na passagem à televisão e mesmo ao cinema mas não há como a presença física, corporal que confere ao teatro o seu poder educacional e político. Arte da polis, da cidade ou, em termos muito correctos de formação do ser humano.

O teatro, o teatro verdadeiramente popular, na mais nobre acepção da palavra, é, deve ser, um meio de formação, desalienante, que acautela o espectador contra a propaganda mentirosa de uma sociedade sem valores que visa aliená-lo, para o utilizar como coisa ao serviço de uma máquina triturante de falsos valores económicos.

Vem o teatro ao encontro do povo, que saberá amiúde e por ele, com ele, transformar a vida, torná-la mais bela, mais humana, mais digna de ser vivida com alegria e amor.

Tal é o desejo profundo de  
**Urbano Tavares Rodrigues**



27 de março de 2012

dia  
mundial do  
**t**eatro



Cenas de "Purga", da autora finlandesa Sofi Oksanen, que esteve em cena no Teatro Aberto em 2011, com encenação de João Lourenço e em que foram protagonistas Irene Cruz, Patrícia André e Ana Guiomar, esta uma das nomeadas, com este papel para o Prémio Autores de Melhor Actriz de Teatro na Gala deste ano

Fotos DR



GALA JUNTA  
MODERNIDADE  
E TRADIÇÃO

